

Daniel Pennac

DIÁRIO  
DE  
ESCOLA

Tradução de  
LENY WERNECK

Rocco

66056

Título original  
CHAGRIN D'ÉCOLE

Copyright © Éditions Gallimard, 2007

Direitos para a língua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Avenida Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais  
CARLOS NOUGUÉ

2ª edição

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P461d Pennac, Daniel, 1944-  
Diário de escola / Daniel Pennac; tradução de Leny  
Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: Chagrin d'école.  
ISBN 978-85-325-2372-3

1. Pennac, Daniel, 1944-. 2. Escritores franceses –  
Biografia. 3. Educação – França. I. Werneck, Leny.  
II. Título.

08-2863

CDD-848

CDU-821.133.1-94

EDIÇÃO ATUALIZADA CONFORME  
O ACORDO ORTOGRÁFICO DE 2008.

## Sumário

- I. O lixão de Djibuti / 9
- II. Vir a ser / 37
- III. Lá ou o presente de encarnação / 89
- IV. Você faz isso de propósito / 149
- V. Maximilien ou o culpado ideal / 169
- VI. O que amar quer dizer / 201
- Agradecimentos / 237
- Sobre escolas / 238

I

# O LIXÃO DE DJIBUTI

*Estatisticamente tudo se explica,  
pessoalmente tudo se complica.*

Começamos pelo epílogo: mamãe, quase centenária, olhando um filme sobre um autor que ela conhece bem. Pode-se ver o autor em sua casa, cercado de seus livros, na biblioteca que é também o seu escritório. A janela está aberta para um pátio de escola. Algazarra de recreio. Fica-se sabendo que durante 25 anos o autor exerceu o ofício de professor e que, se ele escolheu esse apartamento dando para dois pátios de recreio, foi à maneira de um ferroviário que fosse se aposentar em cima de uma estação de triagem. Em seguida, vê-se o autor na Espanha, na Itália, conversando com seus tradutores, fazendo brincadeiras com amigos venezianos e sobre o platô de Vercors, caminhando solitário, na bruma das altitudes, falando de ofício, língua, estilo, estrutura romanesca, personagens... Novo escritório, dessa vez aberto para o esplendor alpino. Estas cenas são pontuadas por entrevistas de artistas que o autor admira, e que falam, eles mesmos, de seus trabalhos: o cineasta e romancista Dai Sijie, o desenhista Sempé, o cantor Thomas Fersen, o pintor Jürg Kreienbühl.

De volta a Paris: agora, o autor está diante de seu computador e no meio dos dicionários, pelos quais tem paixão, diz. Aliás, fica-se sabendo, e esta é a conclusão do filme, que ele entrou no dicionário Robert, na letra P, sob o sobrenome de Pennac, tirado de seu sobrenome inteiro Pennacchioni, nome Daniel.

Mamãe, então, olha esse filme na companhia de meu irmão Bernard, que o gravou para ela. Ela olha do começo ao fim, imóvel na sua poltrona, o olhar fixo, sem dizer uma palavra, enquanto a noite cai.

Fim do filme.

Créditos.

Silêncio.

Depois, virando-se lentamente para Bernard, ela pergunta:

- Você acha que um dia ele vai dar certo?

É que fui um mau aluno, e ela nunca conseguiu se recuperar. Hoje, que sua consciência de senhora muito velha deixa as praias do presente para refluir docemente para os distantes arquipélagos da memória, os primeiros recifes a ressurgir a fazem lembrar aquela inquietação que a consumiu durante toda a minha escolaridade.

Ela me lança um olhar preocupado e, lentamente:

– O que é que você faz na vida?

Desde cedo, o meu futuro lhe pareceu tão comprometido que ela nunca se sentiu totalmente segura do meu presente. Sem destino futuro, eu não lhe parecia preparado para durar. Eu era seu filho precário. Entretanto, ela sabia que eu tinha dado certo desde aquele mês de setembro de 1969, quando entrei na minha primeira sala de aula na qualidade de professor. Mas, durante as décadas que se seguiram (quer dizer, durante toda minha vida adulta), sua preocupação resistiu secretamente a todas as “provas de sucesso” que lhe traziam meus telefonemas, minhas cartas, minhas visitas, os lançamentos de meus livros, os artigos de jornais ou minhas passagens nos programas de televisão de Pivot. Nem a estabilidade de minha vida profissional, nem o reconhecimento de meu trabalho literário, nada de tudo o que ela escutava sobre mim, contado pelos outros ou que ela pudesse ler na imprensa, nada disso a tranquilizava realmente. É claro que ela ficava contente com meus sucessos, falava deles com amigos, comentava que meu pai, morto antes de os conhecer, teria ficado feliz, mas no fundo do seu coração restava a ansiedade causada pelo mau aluno do começo. Assim se exprimia seu amor de mãe; quando eu a provocava sobre as delícias das preocupações maternas, ela respondia lindamente, fazendo graça à moda de Woody Allen:

– O que é que você quer? Nem todas as judias são mães, mas todas as mães são judias.

E hoje, quando minha velha mãe judia não vive muito mais no presente, é de novo esta preocupação que exprimem seus olhos quando pousam sobre o seu caçula de sessenta anos. Uma preocupação que teria perdido sua intensidade, uma ansiedade fóssil, que nada mais é que um hábito em si mesma, mas que permanece suficientemente viva para que mamãe me pergunte, a mão em cima da minha, no momento em que vou embora:

– Você tem um apartamento em Paris?

Então, eu era um mau aluno. A cada final de tarde de minha infância, eu voltava para casa perseguido pela escola. Meus boletins contavam a reprovação dos meus mestres. Quando não era o último da turma, eu era o penúltimo. (Champanhe!) Fechado primeiro para a aritmética e logo em seguida para a matemática, profundamente disortográfico, resistente à memorização de datas e à localização dos lugares geográficos, inapto para a aprendizagem de línguas estrangeiras, com reputação de preguiçoso (lições não aprendidas, trabalho não feito), eu levava para casa resultados lamentáveis que não eram compensados com a música nem com o esporte. Aliás, com nenhuma atividade paraescolar.

– Você entende? Será que ao menos você *entende* o que eu estou explicando?

Eu não entendia. Esta inaptidão para entender remontava a tão longe, na minha infância, que a família tinha imaginado uma lenda para datar as origens: meu aprendizado do alfabeto. Sempre ouvi dizer que fora preciso um ano inteiro para eu reter a letra *a*. A letra *a*, em um ano. O deserto de minha ignorância começava a partir do intransponível *b*.

– Nada de pânico, dentro de vinte e seis anos ele vai dominar perfeitamente o seu alfabeto.

Assim ironizava meu pai, para distrair seus próprios temores. Alguns anos depois, como eu repetia a terceira série do ensino médio, perseguindo o diploma que me escapava obstinadamente e de que eu precisava para entrar na faculdade, ele veio com esta fórmula:

– Não se preocupe, mesmo para os exames finais, acaba-se adquirindo automatismos...

Ou, em setembro de 1968, eu com minha licenciatura em letras já no bolso:

– Se você precisou de uma revolução para a licenciatura, será que vamos esperar uma guerra mundial para a agregação?\*

Mas voltemos aos meus começos. Último de quatro irmãos, fui um caso particular. Meus pais não tinham tido a oportunidade de treinar com meus irmãos, cuja escolaridade, mesmo que não fosse particularmente brilhante, tinha se desenvolvido sem problemas.

Fui um objeto de estupor, e de estupor constante, porque os anos passavam sem trazer a menor melhoria ao meu estado de idiotismo escolar. “Não é possível!” ou “Não acredito!” são para mim exclamações familiares, associadas a olhares de adulto onde eu via muito bem que minha incapacidade de assimilar o que quer que fosse cavava um abismo de incredulidade.

Todo o mundo compreendia mais rápido do que eu.

– Você é completamente tapado!

Numa tarde do terceiro ano do liceu, ano de terminal (um dos anos de terminal), meu pai me dava uma aula de trigonometria na sala que nos servia de biblioteca, quando nosso cachorro se deitou na cama, sorrateiro, atrás de nós. Apanhado, foi secamente mandado embora:

– Para fora, cachorro, vá para a sua poltrona!

Cinco minutos depois, o cachorro já estava de novo em cima da cama. Ele apenas tinha tido o cuidado de ir buscar a velha coberta que protegia a poltrona e se deitou nela. Admiração geral, claro, e justificada: que um animal tenha podido associar uma proibição à ideia abstrata de limpeza e tirar a conclusão de que precisava fazer a sua cama para usufruir a companhia dos donos, bravo, foi evidentemente um autêntico *raciocínio*! Isso foi um assunto de conversa na família que atravessou os anos. Pessoalmente, tirei o ensinamento de que até mesmo o cachorro da casa entendia mais depressa do que eu. Acho até que cochichei em seu ouvido:

– Amanhã é você que vai pra escola, seu vagabundo!

---

\* Concurso de ingresso no ensino superior. (N. da T.)

Dois senhores de certa idade passeiam pela margem do Loup, rio da infância deles. Dois irmãos. Meu irmão Bernard e eu. Meio século atrás, eles mergulhavam naquela transparência. Nada-vam entre os peixes, que não se assustavam com as braçadas. A familiaridade dos peixes fazia pensar que aquela felicidade duraria sempre. O rio corria entre as falésias. Quando os dois irmãos o seguiam até o mar, às vezes levados pela correnteza, outras saltando sobre pedras, acontecia de se perderem de vista. Para se encontrarem, tinham aprendido a assobiar entre os dois dedos. Eram longos assobios que repercutiam contra as paredes rochosas.

Hoje, a água baixou, os peixes sumiram, uma espuma turva e estagnada conta a vitória do detergente sobre a natureza. Restam de nossa infância o canto das cigarras e o calor resinoso do sol. Mais ainda, nós sabemos sempre assobiar entre os dedos, nunca nos perdemos de ouvido.

Anuncio a Bernard que estou pensando em escrever um livro relativo à escola. Não sobre a escola que muda, como mudou o nosso rio, mas, no coração dessa desordem incessante, sobre aquilo que não muda, justamente, sobre uma permanência de que nunca se escuta falar: *a dor partilhada do mau aluno, o lerdo, dos pais e dos professores*, a interação desses desgostos de escola.

– Vasto programa... E como é que você vai tratá-lo?

– Questionando você, por exemplo. Que lembranças guarda da minha própria nulidade, vamos dizer... em matemática?

Meu irmão Bernard era o único membro da família capaz de me ajudar no trabalho de casa sem que eu me fechasse como uma ostra. Nós partilhamos o mesmo quarto até minha entrada na sexta série, quando fui posto no internato.

– Em matemática? A coisa começou com a aritmética, você sabe! Um dia eu perguntei o que fazer de uma fração que estava bem na sua frente. Você me respondeu automaticamente: “É preciso reduzir ao denominador comum.” Mas só havia uma fração, então um só denominador, mas você continuava: “Tem de reduzir ao denominador comum!” Como eu insistia: “Pense um pouco, Daniel, aqui há *uma só* fração, então é *um só* denominador”, você soltou, de mau humor: “Foi o professor que disse, é preciso reduzir as frações ao denominador comum!”

E os dois senhores riam, ao longo do passeio. Tudo isso ficou bem longe, para trás. Um deles foi professor durante vinte e cinco anos: dois mil e quinhentos alunos, mais ou menos, entre os quais certo número em “grande dificuldade”, de acordo com a expressão consagrada. E os dois chefes de família. “O professor disse que...”, eles conhecem. A esperança colocada pelo lerdo nessa ladainha, é isso... As palavras do professor não são mais que pedaços de madeira flutuantes a que o mau aluno se agarra num rio em que a corrente o vai levando até as grandes quedas. Ele repete o que o professor disse. Não para que aquilo faça sentido, nem para que a regra se encarne, não, é para saltar fora, momentaneamente, para um “deixe-me”. Ou para um “goste de mim”. A qualquer preço.

– Mais um livro sobre a escola, então? Você não acha que já há bastantes?

– Não sobre a escola! Todo o mundo se ocupa da escola, eterna disputa de antigos e modernos: programas, papel social, finalidades, a escola de ontem, a de amanhã... Não, um livro sobre o lerdo! *Sobre a dor de não entender*, e suas sequelas colaterais.

– ...

– Você sofreu tanto assim?

– ...

– ...

– Você pode me dizer outra coisa sobre o lerdo que eu fui?

– Você se queixava de não ter memória. As lições que eu te ensinava no fim da tarde se evaporavam durante a noite. Na manhã seguinte, você tinha esquecido tudo.

É fato. Eu não copiava, como diz a gente moça de hoje. Eu não captava nem copiava. As palavras mais simples perdiam sua substância no momento em que me pediam que as olhasse como objeto de conhecimento. Se eu tivesse de aprender uma lição sobre o maciço do Jura, por exemplo (mais que um exemplo, no caso é uma lembrança muito precisa), esta palavrinha de duas sílabas se decompunha rapidamente, até perder qualquer relação com a Franche-Comté, o Ain, a relojoaria, os vinhedos, os cachimbos, a altitude, as vacas, os rigores do inverno, a fronteira suíça, o maciço alpino ou a simples montanha. Ela não representava mais nada. Jura, eu me dizia, Jura? Jura... E eu repetia a palavra, interminavelmente, como uma criança que não para de mastigar, mastigar sem engolir, repetir sem assimilar, até a total decomposição do gosto e do sentido, mastigar, repetir, Jura, Jura, jura, jura ju, ra, ju ra ju ra jurajurajura, até a palavra se tornar massa sonora indefinida, sem o menor resquício de sentido, um resmungo de bêbado num cérebro esponjoso... é assim que se dorme numa aula de geografia.

– Você tinha a pretensão de detestar as maiúsculas.

Ah! Terríveis sentinelas, as maiúsculas! Parecia-me que elas se postavam entre os nomes próprios e mim para me impedir de chegar perto. Toda palavra marcada por uma maiúscula estava destinada ao esquecimento instantâneo: cidades, rios, batalhas, heróis, tratados, poetas, galáxias, teoremas, todos proibidos de memória por causa de uma maiúscula paralisante. Alto lá, exclamava a maiúscula, não se atravessa assim a porta dessa palavra, ela é muito *elite*. E a gente se sente indigno, um cretino!

Esclarecimento de Bernard, no caminho:

– Um cretino minúsculo!

Riso dos dois irmãos.

– E depois, de novo, com as línguas estrangeiras, eu não conseguia me livrar da ideia de que elas diziam coisas inteligentes demais para mim.

– O que dispensava você de aprender as listas de vocabulário.

– As palavras em inglês eram tão voláteis quanto os nomes próprios...

- ...

- ...

- Resumindo, você inventava histórias.

- É, mas é assim com os lerdos, eles inventam, em série, a história de suas falhas: sou nulo, não vou conseguir nunca, nem vale a pena tentar, estou perdido mesmo, eu tinha dito, a escola não foi feita para mim... A escola lhes parece um clube muito fechado no qual eles se proíbem de entrar. Com a ajuda de alguns professores, às vezes.

- ...

- ...

Dois senhores de certa idade passeiam ao longo de um rio. No fim do passeio, eles param junto a um espelho de água, cercado de plantas e pedras roladas.

Bernard pergunta:

- Você continua bom no rebote?

- ...

- ...

- Resumindo, você inventava histórias.

- É, mas é assim com os lerdos, eles inventam, em série, a história de suas falhas: sou nulo, não vou conseguir nunca, nem vale a pena tentar, estou perdido mesmo, eu tinha dito, a escola não foi feita para mim... A escola lhes parece um clube muito fechado no qual eles se proibem de entrar. Com a ajuda de alguns professores, às vezes.

- ...

- ...

Dois senhores de certa idade passeiam ao longo de um rio. No fim do passeio, eles param junto a um espelho de água, cercado de plantas e pedras roladas.

Bernard pergunta:

- Você continua bom no rebote?

É evidente que a questão da causa original se impõe. De onde vinha esse meu desgosto? Filho da burguesia de Estado, saído de uma família afetuosa, sem conflito, cercado de adultos responsáveis que me ajudavam a fazer meus deveres... Pai politécnico, mãe em casa, nada de divórcio nem alcoólatras, sem temperamentos fortes, sem taras hereditárias, três irmãos em faculdade (dois matemáticos e engenheiros, um oficial), ritmo familiar regular, alimentação sadia, biblioteca em casa, cultura ambiente em conformidade com o meio e a época (pai e mãe nascidos antes de 1914): pintura até os impressionistas, poesia até Mallarmé, música até Debussy, romances russos, o inevitável período Teilhard de Chardin, Joyce e Cioran por toda a audácia... Discussões calmas, na mesa, risonhas e cultas.

E, no entanto, um lerdo.

Nenhuma conclusão por tirar tampouco do histórico familiar. É uma progressão social em três gerações, graças à escola laica, gratuita e obrigatória, em resumo, ascensão republicana, vitória para Jules Ferry. Outro Jules, o tio de meu pai, o tio, Jules Pennacchioni levou ao certificado de estudos as crianças de Guargualé e de Pila-Canale, as vilas corsas da família; deve-se a ele gerações de professores primários, carteiros, guardas-civis e outros funcionários da França colonial ou metropolitana... (talvez alguns bandidos, também, mas ele os fez leitores). O tio, conta-se, fazia com que todo o mundo praticasse ditado e exercícios de cálculo, em todas as circunstâncias; ele ia até buscar os filhos cujos pais obrigavam a faltar à escola durante a colheita de castanhas. Ele ia buscá-los no meio do mato, os levava para sua casa e avisava ao pai escravagista:

– Eu lhe devolvo o menino quando ele tiver o certificado dele!

Se é lenda, gosto dela. Não penso que se possa conceber o ofício de professor de outra maneira. Tudo o que de mal se fala da escola esconde o número de crianças que ela salvou de taras, de preconceitos, da arrogância, da ignorância, da burrice, da cupidez, da imobilidade ou do fatalismo das famílias.

Assim era o tio.

Entretanto, três gerações mais tarde, eu, o lerdo!

A vergonha do tio, se ele soubesse... Por sorte, ele morreu antes de me ver nascer.

Não somente meus antecedentes me proibiam toda lerdeza, como, último representante de uma linhagem cada vez mais diplomada, eu estava socialmente programado para me tornar o florão da família: politécnico, *énarque* [tecnocrata] diplomado pela Escola Nacional de Administração, Tribunal de Contas, um ministério, vá-se lá saber o que mais... Não se podia esperar menos. Lá no topo, um casamento eficiente, a vinda ao mundo de filhos destinados desde o berço ao preparatório do Louis Grand\* e impelidos para o trono do Élysée ou na direção de um consórcio mundial de cosméticos. A rotina do darwinismo social, a reprodução das elites...

Mas que nada, um lerdo.

Um lerdo sem fundamento histórico, sem razão sociológica, sem desamor: um lerdo em si mesmo. Um lerdo-padrão. Uma unidade de medida.

Por quê?

A resposta jaz talvez no gabinete dos psicólogos, mas ainda não era a época do psicólogo escolar considerado como substituto familiar. Fazia-se o que se podia com os meios disponíveis.

Bernard, por seu lado, propunha sua explicação:

– Aos seis anos, você caiu no lixo municipal de Djibuti.

– Seis anos? O ano do *a*?

– É. Era um lixão a céu aberto, na verdade. Você caiu do alto de um muro. Não me lembro quanto tempo ficou macerando. Você tinha sumido, a gente procurava você por toda parte e você se deba-

---

\* Liceu parisiense de grande reputação pela qualidade do ensino. (N. da T.)

tendo ali, debaixo de um sol que estava perto de sessenta graus. Não gosto nem de imaginar o que aquilo parecia.

A imagem do lixo, afinal de contas, convém bastante a este sentimento de depreciação que sente o aluno perdido para a escola. “Lixo” é, aliás, um termo que ouvi, pronunciado muitas vezes para qualificar essas *empresas*, esses cursinhos particulares que aceitam (por que preço?) recolher a escória dos colégios. Eu vivi numa assim, como pensionista, da sétima série ao primeiro ano de liceu. E, entre todos os professores que aguentei, quatro me salvaram.

– Quando você saiu daquele monte de lixo, teve uma septicemia. Tomou injeção de penicilina durante um mês. Aquilo lhe fazia um mal danado, você morria de medo. Quando o enfermeiro aparecia, passávamos horas procurando você na casa. Um dia você se escondeu num armário que lhe caiu em cima.

Medo da injeção, essa é uma metáfora falante: toda a minha escolaridade passada a fugir de professores considerados como Diafoirus,\* armados de seringas gigantescas e encarregados de me inocular aquela queimadura espessa, a penicilina dos anos 1950 – de que me lembro *muito* bem –, uma espécie de chumbo derretido que eles injetavam num corpo de criança.

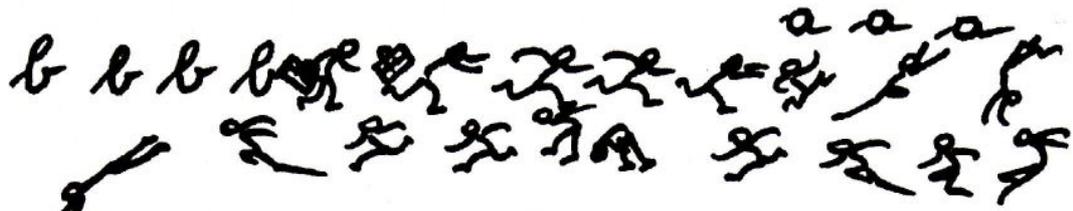
Em todo o caso, o medo foi mesmo a grande ocupação da minha escolaridade: seu ferrolho. E a urgência do professor que me tornei foi de tratar o medo dos meus piores alunos para arrebentar esse ferrolho, para que o saber pudesse ter uma chance de passar.

---

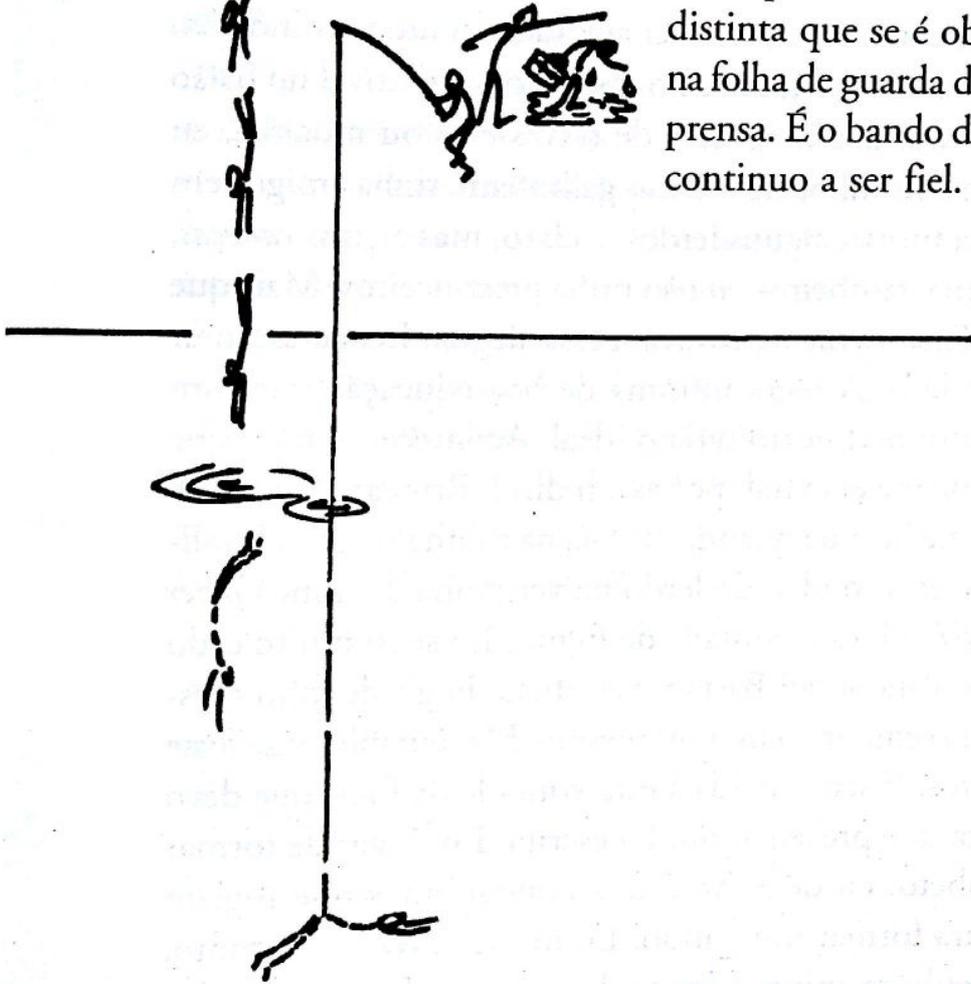
\* Personagem de Molière: um médico ignorante que se exprime em linguagem pretenciosa para impressionar os ignorantes. (N. da T.)

Tive um sonho. Não um sonho de criança, um sonho de hoje, enquanto estava escrevendo este livro. Logo depois do capítulo anterior, para dizer a verdade. Estou sentado, de pijama, na beira da cama. Enormes números de plástico, como esses com que as crianças pequenas brincam, estão espalhados em cima do tapete, na minha frente. Tenho de “botar os números em ordem”. Este é o enunciado. A operação me parece fácil, estou contente. Inclino-me e estendo os braços na direção dos números. E percebo que minhas mãos desapareceram. Já não há mãos na ponta do meu pijama. Minhas mangas estão vazias. Não é o desaparecimento de minhas mãos o que me assusta, é não poder alcançar os números para pô-los em ordem. O que eu teria sabido fazer.

Entretanto, exteriormente, sem ser agitado, fui um menino vivo e brincalhão. Hábil no gude e nos ossinhos, imbatível no balão cativo, campeão mundial de guerra de travesseiro ou mochila, eu brincava. Falante e risonho, até mesmo galhofeiro, tinha amigos em todos os níveis da turma, alguns lerdos, é claro, mas alguns *cabeças*, primeiros da turma, também – eu não tinha preconceitos. Mais que tudo, alguns professores me reprovavam essa alegria. Era acrescentar insolência à nulidade. A regra mínima de boa educação para um lerdo é ser discreto: natimorto seria o ideal. Acontece, porém, que a minha vitalidade me era vital, por assim dizer. Brincar me salvava do desgosto que me invadia quando eu caía na minha vergonha solitária. Meu Deus, essa solidão do lerdo na vergonha de nunca *fazer o que tem de ser feito!* E essa vontade de fugir... Eu senti muito cedo vontade de fugir. Para onde? Bastante confuso. Fugir de mim mesmo, digamos, e, no entanto, em mim mesmo. Mas um mim que fosse aceito pelos outros. É sem dúvida a esta vontade de fugir que devo a estranha escrita que precedeu minha escrita. Em lugar de formar as letras do alfabeto, eu desenhava uns bonequinhos que fugiam pela margem para formar um bando. Eu me aplicava, no entanto, no começo desenhava minhas letras, bem ou mal, mas pouco a pouco as letras se metamorfoseavam de si mesmas nesses pequenos seres saltitantes e alegres que iam folgar bem longe, ideogramas da minha necessidade de viver:



Ainda hoje utilizo esses bonequinhos nas minhas dedica-  
tórias. Eles me são valiosos para cortar a fórmula da chatice  
distinta que se é obrigado a manter,  
na folha de guarda dos serviços de im-  
prensa. É o bando da minha infância,  
continuo a ser fiel.



**A**dolescente, sonhei com um bando mais real. Não era a época, não era o meu meio, o ambiente não me dava a possibilidade, mas ainda hoje eu me digo: decididamente, se eu tivesse tido oportunidade de formar um bando, eu teria feito. E com que alegria! Meus companheiros de brincadeiras não me bastavam. Eu só existia para eles no recreio; na sala de aula eu me sentia comprometedor. Ah! diluir-me num bando em que a escolaridade não contasse para nada, que sonho! Qual é o atrativo do bando? Dissolver-se com a sensação de se afirmar. A bela ilusão da identidade! Tudo para esquecer esse sentimento de estranheza absoluta ao universo escolar, escapar aos olhares de desdém dos adultos. Tão convergentes, aqueles olhares! Opor um sentimento de comunidade àquela solidão perpétua, uma distância com relação ao aqui, um território para essa prisão. Deixar a ilha do lerdão a qualquer preço seria esse um navio de piratas, onde a lei seria a do murro na cara e que levaria, no máximo, à prisão. Eu os sentia tão mais fortes do que eu, os outros, os professores, os adultos, e com uma força tão mais esmagadora do que o murro, tão aceito e tão legal, que me acontecia sentir uma necessidade de vingança próxima da obsessão. (Quatro décadas depois, a expressão “ter ódio” não me surpreendeu, quando apareceu na boca de certos adolescentes. Multiplicada pela quantidade de fatores novos, sociológicos, culturais, econômicos, ela exprimia ainda esse sentimento de vingança que me foi tão familiar.) Por sorte, meus companheiros de brincadeira não eram desses que se constituem em bandos, e eu não era originário de nenhuma comunidade difícil. Fui então de um bando de jovens só meu, como diz a canção de Renaud, um bando bem modesto onde, solitário, eu praticava represálias a bem dizer dissimuladas. Aquelas línguas em conserva, por exemplo (uma

centena), as latas retiradas durante a noite da cantina e que eu tinha pregado na porta de um intendente porque ele as servia a nós duas vezes por semana e nós as encontrávamos no dia seguinte em nossos pratos se não tivéssemos comido. Ou aquele arenque azedo, amarrado ao cano de descarga do carro novo em folha de um professor de inglês (era um Ariane, lembro-me dele, a faixa dos pneus branca como sapatos de proxeneta...), que se pôs a feder inexplicavelmente a peixe grelhado. A tal ponto que, nos primeiros dias, até o proprietário empestava o ar, quando entrava na sala de aula. Ou ainda aquelas trinta galinhas, escamoteadas nas fazendas vizinhas do pensionato na montanha, para encher o quarto do vigia-chefe durante todo o fim de semana em que ele tinha me deixado sem saída. Que magnífico galinheiro se tornou aquele quarto, em apenas três dias: cocô mole e penas coladas, palha para ficar mais autêntico, ovos quebrados por todos os lados e milho generosamente distribuído por cima! Sem falar do cheiro! Ah, a festa que foi quando o chefe dos vigias, abrindo calmamente a porta do seu quarto, soltou nos corredores as prisioneiras assustadas, que todo mundo se pôs a perseguir, cada um por sua conta.

Era idiota, certo. Idiota, perverso, repreensível e imperdoável... No entanto, vou morrer sem lamentar minhas galinhas, meus arenques e meus pobres bois de língua cortada. Com meus bonequinhos doidos, eles faziam parte do meu bando.

Uma constante pedagógica: salvo raras exceções, o vingador solitário (ou o malandro dissimulado, é uma questão de ponto de vista) não se denuncia nunca. Se outro lhe deu um golpe, ele também não denuncia. Solidariedade? Não é certo. Uma espécie de voluptuosidade, é mais provável, para ver a autoridade se cansar em investigações estéreis. Que todos os alunos sejam punidos – privados disto ou daquilo – até que o culpado confesse não o emociona. Ao contrário, lhe é oferecida uma oportunidade para se sentir parte integrante da comunidade, enfim! Ele se associa a todos para julgar “nojento” isso de fazer tantos “inocentes” pagar em lugar de um só “culpado”. Estarrecedora sinceridade! O fato de que seja ele o culpado em questão já não entra, aos seus olhos, na conta. Punindo todo mundo, a autoridade lhe permitiu uma mudança de registro: já não estamos na ordem dos fatos, da investigação, mas no terreno dos princípios; ora, bom adolescente que ele é, a equidade é um princípio com relação ao qual não transige.

– Eles não acham quem é, então fazem todos nós pagar, isso é nojento!

Que o chamem de covarde, de ladrão, de mentiroso ou do que quer que seja, que um procurador tonitruante declare publicamente todo o desprezo que tem pelos insuportáveis da sua categoria que “não têm a coragem de seus atos”, nada disso o toca nem um pouco. Primeiro porque o que ele ouve ali é a confirmação daquilo que lhe foi repetido mil vezes e ele está de acordo com o procurador (é até um prazer raro este acordo secreto: “Sim, você tem razão, sou mesmo tão ruim quanto você diz, até pior, se você soubesse...”) e depois porque a coragem de ir pendurar os três trajes do chefe de disciplina no alto do para-raios, por exemplo, não foi nenhum dos alunos ali

presentes quem teve, foi justamente ele, e ele sozinho, na noite mais escura, ele, na sua noturna e agora gloriosa solidão. Durante algumas horas, aqueles trajés deram ao colégio uma negra bandeira de pirata, e ninguém jamais saberá quem içou aquele grotesco pavilhão.

E, se acusarem outro em seu lugar, palavra de honra, ele continua calado porque conhece seu mundo e sabe muito bem (com Claudel, que porém nunca vai ler) que “também se pode merecer a injustiça”.

Ele não se denuncia. É que encontrou uma razão para a sua solidão e parou de ter medo. Já não abaixa os olhos. Olhem bem, ele é o culpado de olhar cândido. Esconde no seu silêncio este prazer único: *Ninguém jamais saberá!* Quando nos sentimos de lugar nenhum, tendemos a fazer juramentos para nós mesmos.

Mas o que ele sente, acima de tudo, é a sombria alegria de ter-se tornado incompreensível para os ricos de saber que o reprovam de não compreender absolutamente nada. Descobriu em si uma aptidão, enfim: assustar os que o assustam; compraz-se intensamente nisso. Ninguém sabe de que ele é *capaz*, e isso é bom.

A origem da delinquência está no investimento secreto de todas as faculdades da inteligência na astúcia.

Mas seria uma imagem falsa do aluno que fui se ficássemos apenas com essas represálias clandestinas. (Em tempo, aquilo dos três trajes, não fui eu.) O lerdo contente, urdindo à noite seus golpes de vingança, o invisível Zorro dos castigos infantis, eu gostaria de poder me manter nessa imagem de ingenuidade. Só que eu era também – e acima de tudo – um garoto pronto para assumir qualquer compromisso por um olhar de adulto benevolente. Buscar o assentimento dos professores e colar-se a todos os conformismos: sim, professor, o senhor tem razão, sim... Olhe aqui, senhor, eu não sou assim tão burro, tão ruim, tão decepcionante, tão... Oh! a humilhação quando o outro me mandava de volta, com uma frase seca, para a minha indignidade. Oh! o abjeto sentimento de felicidade quando, ao contrário, ele soltava duas palavras vagamente gentis que eu assumia rapidamente como um tesouro de humanidade... E como eu corria, naquela noite mesmo, para dizer a meus pais: “Tive uma boa conversa com o professor tal...” (Como se se tratasse de ter uma boa conversa, devia dizer-se meu pai, com razão...)

Durante muito tempo, arrastei comigo o traço dessa vergonha.

O ódio e a necessidade de afeição tinham, juntos, tomado conta de mim desde os meus primeiros fracassos. Tratava-se então de acalmar o ogro escolar. Fazer tudo para que ele não me devorasse o coração. Colaborar, por exemplo, para a compra do presente de aniversário do professor da sexta série, que, entretanto, anotava negativamente meus ditados: “Menos 38, Pennacchioni, a temperatura está cada vez mais baixa!” Quebrar a cabeça para escolher o que poderia realmente agradar àquele cretino, organizar a coleta entre os alunos e fornecer eu mesmo o complemento, já que o preço da horrível maravilha ultrapassava o montante da coleta.

Havia cofres-fortes nas casas burguesas da época. Tomei a iniciativa de arrombar o de meus pais para participar do presente do meu torturador. Era um desses cofres pequenos, sombrios e sólidos onde dormem os segredos de família. Uma chave, um código de números, outro de letras. Eu sabia onde meus pais guardavam a chave, mas me foram necessárias muitas noites para encontrar a combinação. Código, chave, porta fechada. Porta fechada. Porta fechada. A gente se diz que não vai acertar nunca. Mas eis que de repente, um clique, a porta se abre! Estupefação. Uma porta aberta para o mundo secreto dos adultos. Segredos bem-comportados, no caso: algumas ações, suponho, dos empréstimos russos que dormiam lá à espera da ressurreição, a pistola de ordenança de um tio-avô, carregada, mas com o percussor limado. E dinheiro também, não muito, algumas notas de onde retirei a soma necessária para o financiamento do presente.

Roubar para comprar a afeição dos adultos... Não foi exatamente um roubo e não comprou evidentemente afeição nenhuma. A fraude foi descoberta quando, naquele mesmo ano, ofereci a minha mãe um daqueles horríveis jardins japoneses que estavam então na moda e que custavam os olhos da cara.

O acontecimento teve três consequências: minha mãe chorou (o que era raro), persuadida de ter posto no mundo um arrombador de cofres (o único domínio em que o seu caçula manifestava uma indiscutível precocidade), mandaram-me para um colégio interno, e pelo resto da vida permaneci incapaz de roubar o que quer que fosse, mesmo quando o roubo se tornou culturalmente moda para os jovens da minha geração.

A todos aqueles que hoje imputam a constituição de bandos unicamente ao fenômeno dos subúrbios, eu digo: vocês têm razão, sim, o desemprego, sim, a concentração dos excluídos, sim, os reagrupamentos étnicos, sim, a tirania das marcas, a família monoparental, sim, o desenvolvimento de uma economia paralela e os tráficos de todas as espécies, sim, sim, sim... Mas deixemos de subestimar a única coisa com relação à qual podemos pessoalmente agir e que data da noite dos tempos pedagógicos: a solidão e a vergonha do aluno que não entende, perdido num mundo em que todos os outros se entendem.

Somente nós podemos tirá-lo dessa prisão, quer sejamos ou não formados para isso.

Os professores que me salvaram – e que fizeram de mim um professor – não eram formados para isso. Eles não se preocuparam com as origens da minha enfermidade escolar. Eles não perderam tempo em buscar as causas nem em me passar sermões. Eles eram adultos confrontados com adolescentes em perigo. Eles se disseram que havia urgência. Eles mergulharam. Perderam-me. Mergulharam de novo, dia após dia, mais e mais... Acabaram me tirando de lá. E muitos outros, comigo. Eles literalmente nos resgataram. Nós lhes devemos a vida.

**R**emexo na bagunça de velhos papéis à procura de meus boletins escolares e meus diplomas, e caio numa carta conservada por minha mãe. Ela é datada de fevereiro de 1959.

Eu tinha feito catorze anos havia três meses. Estava na oitava série e escrevi da minha primeira pensão:

*Minha querida mãe,*

*Eu também vi minhas notas, estou desanimado, cheio de duvidor [sic], quando a gente chega ao ponto de trabalhar 2 h sem parar durante um estudo para colher um 1 num dever de álgebra que a gente creditava [sic] bom então tem porque desencorajar, e também largei [sic] tudo para revisar meus exames e meu 4 em aplicação explica certamente a revisão do meu exame de geologia durante meu curso [sic] de matemática.*

(etc.)

*Eu não sou bastante inteligente e aplicado para continuar meus estudos. Tudo isso não me interessa, pego mal no crano [sic] ficar fechado na papelada, eu não etendo [sic] nada de inglês, de álgebra, sou uma negassão [sic] em ortografia, o que resta?*

Marie-Thé, cabeleireira de nossa vila – La Colle-sur-Loup –, minha amiga mais velha desde a minha tenra infância, me confessou recentemente que minha mãe, relaxando embaixo do secador, lhe havia contado sua preocupação quanto ao meu futuro, um pouco aliviada, disse ela, por ter obtido de meus irmãos a promessa de que eles cuidariam de mim depois que ela morresse, assim como meu pai.

Sempre na mesma carta, eu escrevia: “A senhora tem três filhos inteligentes e estudiosos... um outro um lerdo um preguiçoso [sic]...” Seguia-se um estudo comparado das performances de meus irmãos e das minhas e uma vigorosa súplica para que se parasse com o massacre, que me retirassem da escola e me enviassem “para as colônias” (família de militares), “para uma aldeia [sic] e lá seri [sic] o único lugar onde eu ser [sic] feliz” (sublinhado duas vezes). O exílio, no fim do mundo, em resumo, o pior que pode acontecer do sonho, um projeto de fuga à Bardamu\* para um filho de soldado.

Dez anos depois, em 30 de setembro de 1969, recebi uma carta de meu pai, endereçada ao colégio onde eu exercia, havia um mês, o ofício de professor. Foi meu primeiro emprego e era sua primeira carta ao filho *concertado*. Ele estava saindo do hospital, contava-me as doçuras da convalescença, suas lentas caminhadas com nosso cachorro, dava-me notícias da família, anunciava-me o possível casamento de minha prima em Estocolmo, fazia discretas alusões a um projeto de romance de que tínhamos falado juntos (e que nunca escrevi), manifestava uma viva curiosidade com relação ao que era assunto de conversa entre meus colegas e mim, à mesa, esperava a chegada, pelo correio, de *La loge du gouverneur*, de Angelo Rinaldi, reclamando da greve dos carteiros, elogiava *O apanhador no campo de centeio*, de Salinger, e *Le jardin des délices*, de Cabanis, desculpava minha mãe por não me escrever (“mais cansada do que eu por ter cuidado de mim”), anunciava que tinha emprestado o estepe de nosso 2CV à minha amiga Fanchon (“Bernard ficou todo contente por tê-lo trocado para ela”) e mandava-me um abraço, assegurando-me a sua boa forma.

Assim como não me havia ameaçado sobre um futuro calamitoso durante minha escolaridade, ele não fazia a menor alusão ao meu passado de lerdo. Sobre a maior parte dos assuntos, seu tom era, como de hábito, pudicamente irônico, e não parecia considerar

---

\* Personagem medíocre e covarde de Céline em *Viagem ao fim da noite*. (N. da T.)

que meu novo estado de professor merecesse que se surpreendesse, ou que me felicitasse, ou que se preocupasse pelos meus alunos.

Enfim, meu pai, tal como ele sempre foi, irônico e instruído, desejava de conversar comigo, a uma distância respeitável, sobre a vida que continuava.

Tenho o envelope dessa carta diante dos olhos.

Hoje, somente um detalhe me chama atenção.

Ele não tinha se contentado em escrever meu nome, o nome do colégio, o da rua e o da cidade.

Ele tinha acrescentado a menção: *professor*.

*Daniel Pennacchioni*  
*professor do colégio...*

*Professor...*

Na sua escrita, tão exata.

Para mim foi preciso uma existência inteira para entender esse grito de alegria e esse suspiro de alívio.

## II

### VIR A SER

*Tenho doze anos e meio  
e não fiz nada.*

## 1

**E**ntramos, enquanto escrevo estas linhas, na temporada dos pedidos de socorro. Desde o mês de março, o telefone fica tocando, lá em casa, muito mais do que o normal. Amigos meio perdidos buscando uma nova escola para um filho reprovado, primos desesperados em busca de mais uma empresa depois de mais uma expulsão, vizinhos contestando a eficácia da repetição, desconhecidos que me conhecem porque pegaram meu telefone com fulano...

Geralmente são ligações noturnas, perto do fim do jantar, hora da angústia. Chamadas de mães, o mais comum. De fato, raramente o pai. O pai vem depois, quando vem, mas, na origem, a primeira ligação telefônica é sempre da mãe, e quase sempre para o filho. A filha parece mais séria.

A mãe. Ela está sozinha em casa, a refeição terminada, a louça lavada, o boletim do menino aberto diante dela, o menino bem trancado no quarto, diante do videogame ou já lá fora, na rua com seu bando, apesar de uma tímida proibição... Ela está sozinha, a mão no telefone, e hesita. Explicar pela enésima vez o caso do filho, fazer mais uma vez o histórico de seus fracassos, que desânimo, meu Deus... É a perspectiva da cansaça por vir: negociar ainda este ano com as escolas que queiram aceitá-lo... pegar um dia livre no escritório, na loja... visitas aos diretores de estabelecimentos... barragens das secretárias... formulários por preencher... espera da resposta... entrevistas... com o filho... sem o filho... testes... espera dos resultados... documentação... incertezas, essa escola é melhor do que aquela? (Porque em matéria de escola a questão da excelência se coloca tanto no alto da escala como no fundo do mar, a melhor escola para os melhores alunos e a melhor para os naufragados, é isso aí...) Ela liga, finalmente. Pede desculpas por incomodar, sabe o quanto você deve ser soli-

citado, mas o fato é que tem um filho que, é verdade, ela não sabe mais como...

Mestres, meus irmãos, eu suplico, pensem nos seus colegas quando, no silêncio da sala dos professores, vocês escrevem nos seus boletins que “o terceiro trimestre será determinante”. Campanha instantânea de meu telefone:

– O terceiro trimestre, olhe só! A decisão deles já foi tomada desde o começo, viu.

– O terceiro trimestre, o terceiro trimestre, o garoto não está nem aí, a ameaça do terceiro trimestre, ele nunca teve um *só* trimestre decente!

– O terceiro trimestre... Como é que o senhor quer que ele se recupere de tal atraso em tão pouco tempo? Eles sabem muito bem que é um queijo de buracos esse terceiro trimestre deles, com tantos feriados e férias!

– Se eles se recusam a passar de ano, dessa vez eu vou à luta!

– De qualquer modo, hoje em dia é preciso se prevenir cada vez mais cedo para encontrar uma escola...

E tudo isso dura até o fim de junho, quando fica provado que o terceiro trimestre é mesmo determinante, que o pimpolho não vai passar de ano e que é efetivamente tarde demais para buscar uma nova escola, todo mundo já fez isso antes, mas o que é que você quer?, a gente procura acreditar até o fim, dizendo que dessa vez quem sabe o garoto ia entender, ele melhorou no terceiro trimestre, eu garanto, ele se esforçava, muito menos faltas...

## 2

Há a mãe perdida, cansada pela deriva do filho, evocando os supostos efeitos de desastres conjugais: foi a nossa separação que... depois da morte do pai, ele já não é... Há a mãe humilhada pelos conselhos das amigas cujos filhos estão avançando bem ou que, pior, evitam o assunto com uma descrição quase insultante... Há a mãe enfurecida, convencida de que o seu menino é sempre inocente, vítima de uma coalizão docente, todas as disciplinas juntas, isso começou logo cedo, no maternal havia uma professora que... e ainda piorou no pré, o professor, um homem desta vez, era pior, e veja o senhor que o professor de francês na sétima série lhe... Há aquela que não acusa ninguém, mas vitupera a sociedade que se degrada, a instituição que decai, o sistema que apodrece, em suma, a realidade, que não corresponde ao seu sonho... Há a mãe furiosa com o filho, esse menino por quem tudo fez e que nunca... nem ao menos uma vez, o senhor me entende! Há a mãe que nunca encontrou um só professor durante o ano e aquela que os assedia a todos... Há a mãe que telefona simplesmente para que você a desembarace, mais uma vez, este ano, de um filho de quem ela não quer mais ouvir falar até o ano que vem, mesma data, mesma hora, mesmo telefonema, e que o diz: "Vamos ver no ano que vem, agora é só encontrar uma escola para ele, daqui até lá." Há a mãe que teme a reação do pai: "Desta vez, meu marido não vai aguentá-lo" (a maior parte das notas dos boletins foi escondida do marido em questão)... Há a mãe que não compreende esse filho tão diferente do outro e se esforça para não gostar menos dele, e que procura ser a mesma mãe para os seus dois meninos. Há a mãe que, ao contrário, não consegue se impedir de favorecer esse mesmo ("E eu me dediquei inteiramente a ele"), para grande prejuízo dos irmãos e irmãs, é evidente,

e que utilizou em vão todos os recursos de apoio auxiliares: esporte, psicologia, fonoaudiologia, *sofrologia*, tratamentos de vitaminas, relaxamento, homeopatia, terapia familiar ou individual... Há a mãe versada em psicologia que, dando explicação para tudo, se espanta com que nunca se encontre solução para coisa alguma, a única no mundo que compreende o filho, a filha, os amigos do filho e da filha, e que, com uma juventude de espírito perpétua (“Não é verdade que é preciso saber se manter jovem?”), se espanta de que o mundo tenha se tornado tão velho, tão inapto para entender os jovens. Há a mãe que chora, ela chama você e chora em silêncio, e pede desculpas por chorar... uma mistura de tristeza, preocupação e vergonha... Na verdade, todas têm um pouco de vergonha e todas estão preocupadas com o futuro de seu menino: “Mas o que é que ele vai *vir a ser*?” A maior parte faz do *vir a ser* uma representação que é uma projeção do presente sobre a tela obsedante do futuro. O futuro como uma parede, onde seriam projetadas as imagens desmesuradamente ampliadas de um presente sem esperança, este é o grande medo das mães!

Elas ignoram que estão se endereçando ao mais jovem arrombador de cofres de sua geração e que, se suas representações do futuro fossem fundamentadas, eu não estaria ao telefone a escutá-las, mas na prisão, a contar meus piolhos, conforme o filme que minha pobre mamãe deve ter projetado na tela do futuro quando ela ficou sabendo que seu filho de onze anos pilhava as economias da família.

Então, eu tento uma brincadeira:

– Você conhece o único meio de fazer rir a Deus?

Hesitação do outro lado da linha.

– Conte a ele seus projetos.

Em outros termos, sem precipitação, nada se passa como previsto, é a única coisa que nos ensina o futuro quando vem a ser passado.

É insuficiente, claro, é como um esparadrapo numa ferida que não vai cicatrizar assim tão fácil, mas faço com os meios do telefone.

Para ser justo, falam-me também, às vezes, de bons alunos: a mãe metódica, por exemplo, à procura do melhor curso preparatório, como fez, desde o nascimento de seu filho, em busca do melhor maternal, e que me empresta competência para essa pesca em altitude; ou a mãe vinda de outro mundo, primeira imigração, zeladora do meu prédio, que descobriu estranhos dons na filha, e tem razão, a menina deve prosseguir num ciclo longo, nenhuma dúvida nesse sentido, ela vai fazer uma futura agregação de qualquer coisa, ela vai mesmo poder fazer escolhas, nessa matéria... (De fato, ela termina hoje seus estudos de direito.) Mais ainda, há L. M., agricultor no Vercors, convocado pela professora da vila, diante dos resultados extraordinários de seu filho...

– Ela me perguntou o que eu gostaria que ele fosse depois.

E levanta o copo à minha saúde:

– Vocês são engraçados, vocês professores, com suas perguntas...

– Então, o que foi que você respondeu?

– O que é que você quer que um pai responda? O máximo!

Presidente da República!

Existe o inverso, outro pai, agente de manutenção, esse que quer absolutamente abreviar os estudos do filho para o mandar para o trabalho, que o garoto “ganhe” logo, rápido. (“Mais um salário na família não é nada mau!”) Sim, mas o problema é que o menino quer ser professor de escola, justamente, professor primário, e eu acho que é uma boa ideia, eu mesmo gostaria muito que ele entrasse no magistério, é um menino tão vivo e com tanta vontade, negociemos, negociemos, e vão ser felizes os futuros alunos desse futuro colega...

Então é isso, vou me fazendo acreditar no *vir a ser*. Também eu, que retomo a fé na escola da república. Foi ela que formou meu

próprio pai, é, afinal, a escola da república, e esse menino se parece muito com aquele que deveria ser meu pai, o pequeno Corso de Aurillac, lá pelo ano de 1913, quando seu irmão mais velho foi trabalhar para oferecer ao mais novo os meios e o tempo para transpor as portas da escola politécnica.

Eu também sempre encorajei meus amigos e meus alunos mais vivos a se tornar professores. Sempre pensei que a escola, antes de tudo, eram os professores. E quem me salvou da escola senão três ou quatro professores?

5

Há aquele pai, irritado, que me afirma, categórico:  
H – Meu filho não tem maturidade.

É um homem jovem, estritamente sentado nas perpendiculares do seu terno. Esticado na cadeira, foi declarando logo de entrada que seu filho não tem maturidade. É uma constatação. Não pede pergunta nem comentário. Exige uma solução e ponto final. Eu pergunto, mesmo assim, a idade do filho em questão.

Resposta imediata:

– Onze anos, já.

É um dia em que não estou em boa forma. Maldormido, talvez. Ponho a testa entre as mãos para declarar, finalmente, como um Rasputim infalível:

– Tenho a solução.

Ele levanta a sobrancelha. Olhar satisfeito. Bem, estamos entre profissionais. Então, essa solução?

Eu a dou:

– Espere.

Ele não fica contente. A conversa não vai muito mais longe.

– Esse garoto não pode, afinal de contas, passar o tempo todo brincando.

No dia seguinte, eu cruzo com esse mesmo pai na rua.

Mesmo terno, mesma rigidez, mesma maleta executiva.

Mas ele se desloca numa patinete.

Juro que é verdade.

## 6

Nenhum futuro.  
Crianças que *não vão ser nada*.

Crianças desesperadoras.

Aluno de primário, depois colegial e depois estudante de liceu, eu também acreditei com todas as forças nessa minha existência sem futuro.

Essa é mesmo a primeira coisa de que um mau aluno fica persuadido.

– Com essas notas, o que é que você pode esperar?

– Você pensa que vai passar para a sexta série? (Para a sexta, a sétima, a oitava, o ensino médio...)

– Que chances no vestibular você calcula que tem? Para me dar prazer, calcule você mesmo, em cem, quanto?

Ou essa diretora de escola, soltando um verdadeiro grito de alegria:

– Você, Pennacchioni, o BEPC? Você não vai ter nunca! Está me ouvindo? Nunca!

Ela vibrava!

Em todo o caso, não vou ser como a senhora, sua velha maluca! Eu nunca serei professor, sua aranha enredada na própria teia, sua vigia de prisão, pregada aí no seu gabinete até o fim dos seus dias. Nunca! Nós, os alunos, nós passamos e vocês, vocês ficam! Nós somos livres e vocês pegaram prisão perpétua. Nós, os ruins, nós não vamos a lugar nenhum, mas ao menos nós andamos. O estrado da sala de aula não será a cerca miserável de nossa vida!

Desprezo por desprezo, eu me agarrava a este conforto malévolos: nós passamos, os professores ficam; essa é uma conversa frequente entre os alunos de fundo de sala. Os lerdos se alimentam de palavras.

Eu ignorava, então, que acontece aos professores sentir também essa sensação de perpetuidade: repisar indefinidamente as mesmas aulas, diante de turmas impermutáveis, desabar sob o fardo cotidiano das correções de exercícios (não é possível imaginar Sísifo feliz com um pacote de provas!), eu não sabia que a monotonia é a primeira razão que os professores invocam quando decidem abandonar o ofício, eu não podia imaginar que alguns deles sofrem mesmo por terem de ficar sentados lá, enquanto os alunos passam... Eu ignorava que os professores também se preocupam com o futuro: passar a agregação, acabar minha tese, entrar na faculdade, voar mais alto para ensinar nas classes preparatórias, optar pela pesquisa, fugir para o estrangeiro, entregar-me à criação, mudar de setor, deixar de lado finalmente esses caras espinhentos, amorfos e vingativos que produzem toneladas de papel, eu ignorava que quando os professores não pensam em seu futuro é porque eles estão pensando no de seus filhos, nos estudos superiores da sua prole... Eu não sabia que a cabeça dos professores está saturada de futuro. Eu acreditava que eles estivessem lá só para interditar o meu.

Interdição de futuro.

À força de ouvir repetir, eu tinha feito para mim uma representação bastante precisa dessa vida sem futuro. Não que o tempo fosse cessar de passar, nem que o futuro não existisse, não, é que eu seria igual ao que eu era hoje. Não o mesmo, com certeza, não como se o tempo não tivesse passado, mas como se os anos fossem se acumulando sem que nada mudasse dentro de mim, como se meu instante futuro ameaçasse ser rigorosamente igual ao meu presente. Ora, e de que era feito o meu presente? De um sentimento de indignidade que saturava a soma dos meus instantes passados. Eu era uma nulidade escolar *e nunca tinha sido outra coisa além disso*. É certo que o tempo iria passar, certo pelo crescimento, certo pelos acontecimentos, certo pela vida, mas eu atravessaria essa existência sem alcançar jamais nenhum *resultado*. Era muito mais do que uma certeza, era eu.

Disso algumas crianças ficam persuadidas muito depressa. Se elas não encontram alguém para as tirar do engano, e como não se pode viver sem paixão, elas desenvolvem, por falta de coisa melhor, a paixão pelo fracasso.

**F**uturo, essa estranha ameaça...

Fim de tarde de inverno. Nathalie, soluçando, desce precipitadamente a escadaria do colégio. Uma tristeza, um desgosto que quer ser escutado. Que utiliza o cimento como caixa de ressonância. É ainda uma criança, seu corpo tem o peso de um antigo bebê nos degraus ressonantes da escada. São cinco e meia da tarde, quase todos os alunos já foram embora. Sou um dos últimos professores a passar por ali. O tam-tam dos passos nos degraus, a explosão de soluços: ai, isso é desgosto de escola, pensa o professor, desproporção, desproporção, desgosto provavelmente desproporcional! E Nathalie aparece embaixo, na escada. Então, Nathalie, que tristeza é essa? Conheço esta aluna, foi minha aluna no ano passado, na sexta série. Uma criança insegura, por encorajar, algumas vezes. O que está acontecendo, Nathalie? Resistência de princípio: Nada, senhor, nada. Então é muito barulho por nada, minha menina! Soluços redobrados, e Nathalie, finalmente, expõe sua infelicidade entre soluços:

– Seu... Seu... Professor, eu não... eu não consigo... Não consigo c-comp... Não consigo compreender...

– Compreender o quê? O que é que você não consegue compreender?

– A ora... a ora...

E bruscamente a rolha salta e sai tudo de uma vez:

– A... oração-subordinada-adverbial-concessiva!

Silêncio.

Nada de fazer graça.

Sobretudo não rir.

– A oração subordinada adverbial concessiva? É ela que põe você nesse estado?

Alívio. O professor se põe a pensar bem depressa e seriamente na oração em questão; como explicar a essa aluna que não há razão para fazer uma tempestade num copo d'água, que ela utiliza sem saber essa detestável oração (uma das minhas preferidas, aliás, se por acaso se pode preferir uma adverbial a outra...), a oração que torna possíveis todos os debates, condição primeira para a sutileza, na sinceridade como na má-fé, é preciso reconhecer, mas é mesmo assim, não há tolerância sem concessão, menina; está tudo aí, é só enumerar as conjunções que apresentam essa subordinada: *se bem que, posto que, ainda que, qualquer que...* você sabe bem que é com essas palavras que a gente se encaminha para a sutileza, que se faz a parte do ou isto ou aquilo, que essa oração vai fazer de você uma moça comedida e refletida, pronta para escutar e para não responder qualquer bobagem, uma mulher de argumentos, talvez uma filósofa, olhe só o que ela vai fazer de você, a conjuntiva de concessão e de oposição!

Pronto, o professor está ligado: Como consolar uma garota com uma lição de gramática? Vamos ver... Se você tem cinco minutos, Nathalie, vem aqui que eu explico. Sala vazia, sente-se, escute-me bem, é muito simples... Ela se senta, ela me escuta, é muito simples. Viu só? Você entendeu? Dê-me um exemplo, para ver. Exemplo correto. Ela entendeu. Bom. Está melhor? Bem, nada disso, não ficou nada melhor, uma nova crise de lágrimas, soluços enormes e, de repente, esta frase que eu nunca esqueci:

– O senhor não entende, professor, eu tenho doze anos e não fiz nada.

– ...

Em casa, eu peneiro a frase. O que é que a garota estava querendo dizer? “Não fiz nada...” Não fez nada de mal, em todo o caso, a inocente Nathalie.

Precisei esperar a tarde do dia seguinte, informação tomada, para ficar sabendo que o pai de Nathalie acabava de ser despedido depois de dez anos de bons e leais serviços como funcionário numa empresa de não sei quê. Um dos primeiros funcionários despedidos. Estamos no meio dos anos 1980; até então o desemprego era de cultura operária, se assim se pode dizer. E aquele homem, jovem, que

não tinha jamais duvidado do seu papel na sociedade, funcionário-modelo e pai atento (eu o vira muitas vezes no ano anterior, preocupado com sua filha tão tímida e pouco confiante em si mesma), desmoronou. Ele fez o balanço definitivo. Na mesa da família, não para de repetir: “Tenho 35 anos e não fiz nada.”

O pai de Nathalie inaugurava uma época em que o futuro mesmo seria considerado sem futuro; uma década durante a qual os alunos iam escutar todos os dias e em todos os tons: Acabou-se a época das vacas gordas, meus filhos! E se acabaram os amores fáceis! Desemprego e AIDS para todo o mundo, eis o que espera vocês. É, foi essa toada de realejo que nós, pais ou professores, repetimos para eles nos anos que se seguiram, para os “motivar” no mais alto grau. Um discurso como um céu fechado. Então era isso o que fazia a pequena Nathalie chorar; ela estava triste por antecipação, ela chorava seu futuro como um jovem morto. E ela se sentia bastante culpada de matá-lo um pouco mais, a cada dia, com as suas dificuldades em gramática. É verdade que, ainda por cima, o professor dela tinha achado bom afirmar que ela tinha “água de louça suja no crânio”. Água de louça suja, Nathalie? Deixe-me escutar... Eu sacudi a cabecinha dela fazendo cara de médico atento... Não, não há água lá dentro, nem louça... Sorriso tímido, assim mesmo. Espere um pouco... E eu bati de leve na cabeça dela, com o indicador dobrado, como se bate numa porta... Não, posso garantir, é um belo cérebro que eu estou escutando, Nathalie, excepcional, mesmo, um som muito bonito, exatamente o som que fazem as cabeças cheias de ideias! Um risinho, enfim.

Tanto desgosto que nós lhes pusemos na alma, durante todos esses anos! E como eu prefiro o riso de Marcel Aymé, o bom riso acerbo de Marcel, que exalta a sabedoria do filho que pressentiu o desemprego antes de todo mundo:

*– Você, Émile, você é muito mais esperto do que seu irmão. É preciso dizer que você é o mais velho e tem mais conhecimento da vida. Em*

*todo o caso, não me preocupo com você, você soube resistir à tentação, e, como você nunca bateu um prego, é assim que está preparado para a vida que o espera. O que é mais duro para o desempregado, olhe só, é não ter sido habituado desde a infância a esse tipo de vida. É mais forte do que se pensa, tem-se uma coceira de trabalho nas mãos. Com você, fico tranquilo, você tem na mão um jeito de preguiçoso que só pede para mudar de lado.*

*– Mesmo assim – protestou Émile – eu sei ler quase correntemente.*

*– E essa é ainda uma prova de que você é esperto. Sem nada com que se preocupar nem adquirir maus hábitos com o trabalho, você é capaz de acompanhar o Tour de France no seu jornal e todas as prestações de contas das grandes provas esportivas que são escritas para a distração do desempregado. Ah! Você vai ser um homem feliz...*

## 9

**M**ais de vinte anos se passaram. Hoje, o desemprego está, de fato, em todas as culturas, o futuro profissional já não sorri para muita gente, nas nossas latitudes o amor perdeu o brilho, e Nathalie deve ser uma jovem mulher de trinta e sete anos (e meio). E mãe, pode ser. De uma filha de doze anos, talvez. Nathalie está desempregada ou satisfeita com o seu papel social? Perdida de solidão ou feliz no amor? Mulher equilibrada, mestra em concessões e oposições? Ela despeja suas angústias na mesa familiar ou ela pensa brevemente no moral de sua filha quando a menina atravessa a porta da sala de aula?

Nossos “maus alunos” (alunos considerados sem futuro) nunca chegam sozinhos à escola. É uma cebola que entra na sala de aula: algumas camadas de desgosto, medo, preocupação, rancor, raiva, vontades não satisfeitas, renúncias furiosas, acumuladas no fundo de um passado vergonhoso, um presente ameaçador, um futuro condenado. Olhe como eles chegam, seus corpos em formação e suas famílias dentro das mochilas. A aula não pode verdadeiramente começar antes que o fardo seja depositado no chão e que a cebola seja descascada. Isso é difícil de explicar, mas um só olhar às vezes é suficiente, uma frase de simpatia, uma palavra de adulto confiante, clara e estável, para dissolver as tristezas, tornar mais leves esses espíritos, instalá-los num presente rigorosamente indicativo.

Naturalmente, o benefício será provisório, a cebola vai se recompor na saída e sem dúvida vai ser necessário recomeçar amanhã. Mas ensinar é isto: recomeçar até o nosso necessário desaparecimento como professor. Se nós falharmos em instalar nossos alunos no indicativo presente de nossas aulas, se o nosso saber e o gosto de seu uso não pegam nesses meninos e meninas, no sentido botânico do termo, a existência deles vai oscilar nas fendas de uma ausência indefinida. É evidente que não somos os únicos a cavar essas galerias, ou a não ter sabido preenchê-las, mas esses homens e essas mulheres passaram um ou muitos anos de sua juventude lá, sentados à nossa frente. E não é nada um ano de escolaridade perdido: é a eternidade num bocal.

Seria necessário inventar um tempo particular para a aprendizagem. O *presente de encarnação*, por exemplo. Eu estou aqui nesta sala de aula e eu entendo, enfim. É isso! Meu cérebro está difuso no meu corpo: isto *se encarna*.

Quando não é o caso, quando não entendo nada, me desagrego ali mesmo, me desintegro no tempo que não passa, viro poeira e ao menor sopro me disperso.

Acontece porém que, para o conhecimento ter chance de se encarnar no presente de uma aula, é preciso parar de brandir o passado como uma vergonha e o futuro como um castigo.

A propósito, o que se tornam aqueles que *vieram a ser*? F. morreu alguns meses depois da sua aposentadoria. J. se jogou pela janela na véspera da sua. G. teve uma depressão nervosa. Outro conseguiu sair. Os médicos de J. F. datam o começo de seu Alzheimer no primeiro ano de sua aposentadoria antecipada. Os de P. B. também. A pobre L. chora todas as lágrimas de seu corpo por ter sido despedida do grupo de imprensa onde ela acreditava fazer a atualidade *ad vitam aeternam*. E eu penso ainda no sapateiro de P., morto por não ter encontrado a quem passar a sua oficina. “Então minha vida não vale nada?” É o que ele não parava de repetir. Ninguém queria comprar sua razão de ser. “Tudo isso por nada?” Ele morreu de desgosto.

Aquele ali é diplomata; aposentado dentro de seis meses, ele teme acima de tudo o que face a face consigo mesmo. Ele busca outra coisa para fazer: Conselheiro internacional de um grupo industrial? Conselheiro aqui ou ali? Quanto àquele outro, foi primeiro-ministro. Sonhou durante trinta anos, desde seus primeiros sucessos eleitorais. Sua mulher sempre o encorajou. É um bem rodado da política, ele sabia que esse papel-título, o governo de fulano, era, por natureza, temporário. E perigoso. Sabia que na primeira ocasião ele seria motivo de riso na imprensa, um alvo precioso, até no seu próprio campo, bode expiatório-chefe. Sem dúvida conhecia a blague de Clémenceau sobre seu chefe de gabinete, em 1917, “Quando eu peido, é ele quem fede”. (Sim, o mundo político tem dessas elegâncias. É sobretudo quando estamos entre “amigos” que mais devemos pesar perfeitamente as declarações públicas.) Então, ele se tornou primeiro-ministro. Aceitou esse contrato perigoso com duração limitada. Ele e a mulher se blindaram, em consequência. Primeiro-

ministro durante alguns anos, bem. Os alguns anos passam. Como previsto, ele cai. Ele perde o ministério. Os mais chegados afirmam que ele sentiu muito o golpe: "Ele está com medo do futuro." Tanto, que uma depressão nervosa o leva à beira do suicídio.

Malefício do papel social para o qual nós fomos instruídos e educados e que nós interpretamos "toda a nossa vida", ou seja, uma metade do nosso tempo de viver: retirem-nos o papel, nós já não somos os atores.

Esses fins de carreira dramáticos evocam um desespero bastante comparável, aos meus olhos, ao tormento do adolescente que, acreditando não ter nenhum futuro, sente muita dor por viver. Reduzidos a nós mesmos, nós nos reduzimos a nada. A ponto de chegarmos a nos matar. É, pelo menos, uma falha em nossa educação.

Vinte e um anos e eu estava particularmente descontente comigo mesmo. Completamente infeliz por ser quem eu era. Bastante desejoso de nada vir a ser. A janela do meu quarto dava para os flancos de La Gaude e de Saint Jeannet, duas rochas abruptas de nossos Alpes do Sul, renomadas por abreviar o sofrimento dos enamorados rejeitados. Numa manhã em que eu estava olhando aquelas falésias com uma afeição meio exagerada, bateram à porta do meu quarto. Era meu pai. Ele apenas passou a cabeça pela abertura:

– Ah! Daniel, esqueci completamente de lhe dizer: O suicídio é uma imprudência!

Mas voltemos aos meus começos. Perturbada pelo meu assalto familiar, minha mãe foi buscar conselho com o diretor do meu colégio, um personagem bonachão e perspicaz, fornido de um grande nariz reconfortante (os alunos o chamavam de Nariz). Julgando-me mais ansioso e fraco do que perigoso, Nariz preconizou o afastamento e uma grande lufada de ar. Um período em altitude me enrijeceria. Um internato de montanha, sim, era a solução, eu ganharia forças e aprenderia as regras da vida em comunidade. Não se preocupe, a senhora não é a mãe de Arsène Lupin, mas de um pequeno sonhador a quem se deve dar o senso de realidade. Seguiram-se meus dois primeiros anos de internato, sétima e oitava séries, quando eu só encontrava minha família no Natal, na Páscoa e nas grandes férias. Os outros anos, eu os passei em pensionatos semanais.

A questão de saber se eu fui “feliz” no pensionato é bastante secundária. Digamos que o estado de pensionista me foi infinitamente mais suportável que o de externo.

É difícil explicar aos pais de hoje as vantagens do internato, tanto que eles o veem como uma prisão de forçados. Aos seus olhos, mandar seus filhos para lá tem sentido de abandono de paternidade. Evocar somente a possibilidade de um ano em pensão é passar por um monstro retrógrado, adepto da prisão para os lerdos. Inútil você explicar que foi você mesmo quem sobreviveu, o argumento da outra época é imediatamente oposto: “Sim, mas naquele tempo os garotos eram tratados com dureza!”

Hoje que foi inventado o amor parental, a questão do internato é tabu, salvo como ameaça, o que prova que ninguém a toma por solução.

E no entanto...

Não, não vou fazer uma apologia do internato.

Não.

Vamos tentar apenas descrever o pesadelo normal de um externo em situação de “fracasso escolar”.

Qual externo? Um desses com que me entretêm as minhas mães telefônicas, por exemplo, e que elas não enviariam por nada no mundo para um internato. Vamos olhar as coisas pelo lado melhor: é um bom menino, amado pela família; ele não quer a morte de ninguém, mas, à força de nada entender de nada, ele não faz grande coisa e recolhe boletins escolares onde os professores, extenuados, deixam passar suas apreciações sem esperança: “nenhum trabalho”, “nada fez, sem rendimento”, “em queda livre”, ou, mais sobriamente, “o que dizer?”. (Tenho, ao escrever estas linhas, esse boletim e alguns outros diante dos olhos.)

Sigamos nosso mau externo em um de seus dias escolares. Excepcionalmente, ele não está atrasado – a sua caderneta de recados o chamou muito seguidamente à ordem, nesses últimos tempos –, mas sua mochila está quase vazia: livros, cadernos, material mais uma vez esquecido (seu professor de música escrevera lindamente no seu boletim trimestral: “Falta de flauta”).

Fica bem entendido que seus deveres de casa não são feitos. Ora, seu primeiro tempo é uma hora de matemática, e os exercícios são daqueles que faltam à chamada. Aqui, de três, uma: ou ele não fez estes exercícios porque estava ocupado com outra coisa (uma balada na rua entre colegas, um massacre qualquer de vídeo no quarto, trancado...), ou ele se deixou cair da cama sob o peso de uma prostração mole e afundou no esquecimento, uma onda de música urrando no seu crânio, ou – e esta é a hipótese mais otimista – ele tentou bravamente, durante uma hora ou duas, fazer seus exercícios, mas não conseguiu.

Nos três casos, na falta do trabalho, nosso externo deve fornecer uma justificativa ao professor. Ora, a explicação mais difícil a ofe-

recer, na ocorrência, é a verdade pura e simples: “Professor, professora, não fiz meus exercícios porque passei boa parte da noite em algum lugar do ciberespaço combatendo os soldados do Mal, aliás, exterminiei até o último, o senhor pode acreditar.” “Professora, professor, sinto muito por esses exercícios que não fiz, mas ontem à noite eu cedi ao peso de uma esmagadora estupidez, fiquei embotado, sem conseguir mexer nem o dedo, só tive força para ligar meu iPod.”

A verdade apresenta aqui a inconveniência da confissão “Não fiz o meu trabalho de casa”, o que leva a uma sanção imediata. Nosso externo vai preferir uma versão institucionalmente mais apresentável. Por exemplo: “Meus pais são divorciados, esqueci meu dever na casa de meu pai antes de voltar para a casa de mamãe.” Em outros termos, uma mentira. Por seu lado, o professor geralmente prefere essa verdade arranjada a uma confissão demasiado abrupta que o questionasse em sua autoridade. O choque frontal é evitado, o aluno e o professor acertam suas contas nesse passe diplomático. Para a nota, a tarifa é conhecida: trabalho não entregue, zero.

O caso do externo que tentou bravamente, mas em vão, fazer seu dever não é em nada diferente. Ele também entra em aula detendo uma verdade dificilmente aceita: “Professor, consagrei ontem duas horas a *não fazer* o seu dever. Não, não, não fui fazer outra coisa, eu me sentei na minha mesa de estudo, peguei meu caderno de texto, li o enunciado e me encontrei num estado de sideração matemática, uma paralisia mental da qual só saí quando ouvi minha mãe chamando para a mesa. O senhor vê, eu não fiz o seu dever, mas consagrei duas horas a ele. Depois do jantar, ficou tarde demais, uma nova sessão de catalepsia me esperava: meu exercício de inglês.” “Se você prestasse mais atenção à aula, entenderia os enunciados!”, pode objetar (com razão) o professor.

Para evitar essa humilhação pública, nosso externo vai preferir, ele também, uma apresentação diplomática dos fatos: “Eu estava ocupado, lendo os enunciados, quando o aquecedor explodiu.”

E assim vai, da manhã à tarde, de matéria em matéria, de professor para professor, dia a dia, num exponencial da mentira que acaba

chegando ao famoso “Foi minha mãe!... Ela morreu!” de François Truffaut.

Após esse dia passado mentindo para a instituição escolar, a primeira questão que nosso mau externo vai ouvir ao voltar para casa é invariável:

– Então, foi tudo bem, hoje?

– Muito bem.

Nova mentira.

Que lhe demanda ser entrecortada por um toque de verdade:

– Em história, a professora perguntou 1515, eu respondi Margnan, e ela ficou contente!

(Vamos, isso garante até amanhã.)

Mas amanhã chega logo e os dias se repetem, e nosso externo vai retomar suas idas e vindas entre a escola e a família, e toda a sua energia mental se gasta em tecer uma sutil rede de pseudocoerência entre as mentiras proferidas na escola e as meias verdades servidas à família, entre as explicações fornecidas a uns e as justificativas apresentadas aos outros, entre os retratos negativos de professores que ele faz para os pais e as alusões aos problemas familiares que ele sopra ao ouvido dos professores, um átomo de verdade entre uns e outros, sempre, porque essa gente vai acabar se encontrando, pais e professores, é inevitável, e é preciso pensar nesse encontro, aperfeiçoando sem cessar a ficção verdadeira que vai ser o cardápio dessa entrevista.

Essa atividade mental mobiliza uma energia desmedida com relação ao esforço do bom aluno para fazer um bom dever. Nosso mau externo fica exaurido. Ele queria (ele até quer, esporadicamente) que não tivesse mais nenhuma força para se pôr a estudar de verdade. A ficção em que ele se engajou o tem prisioneiro, *por fora*, em algum lugar entre a escola por combater e a família por garantir, numa terceira e angustiante dimensão em que o papel destinado à imaginação consiste em tapar as inúmeras brechas por onde pode surgir o real sob seus aspectos mais temidos: mentira descoberta, cólera de uns, desgosto de outros, acusações, sanções, expulsão talvez,

volta para dentro de si mesmo, culpabilidade impotente, humilhação, deleite moroso: Eles têm razão, eu sou inútil, inútil, inútil.

Eu sou um *inútil*.

Ora, na sociedade em que vivemos, um adolescente instalado na convicção da sua inutilidade – aí está ao menos uma coisa que a experiência vivida nos terá ensinado – é uma presa.

As razões que levam os professores e os pais a passar por cima dessas mentiras, ou até a ser cúmplices delas, são demasiado numerosas para ser discutidas. Quantas mentirinhas cotidianas, em quatro ou cinco turmas de trinta e cinco alunos?, pode legitimamente se indagar um professor. Onde encontrar o tempo necessário para essas pesquisas? Sou por acaso um pesquisador? Devo substituir a família, no plano de educação moral? Em caso afirmativo, com que limites? E assim vai, uma ladainha de interrogações de que cada uma faz, um dia ou outro, o objeto de uma discussão apaixonada entre colegas.

Mas existe outra razão para que o professor ignore essas mentiras, uma razão mais profunda que, se emergisse a uma consciência clara, daria mais ou menos isto: Esse menino é a encarnação do meu próprio fracasso profissional. Eu não consigo fazê-lo progredir, nem fazê-lo trabalhar, quando muito fazê-lo vir à aula, e me asseguro somente de sua presença física.

Por felicidade, apenas entrevisto, este questionamento pessoal é combatido por certa quantidade de argumentos válidos. Eu falhei com esse aqui, mas consegui com muitos outros. De qualquer modo, não é minha culpa se esse menino está agora na oitava série. O que foi que os meus predecessores ensinaram a ele? O meu colega é o único a ser questionado? O que pensam os pais? Pode-se imaginar que com meu salário e minha carga horária eu possa recuperar tal atraso?

São tantas as questões que remetem ao passado do aluno, sua família, os colegas, a instituição em si, que nos permitimos redigir com toda a consciência a anotação mais comum dos boletins escolares: *Falta de base* (que encontrei até num boletim de curso preparatório!). Dito de outro modo: batata quente.

Quente essa batata é, sobretudo, para os pais. Eles não param de fazê-la saltar de mão em mão. As mentiras cotidianas do garoto os cansam: mentiras por omissão, fabulações, explicações exageradamente detalhadas, justificativas antecipadas: “Na verdade, o que aconteceu...”

Cansados de guerra, muitos pais fingem aceitar essas fábulas debilitantes, primeiro para acalmar momentaneamente suas próprias angústias (o átomo de verdade – Marignan 1515 – fazendo o papel de comprimido de aspirina), para preservar a atmosfera familiar, em seguida para que o jantar não se transforme num drama, esta noite não, por favor, esta noite não, para retardar a prova das confissões que rasga o coração de cada um, enfim, para retardar o momento em que se vai medir sem surpresa a extensão da catástrofe escolar

Quente essa batata é, sobretudo, para os pais. Eles não param de fazê-la saltar de mão em mão. As mentiras cotidianas do garoto os cansam: mentiras por omissão, fabulações, explicações exageradamente detalhadas, justificativas antecipadas: “Na verdade, o que aconteceu...”

Cansados de guerra, muitos pais fingem aceitar essas fábulas debilitantes, primeiro para acalmar momentaneamente suas próprias angústias (o átomo de verdade – Marignan 1515 – fazendo o papel de comprimido de aspirina), para preservar a atmosfera familiar, em seguida para que o jantar não se transforme num drama, esta noite não, por favor, esta noite não, para retardar a prova das confissões que rasga o coração de cada um, enfim, para retardar o momento em que se vai medir sem surpresa a extensão da catástrofe escolar ao receber-se o boletim trimestral, mais ou menos habilmente maquiado pelo principal interessado, que controla, no olho, a entrada da correspondência da família.

Amanhã veremos,  
amanhã veremos...

Uma das mais memoráveis histórias de cumplicidade adulta com uma mentira de criança é a desventura acontecida ao irmão de meu amigo B. Ele devia ter doze ou treze anos, na época. Como ele temia o exame de matemática, pediu ao seu melhor amigo que lhe mostrasse o lugar exato do apêndice. Com isso, ele desaba, simulando uma crise terrível. A direção faz de conta que acredita e o manda de volta para casa, quanto mais não fosse para se desembaraçar. De lá, os pais – para quem ele já tinha aprontado outras – o levam sem grande ilusão até uma clínica vizinha, onde, surpresa, ele é operado no ato! Depois da operação, o cirurgião aparece, trazendo um recipiente onde flutua um longo troço sanguinolento, e declara, o rosto iluminado de inocência: “Fiz muito bem em operar, ele estava a dois dedos da peritonite!”

Porque as sociedades se constroem também sobre a mentira bem partilhada.

Esta outra história é mais recente: N., diretora de um liceu parisiense, vigia as faltas repetidas. Ela faz, ela mesma, a chamada nas suas turmas de terceira série do ensino médio, a terminal. Controla particularmente um reincidente que ela ameaça de expulsão na próxima ausência injustificada. Naquela manhã, o garoto estava ausente, é a gota d’água. N. telefona imediatamente para a família, da secretaria. A mãe pede desculpa e afirma que o filho estava mesmo doente, de cama, ardendo em febre, e garante que ela estava para avisar o liceu. N. desliga, satisfeita. Está tudo em ordem. Dali a pouco, voltando para o seu gabinete, ela passa pelo garoto. Ele estava simplesmente no banheiro, durante a chamada.

Limitando as idas e vindas entre a escola e a família, a situação do interno apresenta, com relação à do externo, a vantagem de instalar nosso aluno em duas temporalidades: a escola de segunda à sexta à tarde, a família nos fins de semana. Um grupo de interlocutores durante cinco dias de trabalho, outro durante dois dias feriadados (que podem ter a chance de se tornar dois dias festivos). A realidade escolar de um lado, a realidade familiar do outro. Adormecer sem ter de tranquilizar os pais com a mentira do dia, acordar sem ter de elaborar desculpas pelo trabalho de casa não feito, porque ele foi feito na hora de estudo da noite, no melhor dos casos com a ajuda de um bedel ou de um professor. Repouso mental, em suma; uma energia recuperada que tem alguma chance de ser investida no trabalho escolar. E isto é suficiente para elevar o lerdo a primeiro da turma? Pelo menos dá a ele a ocasião de viver o presente como tal. Ora, é na consciência do seu presente que o indivíduo se constrói, e não fugindo dele.

Aqui termina o meu elogio ao internato.

Ah, sim, há mais, como história para aterrorizar todo o mundo, eu acrescentaria, por ter ali ensinado eu mesmo, que os melhores internatos são aqueles em que os professores, eles também, são pensionistas. Disponíveis a qualquer hora, em caso de S.O.S.

Note-se que, durante esses últimos vinte anos em que o pensionato teve tão má reputação, três dos maiores sucessos do cinema e da literatura populares na juventude foram *Sociedade dos Poetas Mortos*, *Harry Potter* e *A voz do coração*, os três tendo como cenário um internato. Aliás, três internatos bastante arcaicos: uniformes, rituais e castigos corporais do lado dos anglo-saxônicos, blusas cinzentas, prédios sinistros, professores poeirentos e bofetadas em *A voz do coração*.

Seria interessante analisar o sucesso que fez, entre os jovens espectadores de 1989, *Sociedade dos Poetas Mortos*, quase unanimemente malvisto pela nossa crítica e nas nossas salas de professores: demagogia, simplismo, sentimentalismo, pobreza cinematográfica e intelectual, tantos argumentos que não é possível razoavelmente contestar... Resta que hordas de estudantes de liceu se precipitaram para ele e saíram radiosos. Supor que eles se encantaram só pelos defeitos do filme é formar uma péssima opinião de uma geração inteira. Os anacronismos do professor Keating, por exemplo, não escaparam aos meus alunos, nem sua má-fé.

– Ele não é lá muito honesto, professor, com o *Carpe diem*, ele, Keating, ele fala como se nós estivéssemos sempre no século XVI; ora, no século XVI a gente morria muito mais moço do que hoje!

– E também é nojento o começo, quando ele faz rasgar o livro escolar, um cara que se dizia tão aberto... E por que não fazer queimar os livros de que não gostava, assim? Eu, eu teria recusado.

Fora isso, meus alunos tinham “adorado” o filme. Todos e todas tinham se identificado com aqueles jovens americanos do fim dos anos 1950 que, social e culturalmente, estavam quase tão próximos deles como os marcianos. Todos e todas eram loucos pelo ator Robin

Williams (de quem os adultos diziam que era um exagero só). O seu professor Keating encarnava aos olhos deles o calor humano e o amor pelo ofício: paixão pela matéria ensinada, devoção absoluta aos seus alunos, tudo servido por um dinamismo infatigável de treinador. A vida sem contato exterior do internato aumentava a intensidade das aulas, lhes conferia um clima de intensidade dramática que elevava nossos jovens espectadores à dignidade de estudantes, totalmente. Aos seus olhos, as aulas de Keating eram um ritual de passagem que só dizia respeito a eles e a eles somente. Aquele não era um assunto da família. Menos ainda dos professores. O que um de meus alunos exprimiou sem rodeios:

– Está bem, os professores não gostam. Mas é o nosso filme, não o de vocês.

Exatamente o que devia ter pensado a maior parte dos professores em questão, vinte anos antes, quando eles mesmos eram estudantes de liceu e o filme *Se ganhou a Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1969*. Outra história de pensionato, em que os mais brilhantes alunos de um colégio hiperbritânico tomavam de assalto sua escola e, pendurados nos telhados, atiravam com metralhadoras e morteiros contra os pais, o bispo e os professores reunidos para uma entrega de prêmios. Espectadores adultos devidamente escandalizados, estudantes exultando, é evidente: É o nosso filme, não o deles!

Aparentemente, os tempos tinham mudado.

Eu me disse então que um estudo comparado de todos os filmes concernentes à escola teria muito para dizer sobre as sociedades que os viram nascer. Do *Comportamento zero*, de Jean Vigo, a esse famoso *Sociedade dos Poetas Mortos*, passando por *Les disparus de Saint-Agil*, de Christian Jaque (1939), *Juventude delinquente*, de Dréville (1944, o ancestral de *A voz do coração*), *Sementes da violência*, de Richard Brooks (EUA, 1955), *Os incompreendidos*, de François Truffaut (1959), *Primeiro professor*, de Mikhalkov-Kontchalovski (URSS, 1965), *A primeira noite de tranquilidade*, de Zurlini (1972), a que se pode acrescentar, depois de 1990, *Le porteur de serviette*, de Daniele Luchetti (1991), *O quadro-negro*, da iraniana Samira Makhmalbaf (2000), *A esquiva*, de Abdellatif Kechiche (2002), e mais algumas dezenas.

Meu projeto de estudo comparado não foi além do estágio da intenção; faça-o quem quiser, se ainda não foi feito. Eis, em todo caso, um belo pretexto de retrospectiva. Tendo sido a maior parte desses filmes um enorme sucesso de público, poderíamos tirar um bom número de ensinamentos interessantes. Entre outros, este: que, desde Rabelais, cada geração de Gargantua sente um horror juvenil dos Holofernes e uma grande necessidade de Ponocrates, ou seja, em outros termos, a vontade sempre renovada de se manifestar em oposição aos ares do tempo, ao espírito do lugar, e o desejo de desabrochar à sombra – ou melhor, à luz – de um mestre julgado exemplar.

Mas voltemos à questão do vir a ser.

Fevereiro 1959, setembro 1969. Dez anos, então, tinham se passado entre a carta calamitosa que eu tinha escrito à minha mãe e a outra, que meu pai enviou ao filho *professor*.

Os dez anos em que eu vim a ser.

O que foi a metamorfose do lerdo em professor?

E, acessoriamente, a do analfabeto em romancista?

Como foi que eu vim a ser?

A tentação de não responder é grande. Argumentando, por exemplo, que a maturação não se deixa descrever, nem a dos indivíduos nem a das laranjas. Em que momento o adolescente mais insubmisso aterrissa no terreno da realidade social? Quando é que ele decide, por pouco que seja, entrar nesse jogo? É somente uma questão de ordem de decisão? Que parte têm nisso a evolução orgânica, a química celular, as malhas da rede de neurônios? São tantas as questões que é mais conveniente evitar o assunto.

– Se o que você escreve sobre a sua lerdeza é verdade, pode-se objetar que esta metamorfose é um autêntico mistério!

É para não acreditar, de fato. Esta é, por sinal, a sina do lerdo: não se fazer acreditar. Durante a sua lerdeza, ele é acusado de disfarçar uma preguiça viciosa em cômodas lamentações: “Pare de contar histórias e estude!” E, quando sua situação social atesta que ele deu certo, ele é suspeito de contar vantagem: Você, um antigo lerdo? Sem essa, você está me gastando? O fato é que aquelas antigas orelhas de burro são bastante usadas, como uma recorrência. Chega a ser uma decoração que se outorga com frequência, em sociedade. Ela distingue você daqueles cujo único mérito foi ter seguido os caminhos balizados do saber. O *gotha* pulula de antigos lerdos,

heroicos. Nós ouvimos esses espertos, nos salões, nas entrevistas, apresentar seus dissabores escolares como altos feitos de resistência. Não acredito nessas palavras, a menos que eu perceba nelas o fundo de som de uma dor. Porque, se nos curamos da lerdeza, não se cicatrizam jamais as feridas que ela nos infligiu. Uma infância assim não era engraçada, e lembrá-la também não é. Impossível contar vantagem. É como se um antigo asmático se vangloriasse de ter mil vezes sentido que ia morrer de sufocação! Do mesmo modo, o lerdo que dá certo não deseja que o lamentem, quer esquecer, é tudo, não pensar mais nessa vergonha. Além do mais, ele sabe, no fundo de si mesmo, que poderia muito bem não ter saído daquela situação. Afinal, os lerdos perdidos na vida são os mais numerosos. Eu sempre tive o sentimento de ser um sobrevivente.

Enfim, o que foi que aconteceu em mim durante esses dez anos? Como foi que eu me saí?

Uma constatação prévia: adultos e crianças, é sabido, não têm a mesma percepção do tempo. Dez anos não são nada aos olhos de um adulto que calcula em décadas a duração de sua existência. Passam tão depressa dez anos quando se tem cinquenta anos! Sensação de rapidez que, aliás, aguça a preocupação das mães com o futuro de seus filhos. O *bac* daqui a cinco anos, mas é daqui a pouco! Como o menino pode mudar tão radicalmente em tão pouco tempo? Ora, para o menino, cada um desses anos vale por um milênio; aos seus olhos, o futuro cabe inteiro nos próximos dias. Falar com ele de futuro é como pedir que meça o infinito com um decímetro. Se a expressão “vir a ser” o paralisa, é, sobretudo, porque ela exprime a preocupação ou a reprovação dos adultos. O futuro sou eu na pior, era isso, grosseiramente, o que eu traduzia quando meus professores me afirmavam que eu não viria a ser nada. Ao ouvi-los, eu não fazia nenhuma representação do tempo, simplesmente acreditava neles: cretino para sempre, para sempre, “sempre” e “nunca” eram as únicas unidades de medida que o orgulho ferido propõe ao lerdo para sondar o tempo.

O tempo... Eu não sabia que me seria necessário envelhecer para ter uma percepção logarítmica de sua fugacidade. (Além do mais,

eu era totalmente ignorante dos logaritmos, de suas tábuas, funções, escalas, e de suas charmosas curvas...) Mas, vindo a ser professor, eu soube por instinto que era inútil brandir o futuro sob o nariz dos meus piores alunos. A cada dia basta a sua pena. E a cada hora, durante este dia, basta que nós estejamos aqui, plenamente presentes, juntos.

Ora, quando criança, eu não estava lá. Bastava eu entrar numa sala de aula para logo sair dali. Como um daqueles raios caídos dos discos voadores, parecia-me que o olhar vertical do mestre me arrancaria da minha carteira e me enviaria instantaneamente para outro lugar. Para onde? Para dentro da cabeça dele, precisamente! A cabeça do mestre! Era o laboratório do disco voador. O raio me depositava ali. Ali era medida minha total nulidade e depois eu era cuspidor, por outro olhar, como um detrito, e rolava num tanque de tratamento de esgoto onde eu não conseguia entender o que me ensinavam nem o que a escola esperava de mim, porque eu tinha reputação de incapaz. Esse veredicto me oferecia as compensações da preguiça: De que adianta a gente se matar nas tarefas, se as mais altas autoridades consideram que o caso já está perdido? Como se vê, eu desenvolvia certa aptidão para a casuística. É um pensamento circular que eu, como professor, captava rapidamente nos meus lerdos.

Então veio o meu primeiro salvador.

Um professor de francês.

Na nona série.

Que me sinalizou para aquilo que eu era: um fabulador sincero e alegremente suicida.

Espantado, sem dúvida, com a minha aptidão para dar brilho às desculpas sempre mais inventivas por todas as minhas lições não aprendidas ou meus deveres não feitos, ele decidiu me dispensar das dissertações para me encomendar um romance. Um romance que eu devia escrever durante o trimestre, um capítulo por semana. Assunto livre, mas favor fazer as entregas sem erro de ortografia, "história de elevar o nível da crítica". (Lembro-me dessa fórmula, porém esqueci tudo do romance mesmo.) Esse professor era um homem muito idoso que nos dedicava os últimos anos de sua vida.

Ele devia “arredondar” a sua pensão de aposentado nessa empresa mais que particular, no subúrbio do Norte parisiense. Um velho senhor, de uma distinção fora de uso, que havia então apontado para o *narrador*. Ficou dito que, *disortográfico* ou não, eu teria de atacar esse recitativo, se quisesse ter uma chance de me abrir para o trabalho escolar. Escrevi esse romance com entusiasmo. Eu corrigia escrupulosamente cada palavra com a ajuda do dicionário (que até hoje não me deixa) e entregava meus capítulos com a pontualidade de um folhetinista profissional. Imagino que devia ser uma narrativa muito triste, muito influenciado que eu estava por Thomas Hardy, cujos romances vão do mal-entendido à catástrofe, e da catástrofe à tragédia irreparável, o que alegrava meu gosto pela fatalidade: nada a fazer, desde o começo, essa é mesmo minha opinião.

Não creio que tenha feito nenhum progresso no que quer que fosse naquele ano, mas, pela primeira vez na minha escolaridade, um professor me dava uma posição; eu existia, escolarmente falando, aos olhos de alguém, como um indivíduo que tinha uma linha a seguir e que garantia a situação no tempo. Reconhecimento sem fim pelo meu benfeitor, evidentemente, e, ainda que estivesse tão distante, o velho professor se tornou o confidente de minhas leituras secretas.

– Então, Pennacchioni, o que está lendo neste momento?

Porque havia a leitura.

Eu não sabia, então, que ela me salvaria.

Naquela época, ler não era a absurda proeza de hoje. Considerada como perda de tempo, reputada como empecilho para o trabalho escolar, a leitura de romances nos era proibida durante as horas de estudo. Daí minha vocação para leitor clandestino: romances encapados como livros escolares, escondidos em todos os lugares possíveis, leituras noturnas com lanternas de bolso, dispensas de ginástica, valia tudo para eu ficar sozinho com um livro. Foi o pensionato que meu deu esse gosto. Fazia-me falta um mundo meu, e este foi o dos livros. Na minha família eu tinha, sobretudo, visto os outros ler: meu pai, fumando cachimbo na sua poltrona, sob o cone de luz do abajur, passando distraidamente o dedo anular na risca impecável de seus cabelos, um livro aberto sobre as pernas cruzadas; Bernard,

no nosso quarto, deitado de lado, joelhos dobrados, a mão direita sustentando a cabeça... Havia bem-estar nessas atitudes. No fundo, foi a fisiologia do leitor que me empurrou a ler. Talvez eu só tenha lido, no começo, para reproduzir essas posturas e explorar outras. Lendo, eu fui fisicamente instalado numa felicidade que dura sempre. O que eu lia? Os contos de Andersen, por causa da identificação com *O patinho feio*, mas também Alexandre Dumas pelo movimento das espadas, dos cavalos e dos corações. E Selma Lagerlöf, o magnífico *Gösta Berling*, esse pastor bêbado e esplêndido, banido pelo seu bispo, e de quem fui o infatigável companheiro de aventura com os outros cavaleiros de Ekeby; *Guerra e paz*, oferecido por Bernard pela minha passagem para o nono ano, penso, a história de amor entre Natacha e o príncipe André na primeira leitura – que reduzia o romance a umas cem páginas –, a epopeia napoleônica no fim do ensino fundamental, numa segunda leitura: Austerlitz, Borodino, o incêndio de Moscou, a retirada da Rússia (eu tinha desenhado um afresco imenso da batalha de Austerlitz em que se massacravam os bonequinhos de minha escrita clandestina), duzentas ou trezentas páginas do melhor. Nova leitura na primeira série do ensino médio, pela amizade de Pierre Bezoukhov (outro patinho feio, mas que entendia mais coisas do que se pensava), e a totalidade do romance, enfim, na terceira série, terminal, pela Rússia, pelo personagem de Koutouzov, por Clausewitz, pela reforma agrária, por Tolstoi. Havia Dickens, evidentemente – *Oliver Twist* precisava de mim –, Emily Brontë, em que o moral era uma chamada de socorro para mim, Stevenson, Jack London, Oscar Wilde e as primeiras leituras de Dostoievski, *O jogador*, é claro (com Dostoievski, sabe-se lá por quê, sempre se começa com *O jogador*). E assim iam minhas leituras, ao sabor do que eu encontrava na biblioteca familiar, e *Tintim*, sem dúvida, e *Spirou*, e os *Signes de piste* ou os *Bob Morane*, que faziam o maior sucesso na época. A primeira qualidade dos romances que eu trazia do colégio era não estarem no programa. Ninguém me interrogava. Nenhum olhar lia aquelas linhas por cima do meu ombro; meus autores e eu ficávamos entre nós. Eu ignorava que, lendo-os, eu me cultivava, que aqueles livros abriam em mim um

apetite que sobreviveria mesmo quando eles fossem esquecidos. Essas leituras de juventude se concluíram por quatro portas abertas para os signos do mundo, quatro livros que não poderiam ser mais diferentes uns dos outros, mas que teceram em mim, por questões que me são ainda em parte misteriosas, ligações estreitas de parentesco: *As ligações perigosas*, *As avessas*, *Mitologias* de Roland Barthes e *As coisas* de Perec.

Eu não era um leitor refinado. A despeito de Flaubert, eu lia como Emma Bovary aos quinze anos, para a única satisfação de minhas sensações, as quais, por sorte, se revelaram insaciáveis. Não tirei nenhuma vantagem escolar imediata dessas leituras. Contra todas as ideias conhecidas, aqueles milhares de páginas engolidas – e bem depressa esquecidas – não melhoraram minha ortografia, sempre incerta ainda hoje, donde a onipresença dos meus dicionários. Não, o que provisoriamente melhorou meus erros (mas esse provisório tornava a coisa definitivamente possível) foi aquele romance encomendado por aquele professor que se recusava a reduzir sua leitura a considerações ortográficas. Eu *devia* a ele um manuscrito sem erro. Um gênio do ensino, em suma. Para mim só, talvez, e talvez só nessa única circunstância, mas um gênio!

Encontrei três outros desses gênios entre o meu último ano de ensino fundamental e meu segundo ano terminal de liceu, três outros salvadores de quem falarei mais adiante: um professor de matemática que *era* a matemática, um espantoso professor de história que praticava como ninguém a arte da encarnação histórica e um professor de filosofia que minha admiração surpreende ainda mais hoje porque ele não guarda nenhuma lembrança de mim (ele me escreveu), o que o engrandece ainda mais aos meus olhos porque ele me despertou o espírito sem que eu nada fique devendo à sua estima, mas à sua arte. Esses quatro mestres me salvaram de mim mesmo. Chegaram tarde demais? Eu os teria acompanhado tão bem, se eles tivessem sido meus professores do ensino fundamental? Eu guardaria uma lembrança melhor da minha infância? Em todo o caso, eles foram meus felizes imprevistos. Teriam sido, para outros alunos, a revelação que foram para mim? É uma pergunta por fazer, tanto a

noção de temperamento representa seu papel em matéria de pedagogia. Quando me acontece encontrar um antigo aluno que se declara feliz com as horas passadas na minha classe, eu me digo que, no mesmo instante, em outra calçada, passeia talvez aquele para quem eu era o chato de serviço.

Outro elemento de minha metamorfose foi a irrupção do amor na minha pretendida indignidade. O amor! Perfeitamente inimaginável para o adolescente que eu acreditava ser. A estatística, entretanto, dizia que seu surgimento era provável, até mesmo certo. (Mas não, fale sério, inspirar amor, eu? E a quem?) Ele se apresentou pela primeira vez sob a forma de um comovente encontro de férias, se exprimiu essencialmente numa copiosa correspondência e terminou por uma ruptura consentida em nome da nossa juventude e da distância geográfica que nos separava. No verão seguinte, com o coração partido pelo fim dessa paixão semiplatônica, me engajei como grumete num cargueiro, um dos últimos *liberty ships*\* em serviço no Atlântico, e joguei no mar um pacote de cartas de fazer os tubarões dar risada. Foi preciso esperar dois anos para que um novo amor se tornasse o primeiro, pela importância que, nesse domínio, os atos conferem à palavra. Outro gênero de encarnação, que revolucionou minha vida e assinou a sentença de morte de minha lerdeza. Uma mulher me amava! Pela primeira vez na minha vida, meu nome ressoava em meus próprios ouvidos! Uma mulher me chamava pelo meu nome! Eu existia aos olhos de uma mulher, no seu coração, entre suas mãos, e já na sua lembrança, seu primeiro olhar do dia seguinte me dizia! Escolhido entre todos os outros! Eu! Preferido! Eu! Por ela! (Uma aluna de classe preparatória para a Escola Normal Superior, mais não era possível, enquanto eu ia repetir meu último ano de liceu!) Minhas últimas barragens saltaram: todos os livros de leituras noturnas, as milhares de páginas em sua maior parte apagadas da memória, aqueles conhecimentos estocados apesar de todos e de mim mesmo, escondidos sob tantas camadas de esquecimento,

---

\* Cargueiros construídos em grande escala pelos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns foram doados à França. (N. da T.)

de renúncia e de autodenegrimto, esse magma de palavras fervendo de ideias, de sentimentos, de saberes de todos os gêneros fez explodir de repente a crosta de infâmia e jorrou na minha cabeça, que tomou ares de firmamento infinitamente estrelado! Em suma, eu planava, como dizem os felizes de hoje. Eu amava e era amado. Como tanto ardor impaciente podia suscitar tanta calma e tanta certeza? Que confiança os outros tinham em mim, de repente! E que confiança eu tinha em mim, eu mesmo! Durante aqueles anos em que durou essa felicidade, nem pensar em me fazer de imbecil. Correr atrás, sim. Depois do *bac*, eliminei, em menos tempo do que se leva para dizer, uma licenciatura e um mestrado em letras, a escrita do meu primeiro romance, cadernos inteiros de aforismos que eu chamava sem rir de meus *Lacônicos*, e a produção de inúmeras dissertações, algumas das quais destinadas a colegas de minha amiga que solicitavam minhas luzes sobre um ou outro ponto de história, de literatura ou de filosofia. No entusiasmo, até me dei ao luxo de uma preparação para a Escola Normal Superior, que abandonei no meio do caminho pela redação daquele famoso primeiro romance. Deixar ir adiante minha própria pena, voar com minhas próprias asas, no meu próprio céu! Não queria nada mais do que isso. E que minha amiga continuasse a me amar.

Diante da brincadeira de meu pai sobre a revolução necessária para a minha licenciatura e sobre o risco de um conflito planetário se eu tentasse a agregação, dei risada e respondi que nada disso, nada de revolução, papai, o amor, pelamordedeus! O amor durante três anos! A revolução, nós a fizemos na cama, ela e eu! Quanto à agregação, nada disso, não gosto de jogos de azar! Nem Capes! Chega de tempo perdido. Um mestrado e basta: o mínimo vital do professor. Pequeno professor, papai. Nas pequenas empresas, se necessário. Retorno ao local do crime. Ocupar-me dos garotos que caíram no lixão de Djibuti. Ocupar-me deles com a clara lembrança daquele que eu fui. Além disso, a literatura! O romance! O ensino e o romance! Ler, escrever, ensinar!

Meu despertar deve muito também à tenacidade desse pai falsamente distante. Nunca desencorajado pelo meu próprio desenco-

rajamto, ele soube resistir a todas as minhas tentações de fuga: aquela súplica veemente, por exemplo, aos quatorze anos, para que ele me fizesse engajar numa tropa. Rimos muito, vinte anos depois, quando, livre de meu serviço, eu mostrei a ele a menção inscrita na minha caderneta militar: *Patentes sucessivas: segunda classe.*

– Sucessivamente segunda classe, então? É bem o que eu pensava: inapto para a obediência e nenhum gosto pelo comando.

Houve também Jean Rolin, velho amigo, professor de filosofia, pai de Nicolas, Jeanne e Jean-Paul, meus companheiros de adolescência. Cada vez que eu não passava no *bac*, ele me convidava a um excelente restaurante para me convencer, mais uma vez, de que cada um segue seu ritmo e de que eu estava fazendo simplesmente um retardo de eclosão. Jean, meu querido Jean, que estas páginas – tão atrasadas, na verdade – o façam sorrir no paraíso dos filósofos.

**E**nfim, nós viemos a ser, nós nos tornamos. Mas não mudamos tanto assim. Nós nos fazemos com aquilo que somos.

Eis que, no fim desta segunda parte, eu me entrego a uma crise de dúvida. Dúvida quanto à necessidade deste livro, dúvida quanto à minha capacidade para escrevê-lo, dúvida sobre mim mesmo, simplesmente, dúvida que se estenderá logo em considerações irônicas sobre o conjunto do meu trabalho, a saber, minha vida inteira... Dúvida prolífica... Essas crises são frequentes. Elas são uma herança da minha lerdeza, não me habituo. A dúvida sempre vem pela primeira vez, e eu acabo ficando com a dúvida destruidora. Ela me empurra para uma rampa natural. Resisto, mas a cada dia vou me tornando o mau aluno que tento descrever. Os sintomas são rigorosamente iguais aos dos meus treze anos: devaneio, procrastinação, dispersão, hipocondria, nervosismo, deleite moroso, saltos de humor, lamúrias e, para terminar, sideração diante da tela do meu computador como antigamente diante do exercício por fazer, do questionário por preparar... Aqui estou, debocha o lerdo que eu fui.

Levanto os olhos. Meu olhar erra sobre o Vercors sul. Nenhuma casa no horizonte. Nenhuma estrada. Nenhum indivíduo. Campos pedregosos, cercados de montanhas rasas onde florescem aqui e ali buquês de faias como penachos silenciosos. Sobre todo esse vazio, enfarrusca-se imensamente um céu de ameaça. Deus, como eu gosto dessa paisagem! No fundo, uma de minhas grandes alegrias terá sido me oferecer este exílio que em criança eu pedia a meus pais... Este horizonte em que, deste lado daqui, ninguém tem de dar contas a ninguém. (Salvo esse pequeno coelho àquela ave de rapina, lá no alto,

que está de olho nele...) No deserto, o tentador não é o diabo, é o deserto mesmo: tentação natural de todos os abandonos.

Está bem, pare com isso,  
pare com essa palhaçada,  
vá trabalhar.

**R**etoma-se o trabalho. Linha após linha, o vir a ser continua com este livro que se faz.

Vem-se a ser.

Uns após outros, nós vimos a ser. Tudo se passa raramente como previsto, mas uma coisa é certa: nós vimos a ser. Nós nos tornamos.

Semana passada, quando estou saindo de um cinema, uma menininha de nove ou dez anos corre atrás de mim na rua e me alcança, toda ofegante:

– Senhor, senhor!

O que foi? Esqueci meu guarda-chuva na sala? Toda sorridente, a menina aponta para um cara que nos olha do outro lado da rua.

– É meu avô, senhor!

Vovô ensaia uma saudação, meio sem graça.

– Ele não tem coragem de vir aqui dizer bom-dia, mas o senhor foi professor dele.

– ...

Caramba, o avô dela! Eu fui professor do avô dela!

É isso aí, nós vimos a ser.

...

Você deixa uma menina na oitava série, burra, burra, burra, dito por ela mesma (“Como eu era burra!”), e, vinte anos depois, uma jovem chama, numa rua de Ajaccio, radiosa, sentada na calçada de um café:

– Professor, *Não toque o ombro do cavaleiro que passa!*

Você para, se vira, a jovem sorri e recita a sequência de *A aleia*, este poema de Supervielle que, aparentemente, vocês conhecem:

*Ele se voltaria  
E seria noite,  
Uma noite sem estrela,  
Sem curva e sem nuvem.*

Ela dá uma risada e indaga:

*– O que seria então  
de tudo aquilo que o céu faz,  
A lua e sua passagem  
E o som do sol?*

E você responde à criança ressurgida no sorriso da mulher, a criança insubmissa a quem você, no passado, havia ensinado este poema:

*– Ser-lhe-ia preciso esperar  
Que um segundo cavaleiro  
Tão poderoso quanto o outro  
Consentisse em passar.*

Em Paris, estou num café conversando com amigos. De uma mesa vizinha, um homem aponta para mim com o dedo e me olha fixamente. Levanto os olhos e pergunto, com um gesto da cabeça, o que é que ele quer de mim. Ele me chama então por um nome que não é o meu:

– Don Segundo Sombra!

Fazendo-o, ele me leva a dar um salto vertiginoso no tempo.

– Você, eu tive você em 1982! Na sétima!

– Isso mesmo, professor. E foi nesse ano que o senhor nos leu *Don Segundo Sombra*, um romance argentino, de Ricardo Güiraldes.

Não me lembro nunca dos nomes desses alunos de reencontros, nem mesmo de seus rostos, mas, com os primeiros versos, os primeiros títulos de romances evocados, das primeiras alusões a certo curso, alguma coisa se recompõe do adolescente que não queria ler, ou da

menina que achava que não entendia nada; eles me voltam, tão familiares quanto os versos de Supervielle ou o nome de Segundo Sombra, que, vá-se saber por quê, não sofreram a erosão do tempo. Eles são ao mesmo tempo aquela garota medrosa e essa jovem que faz hoje a moda da sua geração, aquele menino fechado e esse comandante de bordo que lê por cima dos oceanos, piloto automático ligado.

A cada encontro, constata-se que uma vida floresceu, tão imprevisível quanto a forma de uma nuvem.

E não vá você imaginar que esses destinos devem tanto assim à sua influência de professor! Olho a hora num relógio de bolso que Minne, minha mulher, me deu num antigo aniversário qualquer e que não me deixa nunca. Esse tipo de relógio de encaixe duplo é chamado de sabonete. Então, eu consulto meu sabonete e escorrego quinze anos para trás, liceu H, sala F, onde fiquei ocupado em tomar conta de uns sessenta, no segundo e terceiro ano do ensino médio, as classes terminais, quando eles se debruçavam num silêncio de futuro. Todos cobriam o papel com tinta, dando o melhor que podiam, menos Emmanuel, à minha direita, perto da janela, a três ou quatro fileiras do meu estrado. Nariz ao vento, papel em branco, Emmanuel. Nossos olhares se cruzam. O meu se faz explícito: Então, o que é? Prova em branco? Você vai escrever, o.k.? Emmanuel me faz um sinal. Tive-o como aluno dois anos antes. Esperto, vivo, malandro, inventivo, engraçado e determinado. E, por enquanto, papel em branco. Consinto em me aproximar, história de dar uma sacudida, mas ele corta curto meu golpe de repreensão, soltando num suspiro definitivo:

– Se o senhor soubesse como isso me chateia, professor!

– E pode-se saber o que é que lhe interessa?

– Isto.

Ele responde, devolvendo o meu sabonete, que tinha roubado sem que eu percebesse.

– E isto – disse devolvendo-me a caneta.

– Batedor de carteira? Você quer se tornar batedor de carteira?

– Prestidigitador, professor.

O que ele veio a ser é isso, e o que é ainda, e famoso, sem que eu nada tenha feito.

Sim, às vezes acontece que alguns projetos se realizem, que vocações tomem forma, que o futuro honre o encontro marcado. Um amigo me garante que uma surpresa me espera num restaurante aonde me convida. Eu vou. A surpresa é de peso. É Remi, o *maître* do lugar. Impressionante, do alto do seu metro e oitenta e sua roupa de *chef*! Não o reconheço imediatamente, mas ele me refresca a memória, depositando diante de meus olhos uma redação dele, corrigida por mim há vinte e cinco anos. 13/20. Assunto: *Faça o seu retrato aos quarenta anos*. Ora, o homem de quarenta anos que está na minha frente, sorridente e vagamente intimidado pelo aparecimento de seu velho professor, é exatamente aquele que o jovem aluno descreveu no seu exercício: o *chef* de um restaurante no qual ele comparava a cozinha à sala de máquinas de um transatlântico de alto-mar. O corretor tinha apreciado, em vermelho, e tinha emitido o desejo de se sentar, um dia, à mesa desse restaurante...

É em situações como essa que você não lamenta o ter-se tornado esse professor que, depois, você não foi mais.

Nós vimos a ser, nós nos tornamos, tanto quanto nós somos, e nos cruzamos às vezes com os que vieram a ser. Isabelle, semana passada, reencontrada num teatro, espantosamente parecida com a garota de dezesseis anos que foi minha aluna no primeiro ano do ensino médio... Ela havia encalhado na minha classe depois de sua segunda repetição de ano. ("Minha segunda repetição em três anos, enfim!") Fonoaudióloga no presente, um sorriso discreto.

Como os outros, ela pergunta:

– O senhor se lembra de fulana? E de sicrano? E daquele outro?

Pena, ó meus alunos, minha arruinada memória se recusa sempre ao arquivamento dos nomes próprios. As maiúsculas deles continuam a fazer barragem. Bastavam-me as grandes férias para eu esquecer a maior parte dos seus nomes, então, pensem em todos esses anos! Uma espécie de lavagem permanente circula no meu cérebro e elimina, com os seus, os nomes de autores que li, os títulos de seus livros ou os dos filmes que vejo, as cidades que atravesso, os itinerários que

sigo, os vinhos que bebo... O que não significa que vocês tenham caído no meu esquecimento! Que me seja dado rever vocês durante cinco minutos, e o rosto confiante de Remi, a grande risada de Nadia, a malícia de Emmanuel, a gentileza pensativa de Christian, a vivacidade de Axelle, o inoxidável bom humor de Arthur ressuscitam o aluno nesse homem ou nessa mulher que me fazem, passando por mim, o prazer de me reconhecer como seu professor. Posso perfeitamente confessar a vocês hoje, a sua memória sempre foi mais veloz e mais confiável do que a minha, mesmo naqueles tempos em que estudávamos juntos aqueles textos semanais que nós devíamos ser capazes de nos recitar mutuamente em não importa que momento, durante o ano. Bom ano, mau ano, uns trinta textos de todos os gêneros, de que Isabelle declara, orgulhosamente:

- Não esqueci um só, professor!
- Imagino que você tivesse os seus preferidos...
- Sim, aquele, por exemplo, que o senhor nos disse que estaríamos maduros para entender dali uns sessenta anos...

*Meu avô tinha o costume de dizer: “A vida é espantosamente curta. Na minha lembrança, ela se recolhe tão apertada sobre si mesma que eu mal entendo (por exemplo) que um jovem possa se decidir a partir a cavalo para a aldeia mais próxima sem temer – afastado qualquer acidente – que uma existência normal e vivida sem contrariedades não seja suficiente, nem de longe, mesmo para esse passeio.”*

Num gesto de quase reverência, Isabelle solta o nome do autor: Franz Kafka. E completa:

- Na tradução de Vialatte, aquela que o senhor prefere.

III

LÁ

ou o presente  
de encarnação

*Eu nunca vou chegar lá.*

1

- **E**u nunca vou chegar lá, professor.  
- O que é que você está dizendo?

- Eu nunca vou chegar lá.

- Aonde é que você quer ir?

- A lugar nenhum. Eu não quero ir a lugar nenhum.

- Então por que é que você tem medo de não chegar lá?

- Não é isso o que eu quero dizer.

- O que é que você quer dizer?

- Que eu nunca vou chegar lá, é isso!

- Escreva aí no quadro: Eu nunca vou chegar lá.

*Eu nunca vou chegar lá.*

- Você se enganou de lá. Este aqui é um advérbio, explico-lhe depois. Corrija. Lá, neste caso, se escreve com acento. E nunca é com dois enes.

*Eu nunca vou chegar lá.*

- Pronto. O que é esse "lá", para você?

- Não sei.

- O que ele quer dizer?

- Não sei.

- Bem, precisamos absolutamente encontrar o que é que ele quer dizer, porque é dele que você está com medo, desse "lá".

- Não estou com medo.

- Você não está com medo?

- Não.

- Você não tem medo de não chegar lá?

- Não, tô cagando.

- Desculpe?

- Pra mim dá no mesmo, acho isso ridículo.

- Você acha ridículo não chegar lá?
- Acho isso ridículo, é só isso.
- E isso você pode escrever no quadro?
- O quê? Eu acho isso ridículo?
- É.

*Eu acho iso ridículo.*

- Está bem, e este "isso", justamente, o que é esse "isso"?
- ...
- Esse "isso" o que é?
- Ora, eu não sei... É tudo isso!
- Tudo isso o quê?
- Tudo isso que me enche!

Desde as primeiras horas de aula, naquele ano, atacamos aquele “lá”, aquele “isso”, aquele “tudo”, meus alunos e eu. Foi por eles que tomamos de assalto o bastião gramatical. Se quiséssemos nos instalar solidamente no presente do indicativo do nosso curso, era preciso fazer um acerto de contas com aqueles misteriosos agentes de desencarnação. Prioridade absoluta! Então, fizemos a caça aos pronomes e advérbios evanescentes. Essas palavras enigmáticas também como abscessos por perfurar.

“Lá”, primeiro. Nós tínhamos começado por esse famoso “lá” ao qual não se chega nunca. Passemos por cima de sua denominação de advérbio ou de partícula de realce, que soa como chinês ao ouvido do aluno que a ouve pela primeira vez. Abrimos o ventre desse “lá”, extirpamos todos os sentidos possíveis, e colamos sua etiqueta gramatical e o recosturamos, depois de termos posto no lugar suas entranhas devidamente repertoriadas. Os gramáticos lhe dão um valor impreciso. Bem, vamos precisar, sejamos precisos!

Ocasionalmente, naquele ano, aquele jovem, o que resmungava e soltava palavrões como se aquilo lhe fosse automático, acabava de ter a experiência pungente de um exercício de matemática no qual ele tinha se saído mal. O exercício tinha feito estourar a crise: a caneta foi parar longe, o caderno fechado com violência (de qualquer modo, não entendo nada disso, tô cagando para isso, isso me enche etc.), aluno posto para fora da sala de aula, e tendo nova crise na hora seguinte comigo, em francês, quando ele se via diante de outra dificuldade, esta gramatical, mas que o devolvia brutalmente à lembrança da precedente...

– Não vou nunca chegar lá, estou dizendo. A escola não foi feita para mim, ’fessor!

(Debate nacional, meu caro rapaz, e daqui a pouco centenário. Saber se a escola foi feita para você ou você para a escola, você nem pode imaginar como se arrancam as tripas com respeito a essa questão no olimpo educativo.)

– Há três anos, você pensava que estaria um dia na sexta série?

– De verdade, não. E ainda na terceira série, eles queriam que eu repetisse.

– É, está certo, mas você agora está na sexta. Você chegou *lá*.

(Por antiguidade, talvez, em péssimo estado, estou de acordo, de mais ou menos boa vontade, isso lhe diz respeito, a título mais ou menos justo, isso se discute nos altos postos, mas apesar de tudo você chegou *lá*, o fato está *ai*, e nós todos com você, e, agora que nós chegamos *lá*, nós vamos passar de ano, trabalhar e aproveitar para resolver alguns problemas, a começar pelo mais urgente de todos: esse medo de não chegar *lá*, esta tentação de zombar e fugir, e essa mania de enfiar tudo no mesmo *tudo*. Há uma enorme quantidade de pessoas, nesta cidade, que têm medo de não chegar *lá* e que acreditam que não estão nem *ai*... Mas essas pessoas ligam, sim, elas fingem, deprimem, derivam, reclamam, batem, tentam dar medo aos outros, mas se há uma coisa em que pensam muito é esse *lá*, é isso o que estraga suas vidas e é esse *tudo* o que as enche.)

– Não adianta, isso não serve pra nada!

– Certo, nós vamos nos ocupar desse “isso” também, e desse “nada”. E do verbo “servir”, já que estamos nele. Porque começa a me dar nos nervos o verbo “servir”! Isso não serve pra nada, isso não serve pra nada, e na sua boca, nesse instante, serve para que o verbo “servir”? Já era tempo de lhe fazer a pergunta.

Naquele ano, então, nós abrimos o ventre desse “lá”, desse “disso”, desse “isso”, desse “tudo” e desse “nada”. Cada vez que eles faziam irrupção na sala de aula, nós partíamos em busca do que nos escondiam aquelas palavras tão deprimentes. Nós esvaziamos aquelas outras, infinitamente extensíveis, daquilo que torna pesada a barca do aluno em perdição, nós as esvaziamos como se tira água de uma canoa a ponto de afundar e examinamos de perto o conteúdo de tudo o que estávamos jogando fora de bordo. “Lá”, aquele exercício

de matemática que tinha acendido o estopim. O de gramática havia reacendido o incêndio. (A gramática me enche ainda mais que a matemática, 'fessor!)

E assim foi em seguida: "lá" era também a língua inglesa, que não se deixava agarrar, "lá" era a matéria da área técnica que o enchia, como o resto (dez anos depois, ela lhe *encheria o saco* e outros dez anos depois ela o *entupiria*) de "chegar lá", os resultados que todos os adultos inutilmente esperavam dele, enfim, "lá" estavam todos os aspectos da sua escolaridade.

Daí o aparecimento do "isso", de debochar "de tudo isso", vá se foder, tô cagando, para testar a resistência dos ouvidos docentes. Mais uns vinte anos e não tô nem aí ou tô pouco me lixando viriam se acrescentar à lista.

"Isso", a constatação do seu fracasso.

"Isso", a opinião dos adultos a respeito dele.

"Isso", esse sentimento de humilhação que ele prefere reciclar em ódio dos professores e desprezo pelos bons alunos...

Daí sua recusa a procurar entender outro "isso", o enorme "tudo" que não serve para "nada", essa vontade permanente de estar longe, de fazer outra coisa, não importa onde, não importa o que de diferente.

A dissecação deles, escrupulosa, daquele "lá" revelou-lhes a imagem que faziam de si mesmos: uns inúteis, extraviados num universo absurdo, de que preferiam escapulir, porque não viam lá nenhum futuro.

– Nem sonhar, professor!

No futuro.

"Lá", ou o futuro inacessível.

Acontece porém que, no caso, não ver nenhum futuro significa não se instalar também no presente. Fica-se sentado diante da carteira, mas longe, prisioneiro dos limbos da lamentação, um tempo que não passa, uma espécie de perpetuidade, um sentimento de tortura de que o aluno quer se ver livre, a qualquer preço, mesmo o mais caro.

Daí minha decisão de professor: usar a análise gramatical para trazê-los para o aqui, agora, a fim de provarem a delícia muito especial

de compreender para que serve um advérbio, um pronome, uma palavra capital que se utiliza mil vezes por dia, lá, sem pensar. Perfeitamente inútil, diante desse aluno encolerizado, perder-se em argúcias morais ou psicológicas, a hora não é de debate, é de urgência.

Uma vez “lá” e “isso” esvaziados e limpos, nós os etiquetamos devidamente. Eles são bastante úteis para limpar o veneno de uma conversa espinhosa. Nós os comparamos a porões da linguagem, esses advérbios e esses pronomes, a sótãos inacessíveis, a uma mala que não se abre nunca, um pacote esquecido num depósito cuja chave tivéssemos perdido.

– Um esconderijo, professor, um esconderijo sinistro!

Não assim tão bom, realmente. Acredita-se que estamos bem escondidos e o esconderijo nos digere. O “lá” e o “isso” nos engolem e nós não sabemos mais quem somos.

Os males da gramática são curados pela gramática, os erros ortográficos, pelos exercícios de ortografia, o medo de ler, pela leitura, o de não entender, pela imersão no texto, e o hábito de não refletir, pelo calmo reforço de uma razão estritamente limitada ao objeto que nos ocupa. Aqui, agora, nesta sala, durante esta hora de aula, enquanto aqui estamos.

Herdei esta convicção de minha própria escolaridade. Deram-me muita lição de moral, tentaram muitas vezes me chamar à razão, e com boa vontade, porque não faltam pessoas gentis entre os professores. O diretor do colégio para onde havia me remetido o meu assalto doméstico, por exemplo. Ele era um marinheiro, um antigo comandante de bordo, acostumado à paciência dos oceanos, pai de família e marido atento de uma esposa de quem se dizia doente de um mal misterioso. Um homem bastante ocupado pelos seus e pela direção daquele internato onde não faltavam os casos da minha espécie. Quantas horas, no entanto, ele gastou tentando me convencer de que eu não era o idiota que eu pretendia ser, que meus sonhos de exílio africano eram tentativas de fuga, e que bastava eu me pôr seriamente a estudar para retirar a hipoteca que as minhas lamúrias faziam pesar sobre minhas aptidões! Eu o achava bem bom por se interessar por mim, ele que tinha tantas preocupações, e eu prometia me corrigir, sim, sim, bem depressa. Acontece porém que bastava eu me encontrar na aula de matemática, ou no estudo da noite, debruçado sobre uma lição de ciências naturais, para que nada mais restasse da invencível confiança que eu tinha retirado de nossa entrevista. É que não tínhamos falado de álgebra, o senhor diretor e eu, nem da fotossíntese, mas de vontade, de concentração, era de mim que nós tínhamos falado, de mim, muito capaz de progredir,

ele estava convencido, se eu me dispusesse de verdade! E esse eu, insuflado de súbita esperança, jurava se aplicar, não mais inventar histórias; ai de mim, dez minutos depois, confrontado com a *algebricidade* da linguagem matemática, esvaziava-se como um balão esse eu, e no estudo da noite ele não era mais que uma renúncia diante do gosto inexplicável das plantas pelo gás carbônico, pela estranha clorofila. Eu retornava a ser o cretino familiar que não entendia nada, nunca, pela simples razão de nunca ter entendido nada.

Dessa desventura tantas vezes repetida me ficou a convicção de que era preciso falar aos alunos a única linguagem da matéria que eu lhes ensinava. Medo da gramática? Vamos praticar a gramática. Falta de apetite pela literatura? Leiamos! Porque, ó meus alunos, por mais estranho que isso possa lhes parecer, vocês estão sendo modelados pelas matérias que nós lhes ensinamos. Vocês são a matéria mesma de todas as nossas matérias. Infelizes na escola? Talvez. Sacudidos pela vida? Alguns, sim. Mas, aos meus olhos, feitos de palavras, todos, como vocês são, tecidos de gramática, repletos de discursos, mesmo os mais silenciosos ou os menos equipados em vocabulário, assustados pelas representações que fazem do mundo, plenos de literatura, em resumo, a cada um de vocês peço que acreditem em mim.

**F**utilidade das intervenções psicológicas bem-intencionadas. Turma de segunda série de liceu. Jocelyne chora sem parar, a aula não pode começar. Nada mais sério que a tristeza para impedir o saber. O riso pode perfeitamente ser apagado com um olhar, mas as lágrimas...

– Será que alguém tem uma história engraçada de reserva? É preciso fazer Jocelyne rir, para podermos começar. Puxem pela memória. Uma história *muito* engraçada. Tempo, três minutos e não mais. Montesquieu nos espera.

A história engraçada jorra.

Ela é mesmo engraçada.

Todo o mundo ri, incluindo Jocelyne, a quem eu convido a vir falar comigo durante o recreio, se ela precisar.

– Até lá você *só* vai se ocupar de Montesquieu.

Recreio. Jocelyne me expõe sua infelicidade. Os pais já não se entendem. Brigam da manhã à noite, dizem horrores um ao outro. A vida em casa está infernal, a situação dilacerante. Bem, dois atletas de corrida de fundo que precisaram de vinte anos para se achar mal entrosados; o divórcio paira no ar. Jocelyne, que não é má aluna, degradingola em todas as matérias. E aqui vou eu, remendando a sua tristeza. Mais vale, digo prudentemente, talvez o divórcio, você sabe, Jocelyne, enfim... dois divorciados acalmados lhe serão mais suportáveis do que um casal que procura se destruir...

Etc.

Jocelyne se desfaz de novo em lágrimas:

– Justamente, professor, eles tinham decidido se divorciar, mas agora voltaram atrás!

Ah!



Bom.

Bom, bom, bom.

Bem.

É sempre mais complicado do que acredita o psicólogo aprendiz.

– ...

– ...

– Você conhece Maisie Farange?

– Não, quem é?

– É a filha de Beale Farange e de sua mulher, cujo nome esqueci. Dois divorciados famosos, no tempo deles. Maisie era pequena quando eles se separaram, mas ela não perdeu uma só migalha. Você devia encontrá-la. Está num romance. De um americano, Henry James. *Pelos olhos de Maisie*.

Romance, por mais complexo que fosse, que Jocelyne leu durante as semanas seguintes, estimulada pelo terreno comum da batalha conjugal. (“Eles lançam um sobre o outro as mesmas acusações que os Faranges, professor!”)

É isso, por sangrarem sangue verdadeiro, a guerra de casais e a tristeza dos filhos nem por isso são menos literárias.

Dito isso, quando Montesquieu nos honra com sua presença na sala de aula, deve-se estar presente a Montesquieu.

A presença deles na sala de aula... Nada cômodo, para esses meninos e essas meninas, oferecer cinquenta e cinco minutos de concentração, em cinco ou seis aulas sucessivas, de acordo com o emprego, tão particular, que a escola faz do tempo.

Um quebra-cabeça, o horário! Repartição de aulas, de matérias, de alunos, em função do número de salas, da constituição de grupos de estudo, do número de matérias opcionais, da disponibilidade dos laboratórios, dos desideratos incompatíveis do professor disso e da professora daquilo... É verdade que hoje em dia a cabeça do diretor é salva pelo computador, ao qual ela confia seus parâmetros: “Sinto muito pela sua tarde de quarta-feira, professora, é o computador.”

– Cinquenta e cinco minutos de francês – eu explicava aos meus alunos – é uma pequena hora que nasce, tem meio e fim, é uma vida inteira, resumindo.

Papo furado, eles poderiam responder: uma vida de literatura, uma vida de matemática, que dá numa plena existência de história, que impele você, sem nenhuma razão, para outra vida, inglesa essa, ou alemã ou química, ou musical... Quantas reencarnações num dia só! E sem nenhuma lógica! É *Alice no país das maravilhas* este seu horário: a gente toma chá com o coelho em março e se encontra, sem transição, jogando críquete com a rainha de copas. Um dia passado no liquidificador de Carroll, sem o lado maravilhoso dele, e você fala de uma ginástica! E ainda por cima num clima de rigor e que nada tem a ver com nenhum comércio, uma absoluta desordem, desenhada como um jardim à francesa, bosque de cinquenta e cinco minutos seguido de bosque de cinquenta e cinco minutos. Parecidos com isso, só existem mesmo o dia de trabalho do psicanalista e o

salame do salsicheiro, também cortados em fatias assim, iguais. E isso durante todas as semanas, o ano inteiro! O acaso sem surpresa, que prazer!

Seria tentador responder-lhes: parem de reclamar, e ponham-se no nosso lugar, a comparação de vocês com o psicanalista, aliás, não é ruim. Ele, todos os dias no seu consultório, coitado, vendo desfilar a infelicidade do mundo e nós em nossas salas de aula vendo desfilar a ignorância do mundo, em grupos de trinta e cinco, horário fixo, durante toda a nossa vida, a qual – percepção logarítmica ou não – é muito mais longa do que a sua bem curta juventude, vocês vão ver, vocês vão ver...

Mas não, nunca se pede a um aluno que se coloque no lugar do professor, a tentação da chacota é forte demais. E nunca se deve propor a ele que compare o seu tempo com o nosso: a nossa hora não é mesmo a dele, não evoluímos na mesma duração. Quanto a lhe falar de nós ou dele mesmo, não dá: sem assunto. A nós cabe manter o que decidimos: essa hora de gramática deve ser uma bolha de ar no tempo. Meu trabalho consiste em fazer com que meus alunos se sintam existir *gramaticalmente* durante cinquenta e cinco minutos.

Para chegar lá, não se pode perder de vista que as horas não são parecidas: as horas da manhã não são as da tarde; as horas do acordar, as horas digestivas, aquelas que precedem o recreio, aquelas que a ele se seguem, todas são diferentes. E a hora que se sucede à aula de matemática não se apresenta como a que se segue à aula de ginástica...

Essas diferenças não têm nenhuma incidência sobre a atenção dos bons alunos. Eles dispõem de uma faculdade abençoada: trocar de pele com conhecimento de causa, no bom momento, no bom lugar, passar do adolescente agitado ao aluno atento, do perdido ao sério, do distante ao aqui, do passado ao presente, das matemáticas à literatura... É a rapidez de encarnação que distingue os bons alunos dos alunos problemáticos. Estes, como reprovam seus professores, estão quase sempre distantes. Eles se livram com mais dificuldade da hora precedente, se arrastam numa lembrança ou se projetam num desejo qualquer de outra coisa. A cadeira deles é o trampolim que

os impele para fora da sala, no mesmo segundo em que se instalam. A menos que eles durmam. Se eu quero a plena atenção mental deles, é preciso ajudá-los a se instalar nas minhas aulas. Os meios para conseguir? Isso se aprende, ainda que longamente. Uma única certeza é que a presença dos meus alunos depende estritamente da minha: da minha presença junto à turma inteira e junto a cada indivíduo em particular, da minha presença na minha matéria também, da minha presença física, intelectual e mental, durante os cinquenta e cinco minutos que vai durar a minha aula.

Oh, a lembrança dolorosa das aulas em que eu não estava lá! Como eu sentia flutuar os meus alunos, eles derivavam tranquilamente enquanto eu tentava organizar minhas forças. Essa sensação de estar perdendo a minha turma... Não estou aqui, nem eles estão, nós nos desligamos. E assim a hora passa. Eu represento o papel daquele que dá aula, eles representam os que escutam. Caras bem sérias, todos em comum, blá-blá-blá de um lado, rabiscação do outro, um inspetor ficaria satisfeito, talvez, desde que a boutique pareça estar aberta... Mas eu não estou ali, que diabo, eu não estou ali, hoje eu estou longe. O que eu digo não encarna, eles nem estão aí para o que estão ouvindo. Nem perguntas nem respostas. Eu me protejo com uma aula clássica. A energia desmedida que eu dilapido só para manter esse ridículo fio de saber! Estou a cem léguas de Voltaire, de Rousseau, de Diderot, dessa turma, desse ruído, dessa situação, desgasto-me tentando reduzir a distância, mas não há jeito, estou tão distante da minha matéria quanto da minha turma. Não sou o professor, sou o guarda de museu, estou guiando mecanicamente uma visita obrigatória.

Essas horas perdidas me deixavam caído de joelhos. Eu saía da minha sala cansado e furioso. Um furor que os meus alunos corriam o risco de sofrer durante o dia todo porque não há ninguém mais pronto para descompor você do que um professor descontente consigo mesmo. Atenção, garotada, é melhor passar ao largo, o professor de vocês se deu uma nota baixa, o primeiro responsável que aparecer vai pagar! Sem falar na correção de seus exercícios esta noite, em casa. Um momento em que o cansaço e a má consciência não são bons conselheiros! Mas não, nada disso, nada de correções esta noite, nem de TV, nem de saída, para a cama! A primeira qualidade de um professor é o sono. O bom professor é aquele que dorme cedo.

É imediatamente perceptível a presença do professor que habita plenamente a sua sala de aula. Os alunos a percebem desde o primeiro minuto do ano, nós todos temos essa experiência: o professor acaba de entrar, ele está totalmente lá, e isso se vê pela sua maneira de olhar, de cumprimentar os alunos, de se sentar, de tomar posse da mesa. Ele não se dispersou por medo das reações deles, ele não está fechado em si mesmo, não, ele está por dentro do que faz, logo no começo ele está presente, distingue cada rosto, a turma existe sob o seu olhar.

Essa presença eu experimentei novamente, há pouco, no Blanc-Mesnil,\* aonde fui convidado por uma jovem colega que havia mergulhado seus alunos em um de meus romances. Que manhã passei lá! Bombardeado por leitores que pareciam dominar melhor do que eu a matéria do meu livro e a intimidade de meus personagens, que se exaltavam sobre certas passagens e se divertiam em fustigar os meus vícios de escrita. Eu esperava responder a questões bem educadamente redigidas, sob o olhar de um professor discreto, apenas preocupado com a ordem na sala, como me acontece muitas vezes, e eis que eu estava sendo apanhado no turbilhão de uma controvérsia literária em que os alunos me faziam poucas perguntas convencionais. Quando o entusiasmo elevava suas vozes acima do nível de decibéis suportável, a professora me fazia a pergunta, ela mesma, duas oitavas mais baixo, e a turma inteira entrava nessa linha melódica.

Mais tarde, num café onde almoçamos, perguntei como ela fazia para controlar tanta energia vital.

Primeiro, ela foi evasiva:

---

\* Cidade de região suburbana ao norte de Paris. (N. da T.)

– Nunca falar mais alto do que eles, essa é a coisa.

Mas eu queria saber mais sobre o domínio que ela mantinha sobre aqueles alunos, a felicidade manifesta de estar ali, a pertinência de suas perguntas, a escuta séria deles, o controle do entusiasmo, o controle deles entre si quando discordavam, a energia e a alegria do conjunto, enfim, tudo o que ia diretamente no sentido contrário ao da representação assustadora que a mídia propaga dessas turmas afro-árabes.

Ela fez o somatório das minhas perguntas, pensou um pouco e respondeu:

– Quando fico com eles, ou com os seus trabalhos, eu não estou em nenhum outro lugar.

E acrescentou:

– Mas, quando fico longe, não estou nem um pouco com eles.

O longe dela, na verdade, era um quarteto de cordas que exigia de seu violoncelo o absoluto que a música demanda. Além do mais, ela via uma relação entre uma turma e uma orquestra.

– Cada aluno toca o seu instrumento, não vale a pena ir contra. O delicado está em conhecermos bem nossos músicos e encontrar a harmonia. Uma boa turma não é um regimento que marcha a passo cadenciado, é uma orquestra que trabalha a mesma sinfonia. E, se você herdou o pequeno triângulo que faz ding-ding, ou o berimbau que faz toing-toing, o que conta é que eles o façam no bom momento do melhor modo possível, que eles se tornem um excelente triângulo, um irreprochável berimbau, e que fiquem orgulhosos da qualidade que a contribuição deles confere ao conjunto. Como o gosto da harmonia faz todos progredir, o pequeno triângulo vai terminar, ele também, por conhecer a música, talvez de maneira não tão brilhante quanto um primeiro violino, mas ele vai conhecer a mesma música.

Ela fez uma expressão fatalista:

– O problema é que se quer que eles acreditem num mundo em que os únicos que contam são os primeiros violinos.

Depois:

– E que certos colegas se tomam por Karajan e não suportam dirigir o orfeão municipal. Eles sonham todos com a Filarmônica de Berlim, isso se pode entender...

Mais tarde, aos nos separarmos, como eu lhe repetia a minha admiração, ela respondeu:

– É preciso dizer que você veio às dez horas. Eles estavam acordados.

Há a chamada da manhã. Escutar o seu nome pronunciado pela voz do professor é como um segundo despertar. O som do seu nome às oito da manhã tem vibrações de diapásão.

– Não consigo me decidir a deixar de lado as chamadas, sobretudo a da manhã – explica-me outra professora, de matemática desta vez –, mesmo quando estou com pressa. Recitar uma lista de nomes como se contam carneiros não é possível. Eu chamo a minha galera olhando-os, eu os acolho, eu os *nomeio* um a um e escuto a resposta. Afinal, a chamada é o único momento do dia em que o professor tem ocasião de se endereçar a cada um dos seus alunos, ao menos pronunciando o seu nome. Um curto momento em que o aluno deve sentir que ele existe aos meus olhos, ele e não outro. Quanto a mim, procuro, tanto quanto possível, captar seu humor pelo som que faz o seu “Presente”. Se a voz vacila, vai ser preciso, eventualmente, levar em consideração.

A importância da chamada...

Meus alunos e eu tínhamos uma pequena brincadeira. Eu os chamava, eles respondiam, e eu repetia o “Presente” deles à meia-voz, mas no mesmo tom, como um eco distante:

- Manuel?
- Presente!
- “Presente.” Laetitia?
- Presente!
- “Presente.” Victor?
- Presente!
- “Presente.” Carole?
- Presente!
- “Presente.” Remi?

Eu imitava o “Presente” contido de Manuel, o “Presente” claro de Laetitia, o “Presente” vigoroso de Victor, o “Presente” cristalino de Carole... Eu era o seu eco da manhã. Alguns se aplicavam a tornar suas vozes o mais opacas possível, outros se divertiam em mudar de entonação para me surpreender, ou respondiam “Sim”, ou “Estou aqui”, ou “Sou eu mesmo”. Eu repetia, baixo, a resposta, qualquer que fosse, sem manifestar espanto. Era o nosso momento de convivência, o bom-dia matinal de uma equipe que ia se engajar no trabalho.

Já meu amigo Pierre, professor em Ivry, não faz nunca a chamada.

– Enfim, duas ou três vezes no começo do ano, o tempo de conhecer seus nomes e seus rostos. Melhor passar logo para as coisas sérias.

Os alunos dele o esperam em filas, no corredor, diante da sala de aula. Por todas as partes, no colégio, há corre-corre, nomes soltos no ar, cadeiras e mesas empurradas, espaços invadidos, volume sonoro saturado. Pierre espera que as filas se formem, então abre a porta, espera que rapazes e meninas entrem um a um, troca aqui e ali um “Bom-dia” casual, fecha a porta, se dirige a passos comedidos para a sua mesa, os alunos esperando atrás de suas cadeiras. Ele pede que se sentem, e começa: “Bom, Karim, onde é que nós estávamos?” Sua aula é uma conversação que se retoma lá onde ela tinha sido interrompida.

Pela gravidade que ele põe na sua tarefa, a afetuosa confiança que seus alunos sentem por ele, por sua fidelidade, quando se tornam adultos, eu sempre vi meu amigo Pierre como uma reencarnação do tio Jules.

– No fundo, você é o tio Jules do Val-de-Marne!

Ele solta uma de suas gargalhadas:

– Você tem razão, meus colegas me tomam por um professor do século XIX! Acreditam que eu coleciono as marcas do respeito exterior, as filas, os garotos atrás das cadeiras, esse gênero de coisas que guardam uma nostalgia dos tempos antigos. Pense bem, isso nunca fez mal a ninguém, um pouco de cortesia, mas nessa situação

se trata de outra coisa: instalando meus alunos em silêncio, dou a eles tempo para aterrissar na minha aula, para começar com calma. Do meu lado, fico examinando seus rostos, anoto os ausentes, observo os grupos que se formam e se desfazem; enfim, tomo a temperatura matinal da turma.

Nas últimas horas da tarde, quando nossos alunos caíam de cansaço, Pierre e eu praticávamos sem saber o mesmo ritual. Pedíamos a eles que escutassem a cidade (ele, Ivry, e eu, Paris). Seguiam-se dois minutos de imobilidade e de silêncio em que o alarido lá de fora confirmava a paz dali de dentro. Nessas horas, dávamos nossas aulas num tom de voz mais baixo; e muitas vezes terminávamos com uma leitura.

**E**todas as bobagens que a minha geração proferiu sobre os rituais considerados como marcas de submissão cega, as anotações consideradas aviltantes, o ditado reacionário, o cálculo mental emburrecedor, a memorização de textos infantilizante, todas as proclamações do gênero...

Na pedagogia, como no restante: desde que cessamos de refletir sobre os casos particulares (ora, neste domínio, todos os casos são particulares), nós procuramos, para regular nossos atos, a sombra de uma boa doutrina, a proteção da autoridade competente, a caução do decreto, a assinatura ideológica em branco. Em seguida, nos instalamos sobre certezas que nada pode alterar, nem mesmo o desmentido cotidiano do real. Trinta anos depois, se a educação nacional inteira muda de rumo para evitar o iceberg dos desastres acumulados, nos autorizamos uma tímida virada interior, mas é a virada do navio mesmo, e lá vamos nós, seguindo o rumo de uma nova doutrina, sob o bordão de um novo comando, em nome de nosso livre-arbítrio, bem entendido, eternos antigos alunos que somos.

**R**eacionário, o ditado? Inoperante, em todo o caso, se ele é praticado por um espírito preguiçoso que se contenta em tirar pontos com o único objetivo de decretar um nível! Aviltante, a anotação? Certamente, quando ela se assemelha a essa cerimônia, vista há pouco na televisão, de um professor entregando os exercícios a seus alunos, cada dever largado diante de cada criminoso como um veredicto anunciado, o rosto do professor irradiando fúria, com seus comentários que destinavam todos aqueles que não querem nada à ignorância definitiva e ao desemprego perpétuo. Meu Deus, o silêncio feito de ódio daquela turma! Uma reciprocidade manifesta do desprezo!

Sempre concebi o ditado como um completo encontro marcado com a língua. A língua tal como ela soa, conta, argumenta, a língua como ela se escreve e se constrói, o sentido tal como ele se precisa pelo exercício metucioso da correção. Porque não existe nenhum outro objetivo da correção de um ditado além do acesso ao sentido exato do texto, ao espírito da gramática, à amplitude das palavras. Se a nota deve medir alguma coisa, é a distância percorrida pelo interessado no caminho dessa compreensão. Aqui, como em análise literária, trata-se de passar da singularidade do texto (que história me vai ser contada?) à elucidação do sentido (o que é, exatamente, que tudo isso quer dizer?), transitando pela paixão do funcionamento (como isso funciona?).

Quaisquer que tenham sido meus terrores de criança à aproximação de um ditado – e Deus sabe que meus professores praticavam o ditado como uma razia de ricos num bairro pobre! –, eu sempre senti curiosidade por sua primeira leitura. Todo ditado começa por um mistério: o que será que vai ser lido? Alguns ditados de minha infância eram tão belos que continuam a se fundir dentro de mim como uma bala acidulada, muito tempo depois da nota infamante que eles, entretanto, me tinham custado. Porém, daquele zero em ortografia, ou daquele menos 15, de outro menos 27!, eu tinha feito um refúgio onde ninguém podia me caçar. Inútil me cansar em correções, porque eu já conhecia o resultado!

Quantas vezes, criança, eu tinha afirmado aos meus professores o que meus alunos me repetiam, por sua vez, com frequência:

- De qualquer modo vou tirar zero em ditado!
- Ah, sim, Nicolas? O que faz você acreditar nisso?
- Eu sempre tiro zero!

- Eu também, ’fessor!
- Você também, Véronique?
- Eu também, eu também!
- É uma epidemia, então! Levantem o dedo aqueles que sempre tiraram zero em ortografia.

Era uma conversa de começo de ano, durante nossa tomada de contato, com os da oitava série, por exemplo; ela se abria sistematicamente para o primeiro ditado de uma longa série.

- Está bem, vamos ver isso. Peguem uma folha, escrevam *Ditado*.
- Oh, não, professooor!
- Isso não se negocia. *Ditado*. Escrevam: *Nicolas pretende que tirará sempre zero em ortografia. Nicolas pretende...*

Um ditado não preparado, que eu imaginava ali mesmo, eco instantâneo da confissão de nulidade:

*Nicolas pretende que tirará sempre zero em ortografia, pela única razão de que ele nunca obteve outra nota. Frédéric, Sami e Véronique compartilham sua opinião. O zero, que os persegue desde o seu primeiro ditado, os agarrou e engoliu. Ouvindo-os, cada um deles mora num zero de onde não pode sair. Eles não sabem que têm a chave no seu bolso.*

Enquanto eu imaginava o texto e dava uma pequena tarefa a cada um deles, para provocar curiosidade, eu fazia minhas contas gramaticais: tempos verbais, complementos, pronomes relativos etc.

Ditado terminado, nós começamos a correção imediata:

- Bom, Nicolas, leia para nós a primeira frase.
- *Nicolas pretende que tirará sempre zero em ortografia.*
- É a primeira frase? Ela acaba aí? Você tem certeza?
- ...
- Leia atentamente.
- Ah! não, *pela única razão de que ele nunca obteve outra nota.*
- Bom. Qual é o primeiro verbo conjugado?
- *Pretende?*
- Sim. O infinitivo?
- *Pretender.*
- Que conjugação?

– É... é...

– Segunda, vou explicar daqui a pouco. Qual o tempo?

– Presente.

– O sujeito?

– Eu. Quer dizer, *Nicolas*.

– A pessoa?

– Terceira pessoa do singular.

– Terceira pessoa de *pretender* no presente, certo. Preste atenção à terminação. E você, Véronique, qual é o segundo verbo dessa frase?

– É... *obteve*. É o verbo *obter*!

Uma correção que retoma tudo do zero porque é de lá que nós afirmamos partir. É bem isso mesmo, tudo recomeça do zero na oitava! Até a sétima ainda não é tarde demais para recomeçar do zero, apesar do que se pensa dos imperativos do programa! Mas não vou entrar na argumentação da perpétua falta de base, passar sistematicamente a batata quente para o colega seguinte! Vamos lá, vamos recomeçar do zero: cada verbo interrogado, cada substantivo, cada adjetivo, cada ligação, passo a passo, uma língua que eles têm por missão reconstruir a cada ditado, palavra por palavra, conjugação por conjugação.

– *Razão*, substantivo comum, feminino singular.

– Um determinante?

– O!

– O que é um determinante?

– Um artigo!

– Que tipo de artigo?

– Definido!

– *Razão* tem um adjetivo qualificativo? Antes? Depois? Longe? Perto?

– Antes, sim: *única*. Depois... nenhum. Nenhum adjetivo depois. Só *única*.

– Façam a concordância, caso vocês tenham se esquecido de fazer.

Esses ditados, diários, desde as primeiras semanas, se apresentavam sob a forma de breves relatos em que nós registrávamos o diário

da turma. Eles não eram preparados. Logo em seguida ao ponto final, eles se abriam na correção imediata, milimétrica e coletiva. Depois vinha a correção secreta do professor, a minha, em casa, e a entrega dos exercícios no dia seguinte, a nota, a famosa nota, era de ver a cara que Nicolas ia fazer, saindo pela primeira vez do seu zero. As expressões de Nicolas, Véronique ou Sami no dia em que eles quebravam a casca do ovo ortográfico. Libertos da fatalidade! Enfim! Oh, o encantador desabrochar!

De ditado em ditado, a assimilação das argumentações gramaticais liberava automatismos que tornavam as correções cada vez mais rápidas.

Os campeonatos de dicionário faziam o resto. Era a parte olímpica do exercício. Um tipo de recreação esportiva. Trata-se, cronômetro na mão, de chegar o mais rápido possível à palavra procurada, extraí-la do dicionário, corrigi-la e reimplantá-la no caderno coletivo da turma e num pequeno bloco individual, para depois passar à palavra seguinte. O domínio do dicionário sempre fez parte das minhas prioridades, e formei atletas prodigiosos nesse terreno, desportistas de doze anos que davam conta da palavra procurada em duas, no máximo três rodadas! O sentido da relação entre a ordem alfabética e a espessura de um dicionário, foi essa uma área em que um bom número de meus alunos ganhava de mim fácil. (A essa altura, havíamos estendido o estudo de sistemas de classificação às livrarias e às bibliotecas buscando ali os autores, os títulos e os editores dos romances que líamos em sala ou que eu lhes contava. Chegar primeiro ao título de sua escolha era um desafio! Às vezes, o livreiro oferecia o livro ao ganhador.)

Assim iam nossos ditados cotidianos, até o dia em que eu encomendei o próximo ditado a um dos meus antigos atrasados:

– Sami, por favor, escreva para nós o ditado de amanhã: um texto de seis linhas com dois verbos pronominais, um particípio de “ter”, um infinitivo da primeira conjugação, um pronome demonstrativo, um pronome possessivo, duas ou três palavras difíceis que nós já vimos juntos e uma ou duas coisas de sua escolha.

Véronique, Sami, Nicolas e os outros criavam os textos em rodízio, ditavam-nos eles mesmos, e guiavam a correção. Foi assim até que a turma foi capaz de voar com suas próprias asas e fazer, sem nenhuma ajuda, no silêncio da sua cabeça, sua própria e metódica correção.

Os fracassos – e os havia, é claro – indicavam na maior parte uma causa extraescolar: uma dislexia ou uma surdez não pressentidas... Aquele aluno de sétima, por exemplo, cujos erros pareciam não ser devidos a nada, troca do *i* ou do *e* por *a*, do *u* por *o*, e que se mostrou incapaz de ouvir as frequências agudas. A mãe dele não tinha nem pensado que o menino pudesse ser surdo. Quando ele voltava do mercado, tendo esquecido uma parte das compras, quando respondia meio de lado, quando parecia não ter entendido o que ela lhe dizia, absorto que estava numa leitura, num quebra-cabeça ou numa miniatura de veleiro, ela punha aqueles silêncios na conta de uma distração que a comovia. “Sempre achei que meu filho fosse um grande sonhador.” Imaginá-lo surdo estava acima de suas forças de mãe.

(Um audiograma e um exame muito preciso de vista deveriam ser obrigatórios antes da entrada de cada criança na escola. Eles evitariam os julgamentos errados dos professores, melhorariam a cegueira da família e livrariam os alunos de inexplicáveis dores mentais.)

Uma vez que cada um saiu do seu zero, os ditados se tornaram menos frequentes e mais longos, ditados semanais e literários, ditados assinados por Hugo, Valéry, Proust, Tournier, Kundera, às vezes tão belos que nós os decorávamos, como este texto de Cohen emprestado d’*O livro de minha mãe*:

*Mas por que os homens são ruins? Por que ficam com tanta facilidade enraivecidos, mal-humorados? Por que adoram se vingar, falar fácil e mal de você, eles, que vão morrer em breve, os coitados? Como é terrível essa aventura dos humanos que chegam a esta terra, riem, se movimentam, e depois não se movimentam mais, e isso não os torna bons, é incrível. E por que eles lhe respondem rápido com uma voz de cacatua, se você é manso com eles? É isso o que os faz pensar que você*

*é sem importância, quer dizer, sem perigo? É isso o que faz com que os brandos devam fingir que são maus para que sejam deixados em paz ou, o que é trágico, para serem amados. E se fôssemos nos deitar e, espantosamente, dormir? Cachorro que dorme não tem pulgas. Sim, vamos dormir, o sono tem as vantagens da morte sem o seu pequeno inconveniente. Vamos nos instalar no agradável caixão. Como eu gostaria de poder retirar, como o desdentado a sua dentadura que ele põe num copo d'água junto da cama, retirar meu cérebro da sua caixa, retirar meu coração, que bate demais, esse pobre camarada que cumpre bem demais o seu dever, retirar meu cérebro e meu coração e banhá-los, esses dois pobres miliardários, em líquidos refrescantes, enquanto eu dormiria como uma criança pequena, o que nunca mais serei. Como há poucos humanos e como de repente o mundo está deserto!*

Chegava enfim o momento de glória: o dia em que eu desembarcava nas minhas classes de oitava, até mesmo nas de sexta série, com as dissertações que os meus alunos do primeiro ou do segundo colegial entregavam para correção ortográfica.

Meus assinantes do zero, metamorfoseados em corretores! Uma nuvem de pardais ortográficos se abatendo sobre aqueles exercícios!

– Ele não fez nenhuma concordância, professor!

– O trabalho dela tem frases que a gente não sabe onde começam nem onde terminam...

– Quando eu corrijo um erro, o que é que eu boto na margem?

– Pelo amor de Deus, o que você quiser...

Protestos divertidos dos interessados quando descobriam as observações desses corretores impiedosos:

– Vê se pode, olha o que ele escreveu na margem: Cretino! Estúpido! Imbecil! Em vermelho!

– É que você deve ter esquecido uma concordância...

Seguia-se, nas fileiras dos grandes, uma campanha de correção que, para o essencial, tomava emprestado o método aplicado com os pequenos: interrogar verbos e substantivos antes de entregarem as dissertações, fazer as concordâncias adequadas, enfim, proceder a uma regulagem gramatical que tem por mérito revelar os erros de

certas frases e considerações aproximativas. Nessa ocasião, descobria-se que a gramática é o primeiro instrumento do pensamento organizado, e que a famosa análise lógica (da qual se conservava, naturalmente, uma lembrança abominável) ajusta os movimentos da nossa reflexão, a qual se encontra aguçada pelo bom uso das famosas preposições subordinadas.

Acontecia até que nos presenteássemos, entre os grandes, com um pequeno ditado, coisa de medir o papel representado pelas subordinadas no desenvolvimento de um raciocínio bem conduzido. Um dia, La Bruyère em pessoa veio nos ajudar.

– Vamos lá, peguem uma folha e vejam rapidamente como, opondo subordinadas e principais, La Bruyère anuncia, numa só frase, o fim de um mundo e o começo de outro. Vou ler o texto e traduzir para vocês as palavras que hoje são incompreensíveis. Escutem bem. Em seguida, vocês vão escrever com calma, vou ditar lentamente, vocês vão passo a passo, como se estivessem vocês mesmos fazendo a reflexão!

*Enquanto os grandes negligenciam o conhecer, não digo somente os interesses dos príncipes e os negócios públicos, mas os seus próprios negócios; enquanto eles ignoram a economia e a ciência de um chefe de família, e enquanto se vangloriam dessa ignorância; enquanto se deixam empobrecer e ser governados pelos seus intendentess; enquanto se contentam em ser gourmets e conhecedores de vinhedos; em frequentar Thais e Phryné, em falar de levantes e da retaguarda dos levantes e da malta e da retaguarda da malta, e de quantos postos oficiais de Paris existem em Besançon ou em Philisbourg, cidadãos se instruem sobre o que é o interior e o exterior de um reino, estudam o governo, se tornam finos e políticos, sabem o que é a força e a fraqueza de todo um Estado, pensam em melhor se colocar, colocam-se, elevam-se, tornam-se poderosos, aliviam o príncipe de uma parte dos cuidados públicos.*

– E agora, a estocada:

*Os grandes, que os desdenhavam, os reverenciam: felizes se eles se tornam seus genros.*

– Duas principais, das quais a segunda é elíptica, *felizes* (eles estão felizes), tricotadas com duas subordinadas, a relativa *que os desdenhavam* e a condicional final, assassina: *se eles se tornam seus genros.*

**E** por que não decorar esses textos? Em nome de que não podemos nos apropriar da literatura? Por que já não se faz isso, há tanto tempo? Deixaríamos voar pelos ares páginas assim, como folhas mortas, porque isso já não é atual? Não *reter* esses encontros é desejável? Se esses textos tivessem rosto, medidas, uma voz, um sorriso, um perfume, não iríamos passar o resto de nossa vida a morder os dedos por tê-los deixado fugir? Por que se condenar a conservar um traço que se apagará até não ser mais do que a lembrança de um traço... (“É, parece que sim, foi no liceu. Estudei um texto, de quem mesmo? La Bruyère, Montesquieu? Fénelon? De que século? XVII? XVIII? Um texto que numa só frase descrevia a transição de uma ordem para outra...”) Em nome de que princípio, esse desperdício? Unicamente porque os professores do passado tinham a reputação de nos fazer recitar poesias muitas vezes idiotas e porque aos olhos de certos velhos tecnocratas a memória era mais um músculo por treinar do que uma biblioteca por enriquecer? Ah! Aqueles poemas semanais de que não entendíamos nada, cada um empurrando o precedente, tudo fazendo crer que éramos treinados, sobretudo, para o esquecimento! Aliás, será que nossos professores os davam para nós porque gostavam deles ou porque seus próprios mestres lhes tinham inculcado que eles pertenciam ao Panteão das Letras Mortas? Eles também me chumbaram com zeros! E horas de cópias. “Evidentemente, Pennacchioni, a recitação não foi estudada!” Mas sim, professor, eu sabia ainda ontem à noite, eu recitei para o meu irmão, só que ontem à noite era poesia, mas com o senhor agora de manhã é uma *recitação* que o senhor está esperando, e essa emboscada me prende.

Naturalmente, eu não dizia nada disso, tinha medo demais. Eu retomo essa aterradora prova de recitação ao pé do estrado para tentar me explicar o desprezo que se tem, hoje, por toda solicitação da memória. Seria então para conjurar esses fantasmas que teria sido decidido não incorporar as mais belas páginas da literatura e da filosofia? Textos proibidos de ser lembrados porque uns imbecis resumiam tudo a uma questão de memória? Se esse é o caso, é porque uma idiotice escondeu a outra.

Podem me objetar que um espírito organizado não tem nenhuma necessidade de decorar. Ele sabe tirar o seu mel da substância pensante. Ele retém o que faz sentido e, não importa o que eu diga, conserva intacto o sentimento da beleza. Aliás, ele pode encontrar para você qualquer livro na biblioteca dele, cair direto nas linhas certas em dois minutos. Eu mesmo sei onde meu La Bruyère me espera, eu o vejo na estante, e meu Conrad, e meu Lermontov, e meu Perros, e meu Chandler... toda a minha companhia está lá, alfabeticamente dispersa nessa paisagem que conheço tão bem. Sem falar do espaço cibernético onde eu posso, com a ponta do indicador, consultar toda a memória da humanidade. Decorar? Na hora em que a memória se conta em gigas!

Tudo isso é verdade, mas o essencial está mais além.

Ensinando a decorar, eu não substituo nada, eu acrescento. A decoração, aqui, é o coração da língua.

Fazer uma imersão na língua, tudo reside nisso.

Beber a taça e pedir mais.

Ensinando tantos textos aos meus alunos, da sexta à terminal (um por semana de aula, e, depois, cada um deles a recitar, todos os dias do ano), eu os precipitava ao vivo na grande correnteza da língua, aquela que remonta os séculos para vir bater à nossa porta e atravessar nossa casa. É claro que eles resistiam e recalcitravam, nas primeiras vezes! Eles imaginavam a água fria demais, profunda demais, a corrente forte demais, a constituição deles frágil demais.

– Não vou conseguir nunca.

– Não tenho memória.

(Vir com esse argumento, logo para mim, um amnésico de nascença!)

– É comprido demais!

– É difícil demais!

(Pra mim, o antigo cretino de serviço!)

– Mais ainda, os versos não são como se fala hoje!

(Ah-ah-ah!)

– Vai ter nota, 'fessor?

(E como!)

Sem contar os protestos da maturidade ofendida:

– Aprender de cor? Nós não somos mais bebês!

– Eu não sou papagaio!

Eles jogavam tudo, era a boa guerra. E se diziam esse gênero de coisas é porque as escutavam. Os pais deles, às vezes pais (ó quanto!) evoluídos: “Como, professor Pennacchioni, o senhor os faz decorar os textos? Mas meu filho já não é uma criança!” O seu filho, minha cara senhora, nunca deixará de ser uma criança da língua, e a senhora mesma é um bebezinho, e eu um garoto ridículo, e nós todos somos, nesse sentido, peixes miúdos levados pelo grande rio jorrado da fonte oral das letras, e seu filho vai gostar de saber em que língua ele nada, aquela que o leva, o desaltera e o nutre e vai fazer a ele mesmo portador dessa beleza, e com que orgulho!, ele vai adorar isso, confie nele, o gosto dessas palavras na boca, foguetes que iluminam pensamentos na cabeça dele, ele vai descobrir as capacidades prodigiosas da sua memória, sua infinita leveza, o que é essa caixa de ressonância, esse volume singular onde fazer cantar as mais belas frases, soar as ideias mais claras, ele vai ficar doido por essa natação sublinguística quando ele descobrir a gruta insaciável da sua memória, ele vai adorar mergulhar na língua, pescar textos nas profundezas, e ao longo de toda a sua vida saber que eles estão lá, constitutivos do seu ser, poder recitá-los de improviso, dizê-los a si mesmo, pelo sabor das palavras. Portador de uma tradição escrita graças a ele tornada oral, ele irá talvez chegar até mesmo a dizê-los a alguém, pelo compartilhar, pelos jogos da sedução, ou para bancar o pedante, é um risco que corre. Fazendo isso, ele vai se reconciliar com os

tempos de antes da escrita, quando a sobrevivência do pensamento dependia apenas da nossa voz. Se a senhora me fala de regressão, eu lhe respondo com reencontros! O saber é, antes de tudo, carnal. São nossos ouvidos e nossos olhos que o captam, nossa boca que o transmite. Certo, ele nos vem dos livros, mas os livros saem de nós. Um pensamento faz barulho, e o gosto de ler é uma herança da necessidade de dizer.

Ah! Uma última palavra. Não se preocupe, prezada senhora, posso acrescentar hoje para esta mãe que, de geração em geração, não muda, não é toda essa beleza na cabeça de seus filhos que vai impedi-los de blogar foneticamente com seus amigos na Internet, nem de mandar esses SMSs que fazem a senhora soltar gritos de arara: “Meu Deus, que ortografia! Como se exprimem os jovens de hoje! Mas o que é que está fazendo a escola?” Fique tranquila, fazendo trabalhar seus filhos, nós não retiramos o seu capital de preocupação materna.

Então, um texto por semana, que devemos poder recitar a cada dia do ano, de improviso, eles e eu. E numerados, para aumentar a dificuldade. Primeira semana, texto nº 1. Segunda semana, texto nº 2. Vigésima terceira semana, texto nº 23. Todas as aparências de um mecanismo idiota, mas esses números como títulos eram para brincar, para acrescentar o prazer do acaso ao orgulho do saber.

– Amélie, recite então para nós o 19.

– O 19? É o texto de Constant sobre a timidez, o começo de *Adolphe*.

– Correto, vamos escutar você.

*Meu pai era tímido... As cartas dele eram afetuosas, repletas de conselhos razoáveis e sensíveis; mas, bastava que estivéssemos em presença um do outro, que havia nele qualquer coisa de constrangimento, que eu não podia explicar e que me fazia reagir de maneira dolorosa. Eu não sabia, então, o que era a timidez, esse sofrimento interior que nos persegue até a idade mais avançada, que recalca no nosso coração as impressões mais profundas, que gela nossas palavras, que desnatura na nossa boca tudo o que tentamos dizer e só permite que nos expressemos por palavras vagas ou uma ironia mais ou menos amarga, como se quiséssemos nos vingar desses nossos sentimentos, os da dor que sentimos por não conseguirmos fazê-los ser conhecidos. Eu não sabia que, mesmo com seu filho, meu pai era tímido, e muitas vezes, depois de ter muito esperado de mim um testemunho qualquer de minha afeição, quando sua frieza aparentemente parecia me interditar, ele me deixava com os olhos molhados de lágrimas e se queixava aos outros de que eu não gostava dele.*

- Formidável. 18 em 20. François, o 8.
- O 8, Woody Allen! *O leão e o cordeiro*.
- Vai nessa.

*O leão e o cordeiro vão partilhar o mesmo manto, mas o cordeiro não vai dormir muito.*

- Impecável. 20 em 20. Samuel, o 12.
- O 12 é *Emilio*, de Rousseau. Sua descrição do estado do homem.
- Exato.
- Espere, professor, François ganha 20 em 20 com duas linhas de Woody e eu tenho de recitar metade do *Emilio*?
- É a detestável loteria da vida.
- Bom.

*Vocês confiam na ordem atual da sociedade sem pensar que esta ordem está sujeita a revoluções inevitáveis e que lhes é impossível perceber ou prevenir aquela que diz respeito a seus filhos. O grande se torna pequeno, o rico se torna pobre, o monarca se torna sujeito: os golpes de sorte são assim tão raros que vocês contam com ficar isentos? Nós nos aproximamos de um estado de crise e de um século de revoluções. Quem pode lhes responder sobre o que vocês irão se tornar, então? Tudo o que os homens fazem, os homens o podem destruir; não há traços indelévels além daqueles que a natureza imprime, e a natureza não faz príncipes, nem ricos, nem grandes senhores. O que fará então, na baixaza, esse sátrapa que vocês elevaram somente pela grandeza? O que fará na pobreza esse publicano que só sabe viver com ouro? O que fará, desprovido de tudo, o faustoso imbecil que não sabe o que fazer de si mesmo e que põe tudo de si naquilo que lhe é estranho? Feliz daquele que sabe então deixar o estado que o deixa e continuar a ser homem apesar do destino! Que se queira louvar esse rei que, vencido, quer se enterrar furioso sob os destroços do seu trono: eu, eu o desprezo, vejo que ele só existe por sua coroa, que ele não é nada se não é rei; mas aquele que a perde e passa sem ela, então, é porque está acima dela. Da condição de rei,*

*que um covarde, um perverso, um louco pode ocupar como qualquer outro, ele alcança o estado de homem, que tão poucos homens sabem preencher.*

– Quem pode dizer melhor?

Eu não os abandonava nesses textos. Mergulhava com eles. Acontecia-nos aprender juntos os mais complexos, durante a aula mesmo, ao longo de uma análise. Eu assumia a postura de professor de natação. Os mais fracos avançavam com dificuldade, a cabeça fora d'água, segmento por segmento, agarrados à tábua das minhas explicações, depois nadavam sozinhos, algumas frases primeiro, até se darem o comprimento de um parágrafo, sem ler, de cor. Tão logo compreendiam o que estavam lendo, eles descobriam suas capacidades mnemônicas, e, muitas vezes antes do final da aula, um bom número deles recitava o texto completo, dando-se de presente o comprimento da piscina sem ajuda do professor de natação. Eles começavam a gostar da sua memória. Sem ter esperado nada, era como a descoberta de uma nova função, como se tivessem nascido nadadeiras neles. Assim surpreendidos de se lembrar tão depressa, eles repetiam o texto uma segunda vez, uma terceira, sem vacilo. É que, superada a inibição, eles entendiam aquilo de que se lembravam. Não se contentavam em recitar uma sequência de palavras, já não era somente uma questão de guardar na memória, era na inteligência da língua, a língua de outro, o pensamento de um outro. Eles não recitavam *Emílio*, eles restituíam o raciocínio de Rousseau. Orgulho. Não é que você vá ser tomado por Rousseau nesses momentos, mas, mesmo assim, é o vaticínio imprecatório de Jean-Jacques que se exprime pela sua boca!

Às vezes, eles faziam brincadeiras. Treinavam juntos, faziam concursos de rapidez ou recitavam seus textos num tom estranho à sua natureza: furor, surpresa, medo, gagueira, eloquência política, paixão amorosa; em certas ocasiões, um ou outro imitava o presidente do momento, um ministro, um cantor, um apresentador de jornal de televisão... Eles também se entregavam a jogos perigosos, a perigosos exercícios de agilidade mental; se lançavam desafios acrobáticos, que uma turma de primeira do liceu me revelou uma noite, durante um jantar de fim de ano. (Tinham guardado a coisa em segredo para surpreender o professor.) Ao final da refeição, Caroline apontou o dedo para Sébastien:

– Desafio: quero o primeiro parágrafo do 3, a segunda estrofe do 11, a quarta do 6 e a última frase do 15.

O Sébastien, desafiado, reuniu mentalmente a colcha de retalhos que recitou quase sem hesitação como um texto único e desconhecido. Então ele lançou o seu próprio desafio.

– Agora você, mande-nos *A ponte Mirabeau*.

E deu o detalhe:

– Ao inverso.

– Fácil.

E eis que, para meus ouvidos estupefatos, sob a ponte Mirabeau, o Sena se pôs a fazer retornar o seu curso, do último verso para o primeiro, até desaparecer sob o platô de Langres. Satisfeita, Caroline soltou o nome do autor: Erianillopa!

– E isso, professor, o senhor sabe fazer?

Um inspetor de ensino não teria talvez gostado de ver o Sena voltar à sua nascente ou o tambor de uma máquina de lavar roupa misturar todos os textos do ano ou meus alunos da sexta série decorar

nossa sala com bandeirolas onde estavam pendurados os seus erros mais espetaculares de ortografia, como despojos de vencidos. Poderiam também me reprovar por deixar meus alunos maiores confiar seus exercícios à correção assassina dos menores! Não seria isso dar força a uns para humilhar outros? Não se brinca com essas coisas, francamente! Eu teria de justificar: Nada de pânico, senhor inspetor, é preciso saber brincar com o saber. A brincadeira é a respiração do esforço, a outra batida do coração, ela não atrapalha a seriedade da aprendizagem, ela faz o contraponto. E, além do mais, brincar com a matéria é ainda uma forma de treino para conhecê-la. Não trate como criança o lutador de boxe que está pulando corda, é imprudente.

Misturando os textos, os meus da segunda do liceu não estavam faltando ao respeito com a dama Literatura, eles exaltavam o seu domínio da memória! Eles não rebaixavam um saber, eles se admiravam na inocência de um saber fazer! Eles exprimiam seu orgulho pelo jogo, sem se empertigar. Além disso, mexiam com Rousseau, consolavam Apollinaire, brincavam com Corneille – que gostava das brincadeiras, ele também, e que deve achar a sua eternidade um pouco longa. E, sobretudo, instalava-se entre eles um clima de confiança lúdica que fortalecia o lado sério de cada um. Tinham acabado com o medo. Era o jeito deles de dizer e gritar: Enfim!

Eu às vezes jogava com eles.

Acontecia-nos considerar a burrice com o maior interesse, estudar os efeitos da sua coabitação com a inteligência mais rara. Maravilhados, mas cansados da nossa ascensão com *O sobrinho de Rameau*, nós nos presenteávamos, por exemplo, com uma pose *carambar*.<sup>\*</sup> Um *carambar* por aluno (eu tinha um orçamento para isso). Aquele que caísse com a história mais estúpida proposta nessas guloseimas, com a piada mais insultuosa no píncaro da inteligência, onde acampávamos, aquele, então, ganhava um segundo *carambar* e nós retomávamos nossa ascensão, o passo ligeiro, mais honrados ainda por frequentarmos Diderot. Sabíamos que, se a inteligência do texto é uma rude e solitária conquista do espírito, a piada estúpida estabe-

---

\* Bala em cuja embalagem de papel há curiosidades impressas. (N. da T.)

lece, por seu lado, uma convivência repousante que só pode ser partilhada entre amigos. É com os nossos íntimos que trocamos as histórias mais bobas, modo de homenagear implicitamente a fineza de nossos espíritos. Com os outros, nós nos fazemos de espertos, despejamos sabedoria, nos instalamos e seduzimos.

Quem eram eles, os meus alunos? Certo número era do gênero que eu tinha sido na idade deles e que encontramos em todas as partes nas empresas onde vão parar os meninos e as meninas eliminados dos liceus honrados. Muitos eram repetentes e tinham péssima estima de si mesmos. Outros se sentiam simplesmente de lado, fora do “sistema”. Outros tinham perdido, a um ponto extremo, o senso do esforço, da resistência, da necessidade, enfim, do trabalho; deixavam simplesmente a vida levá-los, cultivando, a partir dos anos 1980, um consumismo desenfreado, como o que *não sabe o que fazer de si mesmo e põe tudo de si naquilo que lhe é estranho* (a reflexão de Rousseau, transposta para o plano material, não os havia deixado indiferentes).

E todos eram casos particulares, naturalmente. Um era excelente aluno no seu liceu do interior e se encontrava agora como o último na embarcação veloz do preparatório em partida para as grandes escolas superiores, onde seu dossiê o havia feito ser admitido; ele tinha entrado numa tristeza tal que seus cabelos caíam aos montes: depressão nervosa aos quinze anos! O outro, com um pouco de tendência suicida, cortava as veias (“Por que você fez isso?” “Para ver!”), aquela flertava alternadamente com anorexia e bulimia, outra fugia, e outra ainda, vinda da África, estava traumatizada por uma revolução sangrenta, aquele ali era filho de uma zeladora incansável, o outro, o filho linfático de um diplomata ausente, alguns eram arrasados pelos problemas familiares, outros se divertiam sem vergonha, essa viúva gótica de órbitas negras e lábios roxos havia jurado nunca se espantar com coisa alguma, enquanto o de blusão tacheado, topete banana e botas Santiago, evadido de um liceu técnico de Cachan para retomar conosco o ciclo longo, descobria maravilhado a

gratuidade da cultura. Eram meninos e meninas de sua geração, suburbanos turbulentos dos anos 1970, punks ou góticos dos anos 1980, neo-hippies dos anos 1990; eles pegavam modismos como pegamos micróbios: modas de vestimentas, musicais, lúdicas, eletrônicas, eles consumiam de tudo.

Os alunos da minha fase inicial, os dos anos 1970, ocupavam pela metade, entre eles, as turmas ditas “acomodadas” de um colégio em Soissons, turmas que, tinham-nos esclarecido com um humor muito profissional, não seriam nada “cômodas”. Alguns estavam sob controle judicial, outros eram filhos de arrendatários portugueses, de comerciantes locais ou desses grandes proprietários de terra cujos campos cultivados cobriam as imensas planícies do Leste, férteis graças a todos os jovens imolados durante o suicídio europeu de 1914-1918. Nossos turbulentos partilhavam os mesmos locais dos alunos “normais”, a mesma cantina, os mesmos jogos, e essa feliz mistura ficava a crédito da direção. O analfabetismo tardio não data de hoje, era a esses meninos e meninas “acomodados” que eu devia, na oitava e na nona séries, reensinar a leitura e a ortografia; era com eles que nós nos interrogávamos sobre esse *lá* a que não se chega nunca porque se ignora que ele é um estar lá, um ser agora, um ser junto e, assim, um ser você mesmo.

O professor de matemática e eu os ensinamos a jogar xadrez, também. Nossa, como eles se davam bem! Tínhamos feito um grande tabuleiro mural que eles me deram de presente quando fui embora (“A gente vai fazer outro”), e que conservo cuidadosamente. As proezas deles nesse jogo considerado difícil – era a época do famoso campeonato Spassky-Fischer –, a confiança que tinham adquirido vencendo algumas turmas do liceu vizinho (“Nós ganhamos dos latinistas, ’fessor!”) foram muito importantes para os progressos deles em matemática, naquele ano, e para o êxito no BEPC. No fim do ano, tínhamos montado *Ubu Rei*, todas as turmas juntas. Um *Ubu* montado por minha amiga Fanchon, hoje professora em Marselha, uma espécie de tio Jules, ela também, inoxidável na sua luta contra todas as ignorâncias. Acessoriamente, Pai e Mãe Ubu tinham feito escândalo na sua grande cama, sob os olhos do bispo local. (Vertical, a cama,

para que se pudesse admirar o casal real lá do fundo da sala de ginástica, onde a peça foi encenada.)

De 1969 a 1995, excetuados dois anos passados num estabelecimento em que os alunos eram estritamente selecionados, a maior parte dos meus alunos deve ter sido como eu mesmo fui, criança e adolescente mais ou menos em grande dificuldade escolar. Os mais atingidos apresentavam mais ou menos os mesmos sintomas que eu na idade deles: perda de confiança em si, renúncia a qualquer esforço, incapacidade de concentração, dispersão, mitomania, constituição de bandos, álcool às vezes, drogas também, consideradas leves, mas o olho meio líquido, mesmo assim, certas manhãs...

Eles eram os *meus* alunos. (Este possessivo não marca propriedade alguma, ele designa um intervalo de tempo, nossos anos de magistério, quando nossa responsabilidade de professor se encontra inteiramente engajada em relação a esses alunos.) Uma parte do meu ofício consistia em persuadir *meus* alunos de que a gentileza, melhor do que o tapa na cara, predispõe à reflexão, de que a vida em comunidade demanda engajamento, de que o dia e a hora da entrega de um dever não são negociáveis, de que um dever malfeito é para ser refeito no dia seguinte, de que isso, de que aquilo, mas também de que nunca, nunca mesmo, nem meus colegas nem eu os abandonaríamos no meio do raso do rio. Para que eles tivessem uma chance de chegar *lá*, era preciso lhes ensinar a noção mesma do esforço, e, em consequência, lhes dar o gosto da solidão e do silêncio e, sobretudo, do controle do tempo, e, logo, do tédio. Aconteceu-me de lhes aconselhar exercícios de tédio, é isso, para instalá-los na resistência. Eu lhes pedia que não fizessem nada: não se distrair, nada consumir, nem mesmo a conversa, tampouco trabalhar, enfim, não fazer nada, absolutamente nada.

– Exercício de tédio, esta tarde, vinte minutos de não fazer nada, antes de vocês se lançarem ao trabalho.

– Nem escutar música?

– Sobretudo não!

– Vinte minutos?

– Vinte minutos, relógio na mão. De 17:20 às 17:40. Vocês vão direto para casa, não falam com ninguém, não param em nenhum café, ignoram as maquininhas de videogame, nem reconhecem seus colegas, vocês entram no quarto, sentam-se no canto da cama, não abrem a mochila, não usam o walkman, não olham o videogame e esperam vinte minutos, de olho no vazio.

– Pra fazer o quê?

– Por curiosidade. Vocês se concentrem nos minutos que passam, não percam nenhum, e contem-me como foi, amanhã.

– Como é que o senhor vai verificar se nós fizemos?

– Não posso.

– E depois dos vinte minutos?

– Vocês vão se lançar no trabalho como famintos.

Se eu fosse caracterizar esses cursos, diria que meus presumidos lerdos e eu lutávamos contra o pensamento mágico, esse que, nos contos de fada, nos faz prisioneiros de um presente perpétuo. Acabar com o zero em ortografia é, por exemplo, escapar do pensamento mágico. Rompe-se um sortilégio. Sai-se do círculo. Desperta-se. Põe-se um pé no real. É possível ocupar-se do presente do indicativo. Começa-se a compreender. Vai ser preciso que chegue um dia em que se acorde! Um dia, uma hora! Ninguém vai mais morder a maçã da nulidade! Nós já não estamos num conto, vítimas de um malefício!

É isto, talvez, ensinar: acabar com o pensamento mágico, fazer de modo que cada hora soe como a hora de acordar.

Oh! Vejo bem que esse gênero de proclamação pode parecer desesperador para todos os professores que carregam as classes mais difíceis dos subúrbios de hoje. A imprudência dessas fórmulas sob o olhar das gravidades sociológicas, políticas, econômicas familiares e culturais, é verdade... Mas o pensamento mágico tem um papel que não se deve negligenciar na energia que o lerdo gasta em ficar agachado no fundo da sua inutilidade. E isso é assim desde sempre e em todos os meios sociais.

O pensamento mágico... Um dia eu peço aos meus alunos de terminal que façam o retrato do professor que dá os assuntos do *bac*. É um dever escrito: Façam o retrato do professor que dá os assuntos do *baccalauréat* de francês. Eles já não eram crianças, tinham tempo para pensar, uma semana para me entregar o exercício; eles poderiam se dizer que um só professor não era suficiente para preparar todos os assuntos de francês, de todas as seções, para todos os departamentos, que a coisa se fazia possivelmente em grupo, que a tarefa

era repartida, que uma comissão decidia o conteúdo dos assuntos em função dos diferentes programas, esse gênero de suposições... Nada disso: eles me traçaram, todos, sem exceção, o retrato de um velho sábio, barbudo, solitário e onisciente que, do alto do olimpo do saber, soltava sobre a França os assuntos de *bac* como se fossem enigmas divinos. Eu tinha imaginado esse assunto para representar a imagem que eles faziam da Instância e, a partir daí, esclarecer a natureza das suas inibições. Objetivo atingido. Fomos logo procurar os anais do *bac* e recenseamos neles todos os assuntos de dissertações dos últimos anos, os dissecamos, estudamos a sua composição e descobrimos que não nos eram propostos mais do que quatro ou cinco temas de reflexão, eles mesmos apresentados em dois ou três tipos de formulação, somente. (Fim do complexo, em suma, apenas variações em torno da receita do pato com laranja: sem pato, pegue um frango, sem laranja, pegue nabos. Sem pato nem frango, pegue carne e cenouras. O molho continua o mesmo: vocês apliquem nos seus raciocínios as citações retiradas de sua cultura pessoal.) Fortes nessa análise estrutural, eles tiveram a missão, no dever seguinte, de compor, eles mesmos, um assunto de dissertação.

– Vai ter nota, professor?

(Quantas vezes eu já ouvi essa pergunta!)

– É claro que sim. Todo trabalho merece salário.

Formidável! Um simples assunto com nota como uma dissertação, uma boa! Esfregaram as mãos. Ia ser um fim de semana bem leve. Mas que eu não me preocupasse, o trabalho não seria feito nas coxas, prometiam-me que seria refletido seriamente, um assunto em boa forma, estrutura e tudo, prometido e jurado, professor! (Contas feitas, tomar o lugar de Deus Pai os tentava bastante.)

Eles não se saíram nada mal. Tinham redigido os seus assuntos de dissertação em função daquilo que eles sabiam do programa e de algumas ideias que corriam no ar do tempo. Eu teria podido fazê-los ser contratados pelo Ministério. Um deles, ou melhor, uma delas, era uma jovem, observou que a formulação desses assuntos oficiais não era, em si, isenta de pensamento mágico:

– “Vocês completarão seus raciocínios com citações de sua cultura pessoal.” Que citações no dia do *bac*, professor? De onde o candidato iria tirá-las? Da sua cabeça? Nem todo o mundo estuda os textos como nós! E que cultura pessoal? Eles querem que nós falemos a eles de nossos cantores preferidos? De nossas histórias em quadrinhos? Um pouco *mágica* essa fórmula, não é?

– Mágica não, ideal.

Na semana seguinte, só lhes restou tratar do assunto que eles tinham se dado, eles mesmos. Não posso pretender que eles tenham passado perto da excelência, mas o coração chegou lá; eu colhi dissertações que deviam muito menos ao pensamento mágico, e eles, notas que se deviam muito mais à compreensão dos imperativos do *baccalauréat*.

— Vai ter nota, professor?

Havia a questão das notas, naturalmente.

Questão capital, as notas, se queremos atacar o pensamento mágico e, assim fazendo, lutar contra o absurdo.

Qualquer que seja a matéria que ensine, um professor descobre muito depressa que, a cada pergunta feita, o aluno interrogado dispõe de três respostas possíveis: a certa, a errada e a absurda. Eu mesmo abusei passavelmente do absurdo durante a minha escolaridade “As frações é preciso reduzir ao denominador comum!” ou mais tarde: “*Sinus a* sobre *sinus b*, simplifico por *sinus*, resta *a* sobre *b*!” Um dos mal-entendidos da minha escolaridade se baseia sem dúvida em que meus professores me davam notas como se fossem erradas minhas respostas absurdas. Eu podia responder o que fosse, uma única coisa me era garantida: eu recebia uma nota! Zero, geralmente. Eu tinha entendido isso bem cedo. Esse zero era a melhor maneira de ter paz. Pelo menos, provisoriamente.

Ora, a condição *sine qua non* para livrar o lerdo do pensamento mágico é a recusa categórica de dar nota à sua resposta se ela for absurda.

Durante nossas primeiras sessões de correção gramatical, aqueles entre os meus “acomodados” que se pretendiam assinantes do zero não eram avaros em respostas absurdas.

Na oitava, por exemplo, o amigo Sami.

— Sami, qual é o primeiro verbo conjugado da frase?

— *Verdadeiramente*, professor, é *verdadeiramente*.

— O que é que faz você dizer que *verdadeiramente* é um verbo?

— Ele termina por *ente*!

— E, no infinitivo, isso dá o quê?

– ...?

– Ande, vá nessa! O que é que isso dá? Um verbo da primeira conjugação? O verbo *verdadeirar*? *Eu verdadeiro, tu verdadeiras, ele verdadeira?*

– ...

A resposta absurda se distingue da errada pelo fato de que ela não procede de nenhum raciocínio. Muitas vezes automática, ela se limita a um ato reflexo. O aluno não comete um engano, ele responde qualquer coisa a partir de um indício qualquer (aqui, a terminação *mente*). Não é à pergunta feita que ele responde, mas ao fato de que ela lhe foi feita. Espera-se uma resposta? Ele a dá. Certa, errada, absurda, pouco importa. Aliás, logo no começo da sua vida escolar, ele pensava que a regra do jogo consistia em responder por responder, ele pulava de sua carteira, dedo esticado, vibrando de impaciência: “Eu, eu, professor, eu sei! Eu sei!” (“eu existo! eu existo”), e respondia qualquer coisa. Mas depressa nos adaptamos. Sabemos que o professor espera de nós uma resposta certa. Acontece que nós não a temos no estoque. Nem mesmo errada. Nenhuma ideia do que é preciso responder. Quando muito, entendemos a pergunta que nos foi feita. Posso confessar isso a meu professor? Tenho a escolha do silêncio? Não. Então, responder qualquer coisa. Com ingenuidade, se possível. Passei perto, professor? Acredite que lamento. Tentei o golpe, falhou, é isso aí, me dá zero e continuamos bons amigos. A resposta absurda constitui a confissão diplomática de uma ignorância que, apesar de tudo, procura manter um elo. É certo que ela pode também exprimir um ato de rebelião característica: esse professor pega no meu pé, vive a me empurrar nas minhas trincheiras. Eu por acaso fico fazendo perguntas a ele?

Em qualquer circunstância, dar nota a esse tipo de resposta – corrigindo um questionário escrito, por exemplo – é como aceitar dar nota a qualquer coisa e, conseqüentemente, cometer um ato pedagogicamente absurdo. Aqui, aluno e professor manifestam mais ou menos conscientemente o mesmo desejo: a eliminação simbólica um do outro. Respondendo qualquer coisa à pergunta que me faz meu professor, eu cesso de considerá-lo como professor, ele se

torna um adulto que eu cortejo ou que eu elimino pelo absurdo. Aceitando considerar como erradas as respostas absurdas do meu aluno, eu cesso de considerá-lo como aluno, ele se torna um assunto fora do assunto que eu relego ao limbo do zero perpétuo. Mas, assim fazendo, eu me anulo a mim mesmo como professor; minha função pedagógica cessa junto a essa menina ou a esse menino que, aos meus olhos, se recusa a representar os papéis de alunos. Quando eu tiver de preencher suas cadernetas escolares, vou poder argumentar sobre a sua falta de base. Um aluno que toma o advérbio “verdadeiramente” por um verbo da primeira conjugação não está singularmente sem base? Certamente. Mas um professor que finge considerar errada uma resposta tão manifestamente absurda não faria melhor, ele também, se se entregasse a um jogo de azar? Ao menos, ele só teria o seu dinheiro para perder, não estaria jogando com a escolaridade de seus alunos.

Porque para o lerdo os limbos do zero convêm (ele crê). Uma fortaleza, de onde ninguém irá desalojá-lo. Ele a reforça acumulando as absurdidades, ele a decora com explicações variáveis, segundo sua idade, seu meio e seu temperamento: “Sou burro demais”, “Nunca vou chegar lá”, “O professor não pode me sentir”, “Tenho ódio”, “Eles me enchem o saco” etc.; ele transfere a questão da instrução para o terreno vago da relação pessoal, em que tudo se transforma em caso de suscetibilidade. O que também faz o professor, persuadido de que aquele aluno o faz de propósito. Porque o que impede o professor de considerar a resposta absurda como um efeito devastador do pensamento mágico é muitas vezes a sensação de que o aluno está debochando dele.

É quando o professor se fecha no *lá* dele: “Com esse aí, eu nunca vou chegar lá.”

Nenhum professor está isento desse gênero de fracasso. Eu guardo profundas cicatrizes. São os meus fantasmas familiares, os rostos flutuantes daqueles alunos que eu não soube extrair dos seus *lás*, e que me fecharam no meu:

– Desta vez, eu não posso verdadeiramente chegar lá.

– Ah, enfim!  
– Enfim, o quê?

Conheço essa voz. Ela roda em torno de mim desde as primeiras linhas deste livro. Ela espia, em emboscada. Ela espera a falha. É o lerdão que eu fui. Sempre vigilante. Mais inclinado do que eu, hoje, a ter o olhar crítico sobre minha atividade de professor. Nunca pude me livrar dele. Envelhecemos juntos.

– O quê, enfim?

– Enfim chegamos ao seu *lá*. O seu *lá* de professor. Sua zona de incompetência. Porque, lendo até agora, você toma todos os ares do professor irrepreensível, sem essa! Eu salvo todos os disortográficos da criação, e eu preencho cada um de literatura inesquecível, e eu torno metódicos os espíritos mais confusos! Nunca fracassos, então?

– ...

– Um garoto para quem *isso não cola*, nunca lhe aconteceu?

Pequeno inútil revanchista que explora os meus abismos para acordar meus fantasmas! E funciona! Três rostos aparecem de imediato. Três rostos de fundo de sala de aula, em terminal. Eles têm algumas dezenas de pontos por recuperar para o *bac* de francês, mas permanecem perfeitamente impermeáveis ao que lhes digo sobre Camus, de quem eles devem apresentar *O estrangeiro*. Presentes a todas as aulas, mas totalmente distantes. Três *estrangeiros* pontuais, de quem jamais pude arrancar o menor sinal de interesse e cujo silêncio me acuou nas aulas magnas. Meus três Mersault\* ... Eles se tornaram

---

\* Narrador do romance de Albert Camus, *O estrangeiro*. Personagem indiferente ao mundo que o cerca e aos seres que encontra. (N. da T.)

uma espécie de obsessão. O resto da turma não era suficiente para tirá-los da minha frente.

– Isso é tudo?

– ...

– Isso é tudo? São só esses três, então?

Não, houve Michel no segundo colegial, dezessete anos e pouco que, expulso em todas as partes, recebido por minha recomendação, e que em tempo recorde provoca uma desordem-monstro no estabelecimento e acaba por explodir na minha frente (“Mas eu não lhe pedi nada, puta merda!”) antes de desaparecer não sei em que vida.

– Você quer outros? Um bando de pequenos ladrões que iam roubar nas grandes lojas de departamentos apesar das minhas lições de moral, isso chega?

– Fica melhor dizendo.

– Vá tomar... eu conheço muito bem o seu prazer de nulidade a dar lição para o mundo inteiro! Se eu tivesse escutado você, não teria ensinado a ninguém, teria me levantado uma manhã bem cedo para ir passear sobre o abismo de La Gaude.

Riso de escárnio:

– Resultado, eu estou sempre por aqui, com você. O lerdo caminha de lado e se agarra, questão de etimologia...

Fim da nossa conversa. Até a próxima. Ele se eclipsa nas minhas profundezas, deixando-me, mesmo assim, o remorso de algumas aulas preparadas na correria, alguns pacotes de correções devolvidas com atraso, apesar das minhas resoluções...

Nosso *lá* de professor. O espaço fechado de nossos bruscos cansaços quando tomamos a medida das nossas renúncias. Uma prisão suja. Nós chegamos lá dando voltas, geralmente mais preocupados em buscar culpados do que em encontrar soluções.

**B**em, a escutar o zumbido de nossa colmeia pedagógica, desde que nós nos desencorajamos, nossa paixão nos leva a procurar culpados. A educação nacional parece, aliás, estruturada para que cada um possa, ali, designar o seu:

– O maternal e o jardim não os ensinaram a se comportar? – pergunta o professor do fundamental diante de pequenos agitados como bolas de fliperama.

– O que eles fizeram no fundamental? – reclama o professor que recebe na sexta série aqueles que ele considera iletrados.

– Alguém pode me dizer o que eles aprenderam na nona série?! – exclama o professor do colegial diante da propensão dos seus alunos da segunda a se exprimir sem vocabulário.

– Eles vieram realmente do liceu? – interroga-se o professor de faculdade, desfolhando seu primeiro pacote de exercícios.

– Expliquem-me o que foi que fizeram na universidade – brada o industrial diante de seus jovens recrutados.

– A universidade forma exatamente o que o seu sistema deseja – responde a recrutada, nada boba –, escravos incultos e clientes cegos! As grandes escolas formam os seus contramestres, perdão, os seus “quadros”, e os seus acionistas fazem girar a tábua de dividendos.

– Demissão da família – deplora o Ministério da Educação nacional.

– A escola já não é o que era – lamenta a família.

A tudo isso se acrescentam as disputas internas de toda instituição que se respeite. A eterna controvérsia entre antigos e modernos, por exemplo:

– Vergonha, os “pedagogos emburrecedores”! – gritam os “republicanos”, críticos ferozes da demagogia.

– Abaixo os republicanos elitistas! – respondem os pedagogos em nome da evolução democrática.

– Os sindicatos emperram a máquina! – acusam os funcionários do Ministério.

– Nós ficamos vigilantes! – dão o troco os sindicatos.

– Tal porcentagem de iletrados na sexta não se via no meu tempo! – deplora a velha guarda.

– No seu tempo, o colégio só acolhia conselheiros de calça curta – ataca o brigão –, era no bom tempo, não é?

– O retrato da sua mãe, é o que você é, garoto! – fulmina o pai, irritado.

– Se você tivesse sido um pouco mais severo com ele, não estaria assim – responde a mãe ultrajada.

– Como se pode trabalhar numa atmosfera familiar dessas? – lamenta-se o adolescente deprimido ao ouvido do professor compreensivo.

Até o próprio lerdo que, depois de ter usado uma metódica ferocidade para mandar seu professor se tratar no hospital de uma longa depressão nervosa, é o primeiro a explicar piamente a você:

– O professor tal não tinha autoridade.

E, como se tudo isso não bastasse, temos sempre o recurso de nos designar, a nós mesmos, como aquele que usa o chapéu da nossa incompetência:

– Não posso fazer nada, sou assim mesmo – escrevia à sua mãe o lerdo que eu fui, pedindo que exilassem no fundo da África o mister Hyde que me impedia de ser um bom doutor Jekyll.

Tenhamos um sonho refrescante. A professora é jovem, direta, não formatada, nem esmagada pelo peso da fatalidade, está perfeitamente presente, e sua classe está cheia de todos os alunos, pais, colegas e empregadores da França e Navarra, a que se juntaram – acrescentaram cadeiras – os dez últimos ministros da Educação nacional.

– Verdadeiramente, não podemos fazer nada? – pergunta a jovem professora.

A turma não responde.

– É exatamente isso o que eu escutei? “Não se pode fazer nada?”

Silêncio.

Então, a jovem professora estende um giz ao último ministro no posto e pede:

– Escreva-nos isso no quadro: *Não se pode fazer nada.*

– Não fui eu quem disse isso – protesta o ministro –, foram os funcionários do Ministério! É a primeira coisa que eles anunciam ao novo que chega: “De qualquer maneira, senhor ministro, não se pode fazer nada!” Mas eu, com todas as reformas que propus, não posso ser suspeito de ter dito uma coisa dessas! Não é minha culpa se tantos pesos impedem meu talento reformador de se exprimir!

– Pouco importa quem disse – responde a jovem e sorridente professora –, escreva-nos isto no quadro: Não se pode fazer nada.

*Não se pode fazer.*

– Acrescente o nada. Faz parte do problema esse *nada*. E não é pouco!

*Não se pode fazer nada.*

– Perfeito. E o que é esse *nada* para você?

– Não sei.

– Está bem, meus amigos, é absolutamente necessário que encontremos o que ele quer dizer, esse *nada*, senão estaremos todos fodidos.

## IV

# VOCÊ FAZ ISSO DE PROPÓSITO

*Eu não fiz isso de propósito.*

# 1

Vercors, ano passado. Estamos bebendo um vinho, V. e eu, no terraço de *La Bascule*, vendo calmamente o rebanho de Josette voltar do pasto. V., que tem como eu a idade da aposentadoria, me pergunta sobre o que estou escrevendo no momento. Eu digo:

– Ah! o mau aluno! Bom, conheço um bocado disso porque eu não era uma flecha na escola, sou eu que lhe digo.

Um tempo.

– Eu a deixei logo que pude. Oh, lá!

Josette acompanha de bicicleta as suas vacas. Ela é ladeada por dois collies que trotam com patas muito brancas.

– Fui estúpido – continua V. –, mas o que é que você quer? Nessa idade a gente só escuta o próprio sangue.

Um tempo.

– Porque a escola tem a sua utilidade! Se eu tivesse ficado, em lugar de me matar para ganhar quase nada, seria patrão hoje em dia, iria dirigir multinacionais! Boa-tarde, Josette!

– ...

– Quero dizer, eu ia dirigi-las para o precipício. E, quando eu as tivesse mandado para o fundo, iria embora com um cheque gordo e as felicitações do presidente.

O rebanho passou.

– Em lugar disso...

V. fica pensando. Ele se sente tentado pela autobiografia, mas desiste:

– Enfim, eu não fiz de propósito...

Para um instante nessa constatação.

– Sem brincadeira. Eles pensavam que eu fazia de propósito, mas não. Eu era como um cachorrinho, corria atrás da minha trufa.

O fato é que uma das acusações mais frequentes feitas pela família e pelos professores do mau aluno é o inevitável “Você faz isso de propósito!”. Seja imputação direta (“Não venha me contar história, você faz isso de propósito!”), seja exasperação consecutiva a uma milésima explicação (“Mas não é possível, você faz isso de propósito!”), seja, ainda, informação destinada a um terceiro que o suspeito terá a surpresa, digamos, de ouvir na porta de seus pais (“Estou lhe dizendo que esse garoto faz isso de propósito!”). Quantas vezes eu mesmo ouvi e depois pronunciei essa acusação, dedo em riste na direção de um aluno ou da minha própria filha quando ela estava aprendendo a ler, se ela titubeava um pouco. Até o dia em que me perguntei o que é que eu estava dizendo.

Você faz isso de propósito.

Em todo o caso, a vedete da frase é o *de propósito*, associado diretamente ao pronome *você*. Você de propósito! O verbo *fazer* é secundário, e o demonstrativo *isso*, perfeitamente incolor. O importante, o que soa no ouvido do acusado, é justamente este *você de propósito* que faz pensar no dedo em riste.

É você o culpado,  
o *único* culpado,  
e *voluntariamente* culpado, com isso!

Essa é a mensagem.

O “Você faz isso de propósito” dos adultos faz par com o “Eu não fiz isso de propósito” servido pelas crianças por uma besteira cometida.

Proposta com veemência, mas sem grandes ilusões, “Eu não fiz isso de propósito” provoca quase automaticamente uma das respostas seguintes:

- Eu espero!
- Ainda bem!
- Só faltava essa!

Esse diálogo reflexo não data de ontem, e todos os adultos do mundo acham que a réplica é espiritual, pelo menos da primeira vez.

No “Eu não fiz isso de propósito”, a expressão *de propósito* perde um pouco da sua força, o verbo *fazer* não ganha nenhuma, continua como uma espécie de auxiliar, e o demonstrativo *isso* continua sem valor. O que o faltoso busca fazer soar em nossos ouvidos, aqui, é o pronome *eu* associado à negação *não*.

Ao *você de propósito* do adulto responde o *eu não* da criança.

Sem verbo, sem complemento, só estou eu lá dentro, esse *eu* afligido desse *não*, que diz que, nesse negócio, eu não me pertenco.

- Mas é lógico que sim, você fez isso de propósito!
- Não, eu não fiz de propósito!
- Você de propósito!
- Eu não!

Diálogo de surdos, necessidade de chutar a bola para frente, retardar a solução do caso. Separamo-nos sem solução nem ilusões, uns persuadidos de não ser obedecidos, outros, de não ser compreendidos.

É aqui que a gramática pode ainda se mostrar útil.

Se nos permitimos, por exemplo, nos interessar por esta palavra quase invisível, abandonada no terreno da disputa, o *isso* que escapuliu de mansinho do nosso diálogo.

Vamos lá, um pequeno exercício de gramática à antiga, só para ver, como eu fazia com os meus “acomodados”.

– Quem pode me dizer que tipo de palavra é o *isso*, em “Você faz isso de propósito”.

- Eu, eu! É um adjetivo, professor!
- Um adjetivo? Por que um adjetivo?
- Porque... bem...
- E onde se encontra o substantivo a que ele se refere?
- ...

Busca.

Embaraço.

Não é um adjetivo.

O que é então o *isso*?

– ...

– ...

– É um pronome, professor!

– Muito bem. Que gênero de pronome?

– Um pronome demonstrativo!

– Mais ainda?

– Demonstrativo e invariável!

Bom. Muito bem. É assim. Agora, deixemos a classe e voltemos para nós mesmos, analisemos esse pronome entre adultos. Com prudência. São palavras perigosas, minas enterradas sob o sentido aparente e que explodem no rosto se os detonadores não são retirados. O *isso*, por exemplo. Quantas vezes nos perguntamos, pronunciando a acusação “Você fez isso de propósito”, o que exprimia o pronome demonstrativo *isso*, no caso? Fazer o quê de propósito? Uma nova besteira no dia? Não, o tom sobre o qual lançamos a acusação (porque há o tom, também!) deixa entender claramente que o culpado o faz sempre de propósito, que a cada vez ele faz de propósito, que essa última besteira é a confirmação dessa obstinação. Então, fazer o quê de propósito?

Não me obedecer?

Não estudar?

Não se concentrar?

Não entender?

Nem mesmo procurar entender?

Provocar-me raiva?

Exasperar os professores?

Ceder às piores fraquezas?

Sabotar o futuro estragando o presente?

Zombar de todo o mundo?

É isso, então, você zomba do mundo? Você está nos provocando?

É um pouco de tudo isso, vamos admitir.

Apresenta-se agora a questão da expressão *de propósito*. Por que *de propósito*? Com que fim? Por que razão ele agiria assim? É preciso que haja um objetivo, já que ele faz *de propósito*.

De propósito para quem?

Para se divertir um instante? Simplesmente se divertir? Mas o inevitável instante seguinte, o que ele passa comigo, é um péssimo quarto de hora, porque eu dou bronca nele! Quem sabe ele quer viver tranquilamente em estado de preguiça, indiferente às broncas? Uma espécie de hedonismo? Não, ele sabe muito bem que a felicidade de não fazer nada se paga ao preço dos olhares de desprezo, das reprovações definitivas que engendram o desgosto de si mesmo. Então? Por quê, mesmo assim, ele faz isso *de propósito*?

Para obter a consideração dos outros lerdos? Por que aplicar-se seria trair? Ele joga voluntariamente os maus contra os bons, os moços contra os velhos? Essa é a maneira dele de se socializar?

Pode ser. Em todo o caso, é a tese favorita da modernidade: a tribalização da inutilidade, a fuga de todos os maus alunos no vasto mangue onde se agita a ralé. Tem algo de cômodo essa explicação, ela repousa sobre certa verdade sociológica, o fenômeno existe, sem dúvida. Mas ela esvazia a pessoa, sempre única, do menino que, fenômeno de bandos ou não, se encontra sozinho num momento ou noutro, sozinho diante dos seus fracassos, sozinho diante do seu futuro, sozinho, de noite, diante de si mesmo antes de se deitar. Vamos vê-lo então. Olhe bem para ele. Quem poderia apostar um centavo no seu sentimento de bem-estar? Quem poderia suspeitar de que faz *isso de propósito*?

Você faz isso de propósito...

Para dizer a verdade, nenhuma dessas explicações é absolutamente satisfatória. Todas servem mais ou menos, mas...

Aqui, uma hipótese:

Seria possível que, no maior desprezo de todas as regras gramaticais, o pronome demonstrativo *isso* designasse também um objeto exterior à frase? Nós mesmos, por exemplo... A degradação da nossa imagem aos nossos próprios olhos. Nossa imagem, que precisa tanto, também ela, do seu bom espelho!

Um *isso* que acusaria o outro – aqui, o mau sujeito – de me mandar de volta a imagem de um adulto impotente e inquieto, vítima de uma incompreensível recusa. Deus sabe, portanto, que são sadios os princípios que eu quero inculcar nessa criança! É legítimo o saber que eu dispenso a esse aluno!

À solidão da criança responde minha própria solidão de adulto. Você faz isso de propósito.

E quando se trata de uma classe inteira, quando uns trinta alunos se põem a fazer isso de propósito, o professor que eu sou fica com a clara sensação de ser um objeto de linchamento cultural. E se o *isso* afeta toda uma geração – “seria inimaginável no meu tempo!” –, se gerações sucessivas fazem isso de propósito, então nós estamos vivendo como os últimos representantes de uma espécie em via de desaparecimento, os sobreviventes da última época em que a juventude (nós mesmos, naquele tempo) nos era compreensível... E nós nos sentimos bem sozinhos em nossa velha vida, sempre lúcidos, é certo, vigilantes, e como!, competentes, oh, quanto!, entre nós mesmos, como quando éramos jovens, nós, testemunhas que somos das idades civilizadas, que continuamos a pensar justamente, excluídos do que se tornou, apesar de nós, o real.

Excluídos.

Porque esse sentimento de exclusão não afeta somente as populações rejeitadas do enésimo círculo da periferia, ele nos ameaça a nós também, maiorias do poder, assim que nós cessamos de entender uma parcela daquilo que nos rodeia, assim que o perfume do insólito infecta o ar do tempo. Que desalento sentimos então! E como ele nos leva a designar os culpados!

– Você faz isso de propósito!

Um pronome tão pequeno para tanta solidão!

Um parêntese a propósito desse sentimento de exclusão das maiorias inquietas. Quando eu era adolescente, éramos ao menos dois a fazer isso de propósito: Pablo Picasso e eu. O gênio e o lerdo. O lerdo não fazia nada, e o gênio fazia algo, mas de propósito, ambos. Era o nosso único ponto em comum.

Muitas vezes, nas mesas dominicais, os adultos caíam na pele de Picasso: Horrível! Pintura para esnobes! Uma coisa qualquer erigida em arte maior...

Apesar desses ataques, Picasso se propagava como alga: desenho, pintura, gravura, cerâmica, cenários de teatro, literatura mesmo, tudo.

– Parece que ele trabalha na correria!

Uma dessas algas prolíficas, vinda de um oceano monstruoso para poluir os golfos de arte tranquilos.

– É um insulto à minha inteligência, não vou aceitar nunca que alguém zombe de mim.

A tal ponto que, um domingo, eu tomei a defesa de Picasso, perguntando à senhora que acabava de repetir essa acusação pela enésima vez se ela pensava *seriamente* que, naquela manhã, o artista teria acordado com a ideia de pintar rapidamente uma pequena tela com o único objetivo de zombar da senhora Geneviève Pellegrue.

A verdade é que essas honestas criaturas começavam a sofrer de um sentimento de exclusão; entravam na solidão. Empréstavam ao pintor uma assustadora capacidade de deglutição. O charlatão encarnava, nele apenas, um universo novo, um amanhã ameaçador em que uma horda de Picassos transformaria todas as Pellegrues do mundo em uma só pateta.

– Essa não, eu não! A mim ele não pega!

Geneviève Pellegrue ignorava que o estômago era ela, que ela ia digerir Pablo Picasso como o restante, lentamente, é certo, mas inexoravelmente, a tal ponto que, quarenta anos depois, seus netos rodariam num dos carros familiares mais feios jamais concebidos, um supositório gigante a que os novos Pellegrues dariam o nome do artista e que os conduziria, num belo domingo de prurido cultural, às portas do Museu Picasso.

**C**andura feroz das maiorias do poder... Ah! os mantenedores de uma norma, qualquer que seja: norma cultural, norma familiar, norma de empresa, norma política, norma religiosa, norma de clã, de clube, de bando, de bairro, norma da saúde, norma do músculo ou do cérebro... Como os guardiões da norma se retraem se sentem no ar o incompreensível, como eles se entregam a viver como resistentes então, como se estivessem sós diante de um complô universal! Esse medo de ser ameaçado por aquilo que sai da fôrma... Ah, a ferocidade do poderoso quando se representa como vítima! Do rico, quando a pobreza acampa na sua porta! Do casal diante da divorciada destruidora de famílias! Do enraizado sentindo a presença daquele que vive a diáspora! Do crente apontando para o descrente! Do diplomado considerando o insondável cretino! Do imbecil orgulhoso por ter nascido em certo lugar! E isso vale para o pequeno chefe de gangue de subúrbio suspeitando do inimigo na calçada do outro lado da rua... Como se tornam perigosos os que compreenderam os códigos para aqueles que não os possuem!

Até mesmo as crianças devem desconfiar deles.

Nunca senti tanto, nem tão medido, e foi numa manhã de solidão, o que é o medo ruim daquele que se sente excluído, confrontado com aqueles que o são realmente.

Nessa manhã, eu não me levanto. Minne está em algum lugar do Sudoeste. Ela está em visita aos alunos de um liceu técnico na região de Toulouse. Escritora convidada. Nessa manhã, então, nada de despertar amoroso sob os auspícios da cafeína. Eu devia me lançar logo no meu livro, mas não, fico na cama, o olhar no vazio, como antigamente diante do dever que eu não fazia (“Não atrapalhem o menino, ele está estudando”). Finalmente, ligo o rádio. Minha estação favorita. É o dia e a hora de um dos meus programas preferidos. Uma vez por semana, ali se cruzam inteligências patenteadas que falam com o tom hoje em dia raro das pessoas que não têm nada para vender. Trocam-se ali, sem pressa, ideias a propósito de ensaios que acabam de ser escritos, com referências judiciosas àqueles que os leram. É exatamente disso que eu preciso, nessa manhã de preguiça; vão pensar por mim. Não contem a ninguém, vou consumir o pensamento tão preguiçosamente como se fosse um folhetim qualquer. Delicioso. Fico com água na boca só de escutar a música que anuncia o programa e, desde a apresentação, me deixo deslizar no tobogã das frases, elevar-me molemente pelas volutas da argumentação, sinto-me bem em terra de conhecimento, confortado pela amenidade das vozes, pela leveza do fraseado, pela proposição bem fundamentada, pelo tom sério, pela acuidade das análises, pelo irrepreensível molho bechamel que o animador do jogo usa para ligar as teses apresentadas, atenuar eventuais divergências e desenvolver copiosamente seu próprio pensamento... Sempre gostei desse programa, entre outras coisas, por suas qualidades de elegância: ali, o real é polido a ponto

de se tornar, para mim, legível, até reconfortante. Acontece que a conversa, nessa manhã, começa a girar em torno da juventude dos “bairros”. Em dado momento, minhas três vozes falam de um filme. Apuro o ouvido. Um filme que parece ter traumatizado o animador do jogo. É um filme sobre o subúrbio. Não, é um filme sobre uma peça de Marivaux. Não, é um filme sobre um projeto pedagógico. Pronto, é isso, é um filme sobre alunos de um liceu de subúrbio montando uma peça de Marivaux sob a direção do professor de francês. Chama-se *A esquiva*. Não é um documentário. É um filme roteirizado como se fosse um documentário. Ele não conta o real, tenta dar a representação mais fiel possível. Escuto com muita atenção porque vi o filme em questão. Eu não estava muito animado, porém: mais um filme sobre a escola e que se passa, mais uma vez, no subúrbio... Eu o vi, entretanto, sem dúvida levado por uma curiosidade atávica (o espírito de tio Jules: “Vá ver *A esquiva*, sobrinho, não discuta!”). E foi um bom momento: um professor guia seus alunos, pelo teatro, para o caminho das mais belas letras. A turma monta *O jogo do amor e do azar*, de Marivaux. Vemos ali os garotos consagrar a esse exercício uma energia e uma concentração que não perturbam nem suas próprias histórias de amor, nem seus problemas de família ou de rua, nem suas rivalidades de adolescentes, nem seus pequenos tráficos, nem as dificuldades de linguagem, nem mesmo a reputação do teatro, essa atividade de “bufão”. Saí do cinema confortado pela certeza que tiro da maior parte de minhas idas aos liceus de subúrbio: tio Jules não morreu! Existem ainda hoje tios Jules e tias Julies que, apesar da extraordinária dificuldade desses salvamentos, vão buscar as crianças onde elas estiverem para as elevar à altura delas mesmas, pelas veredas da língua francesa, a do século XVIII, no caso.

Esse não é, nem um pouco, o sentimento do meu animador de jogo. Nem um pouco confortado, ele. Nem o menor entusiasmo. Saiu do seu cinema horrorizado com a linguagem desses jovens, quando eles cessam de frequentar Marivaux. Meu Deus, esse tom! Esses urros permanentes! Essa violência! Essa pobreza de vocabulário! Essas eructações! A grosseria sexual das injúrias! Ah, como a

língua francesa sofreu nele durante esse filme! Como ele ficou mal, no seu francês! Como ele se sentiu ameaçado nos seus próprios fundamentos! Eu disse ameaçado, mas é condenado! Irremediavelmente condenado por essa repulsa linguística. O que ia se tornar a língua francesa? O que ela ia se tornar, diante dessas hordas de lerdos ber-rantes?

Infelizmente não registrei esse momento de... bravura... mas o essencial está aqui: já não era um homem que falava desses adolescentes, era o medo desse homem. Aliás, os seus interlocutores pareciam um tanto surpresos. O ouvinte adivinhava em meias palavras os meios gestos com que se tentava confortá-lo, mas o fazia em vão; o medo era mais forte.

Por pouco, sozinho na minha grande cama, não acabei por me dizer: Você é louco por ter deixado sua mulher partir para onde estão esses selvagens, eles vão devorá-la crua! Em lugar disso, tive vontade de botar o animador de jogo no colo e protegê-lo. Nã-nã-nã, fique calmo, você sabe que o pobre fala alto. É uma de suas características, uma invariável histórica e geográfica, ele fala alto desde sempre e no mundo inteiro, ele fala mais alto ainda quando está cercado de pobres e esses também falam alto, para ser escutados, você entende? O pobre tem barreira fina. Ele xinga muito, é verdade, mas sem maldade, fique tranquilo, e quanto mais a pobreza desce para o Sul mais o pobre xinga sexualmente, até religiosamente, até os dois juntos, mas de modo natural, por assim dizer, porque ele não encontrou você no caminho para lhe dizer que isso não se faz, veja você que na minha infância, “Putá virgem!” diziam os pobres na minha cidadezinha, eles não paravam de dizer “Putá virgem!”, “*porca maddona*”, eram pobres vindos lá do Sul italiano e no entanto eles não queriam mal nem à puta do sábado à noite nem à Virgem Maria do domingo de manhã, era uma maneira de falar quando eles davam uma martelada nos dedos, era só isso! Uma martelada no indicador e opa! Um pequeno oxímoro: “Putá virgem!”... Você sabia que os pobres praticam o oxímoro? É claro que sim! É um ponto comum entre nós, veja só! Nós, a caneta, eles, o martelo, mas juntos, o oxímoro! É encorajador, não? A você, que teme tanto que a vaga do

jargão deles venha varrer todas as sutilezas, isso devia confortá-lo! Ah! Eu queria lhe dizer também: não tenha medo do jargão deles. O jargão do pobre de hoje é a gíria do pobre de ontem, nem mais nem menos. Toda a vida o pobre fala gíria. Sabe por quê? Para fazer o rico pensar que ele está escondendo alguma coisa! Ele não tem nada para esconder, naturalmente, ele é pobre demais, só uns pequenos tráficos, aqui e ali, mas ele quer fazer crer que é um mundo inteiro o que ele esconde, um universo que nos seria vedado, e tão vasto, que ele teria necessidade de toda uma língua para o exprimir. Mas não existe mundo nem língua. Apenas um pequeno léxico de conivência, algo para se manter aceso, para camuflar o desespero. A gíria não é uma língua, apenas um vocabulário, porque a gramática deles, dos pobres, é a nossa, reduzida ao mínimo é verdade, sujeito, verbo, objeto, mas a nossa, a sua, fique tranquilo, os pobres precisam da nossa gramática para se entenderem entre si. Resta o vocabulário, bem entendido, desses jovens do enésimo círculo, um vocabulário que você considera de uma pobreza insigne (o que, considerado de sua altitude, não é duvidoso), mas ainda uma vez, fique calmo, é tão pobre esse léxico do pobre, que as palavras, em sua maior parte, são levadas pelo vento da história, são umas folhinhas, folhinhas, é pouco pensamento demais para terem lastro... Quase nenhuma delas aparece nas páginas do dicionário: “meuf”, “keuf”, “teuf”,\* por exemplo, para esses jovens de hoje, foi tudo o que encontrei. Procurei sem fazer esforço, é preciso dizer, uns quinze minutos, mas só encontrei “meuf”, “keuf” e “teuf” no dicionário e foi tudo, não é muita coisa, você vê, três palavrinhas muito comuns, e que vão desaparecer, uma vez virada a página da época; os dicionários só garantem um fiapo de eternidade...

Uma última palavra para tranquilizar você plenamente: vá ao correio, abra a porta da sua repartição municipal, pegue o metrô, entre num museu ou num escritório da previdência social e você vai ver, você vai ver, que são a mãe, o pai, o irmão ou a irmã mais

---

\* *Meuf*: mulher, garota, companheira. *Keuf*: policial, tira. *Teuf*: festa. Vocabulário do *verlan*, gíria que consiste em inverter as sílabas de certas palavras. (N. da T.)

velhos desses jovens de linguagem deplorável que vão receber você, sentados do outro lado do guichê. Ou faça como eu, fique doente e acorde no hospital, e você vai reconhecer o acento do jovem enfermeiro que o está empurrando na maca para o bloco das cirurgias:

– Sem susto, meu irmão, eles vão fazer você ficar novo em folha.

O cúmulo é que, nas classes de subúrbio aonde os professores me convidam, uma das primeiras perguntas que me fazem os alunos diz respeito à crueza da minha linguagem. Por que tanto palavrão nos meus romances? (Olhe só, meu amigo, os seus adolescentes tão assustadores manifestam a mesma preocupação que você: Por que tanta violência linguística?) É certo que eles me fazem esta pergunta para agradar ao professor um pouco, para procurar me deixar embaraçado algumas vezes, mas também porque a palavra, aos olhos deles, só se torna palavrão quando está escrita. A gente fica “puto”, na oralidade, a gente “tá cagando” no recreio, a gente manda “pra puta que o pariu” aos montes, mas encontrar a palavra “caralho” ou os verbos “foder” ou “emputecer”, preto no branco, num livro, quando o lugar habitual deles é nas paredes dos banheiros, isso é demais...!

Aliás, é nesse estágio de nossas trocas que, frequentemente, começa uma conversa sobre a língua francesa entre esses alunos e mim: a partir da gíria de meus romances, a partir dessa gíria como linguagem de substituição, de dissimulação e, em todo o caso, de conivência, a propósito do seu uso, na violência, é claro, mas na ternura também (mais ainda que as outras, as palavras de gíria são sensíveis ao tom, e não têm igual quando se trata de passar do insulto à carícia); a propósito de suas origens muito antigas numa França que trabalha há séculos pela sua unidade linguística; a propósito da sua diversidade: gíria de bandidos, gíria de bairro, de ofícios, de meio profissional, de comunidades; a propósito da sua assimilação progressiva pela língua dominante e do papel que, de Villon a nossos dias, a literatura tem nessa lenta digestão (daí a presença do palavrão nos meus próprios romances)... E assim nos vemos falando da história das palavras:

– Porque as palavras têm uma história, elas não saem de nossa boca sem mais nem menos. As palavras evoluem, suas existências são tão imprevisíveis quanto as nossas. Algumas chegam até a dizer o contrário daquilo que diziam no começo: o adjetivo *énervé*,\* por exemplo, podia designar uma pequena rã da qual se tivesse retirado os nervos, um pobre animalzinho de experiência reduzido ao estado de poça, o que nada tem a ver com Mouloud, aqui presente, a quem o vizinho está fazendo ficar *énervé*\*\* e que está se tornando francamente *véneré!*\*\*\* As palavras derivam até mesmo da gíria. Tome-mos a pobre “vaca”, tão tranquila nos pastos e que, com o correr do tempo, passou a designar tantas pessoas de quem não se gostava: a prostituta no século XVII, o policial no fim do XIX e todos as malvadas de hoje!

Foi ao longo de uma dessas conversas que uma professora perguntou aos seus alunos:

– Alguém pode me dar um exemplo de palavra “normal” que se tornou uma palavra de gíria para vocês?

– ...

– Vamos lá, uma palavra que vocês pronunciem cem vezes por dia quando zombam de alguém.

– ...

– ...

– “Bufão”, professora? Um bufão?

– Sim, “bufão”, por exemplo.

– ...

“Bufão”, que ouvi pela primeira vez no começo dos anos 1980, entrou na minha sala quando dois galinhos empinados nos seus esporões se preparavam para sair no tapa.

– Ele me chamou de bufão, professor!

A palavra, que remonta ao século XIII italiano, e que designava os bobos da corte, explodiu diante de mim como sinônimo de “abobado” ou “o todo errado”.

---

\* Em francês, enervado, no sentido de “desenervado”, sem nervos. (N. da T.)

\*\* Enervado, nervoso, irritado. (N. da T.)

\*\*\* *Énervé* em *verlan*. (N. da T.)

Quinze novos anos se passaram, e a injúria designa hoje, para os alunos dessa classe, como para aqueles de *A esquivia* e em geral para os jovens do seu meio e de sua geração, todos aqueles que não partilham os seus códigos, ou seja, os mauricinhos e as patricinhas, aqueles que, na juventude, minha velha mamãe, que entretanto era uma, já chamava de burgueses (“Na verdade, ele tem um espírito demasiadamente burguês”...).

“Burguês”... Eis uma palavra que já viu de tudo e em todas as cores! Do desdém do aristocrata à cólera do operário, passando pelo furor da juventude romântica, pelo anátema dos surrealistas, pela condenação universal dos marxistas-leninistas e pelo desprezo dos artistas de todos os gêneros, a história a tem maltratado com tantas conotações pejorativas, que nenhum filho da burguesia se qualifica abertamente de burguês sem um sentimento confuso de vergonha ontológica.

Medo do pobre no burguês, desprezo do burguês no pobre... Ontem, o blusão negro da minha adolescência já assustava o burguês, depois veio o malandro da minha geração para inquietá-los, os *burgues*; hoje são os jovens dos conjuntos dos subúrbios que dão medo ao bufão. Entretanto, assim como o burguês de ontem não tinha ocasião de encontrar o blusão negro em seu caminho, o bufão, o mauricinho de hoje, não corre o risco de cruzar o seu com um desses adolescentes consagrados às longínquas escadas e entradas de seus prédios.

Quantos desses garotos da periferia o nosso animador de jogo, assustado pelos adolescentes de *A esquivia*, encontrou pessoalmente? Ele pode contá-los nos dedos da mão? Não tem a menor importância, basta que ele os escute falar num filme, ou escutar a música deles trinta segundos no rádio ou ver carros incendiados numa dessas explosões sociais nos subúrbios, para que ele seja tomado de um terror genérico e os designe como o exército de lerdos que vai acabar com a nossa civilização.

V  
MAXIMILIEN  
ou  
o culpado ideal  
*Os professores enchem, senhor!*